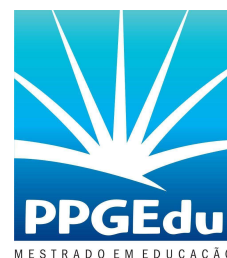




**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**



**VIRGÍNIA FERNANDES FRANZ**

**PRÁTICA DA LEITURA DURANTE O ENCARCERAMENTO FEMININO:  
A EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO**

**RONDONÓPOLIS -MT  
2022**

VIRGÍNIA FERNANDES FRANZ

**PRÁTICA DA LEITURA DURANTE O ENCARCERAMENTO FEMININO:  
A EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO**

Dissertação apresentada à Banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais – ICHS, da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito final à obtenção de título de Mestre em Educação

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Elni Elisa Willms

**RONDONÓPOLIS -MT  
2022**

### Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

Ficha Catalográfica elaborada de forma automática com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

- F837p Franz, Virgínia Fernandes.  
Prática da leitura durante o encarceramento feminino: a experiência de um projeto de extensão [recurso eletrônico] / Virgínia Fernandes Franz. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 99 f., il. color., pdf). – 2022.
- Orientador(a): Elni Elisa Willms.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Rondonópolis, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rondonópolis, 2022.  
Inclui bibliografia.
1. Educação. 2. Leitura. 3. Mulheres. 4. Prisão. 5. Direitos humanos. I. Willms, Elni Elisa, *orientador*. II. Título.



## MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS

PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**TÍTULO: "PRÁTICA DA LEITURA DURANTE O ENCARCERAMENTO FEMININO: A EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO"**

**AUTORA: MESTRANDA VIRGÍNIA FERNANDES FRANZ**

Dissertação defendida e aprovada em **27/09/2022**.

### COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA:

1. Doutora Elni Elisa Willms (Presidente Banca / Orientador)  
Instituição: **Universidade Federal de Mato Grosso / Universidade Federal de Rondonópolis**
2. Doutora Raquel Gonçalves Salgado (Examinador Interno)  
Instituição: **Universidade Federal de Mato Grosso / Universidade Federal de Rondonópolis**
3. Doutor Rogério de Almeida (Examinador Externo)  
Instituição: **Universidade de São Paulo - USP**
4. Doutora Silviane Ramos Lopes da Silva (Examinador Suplente)  
Instituição: **Universidade Federal de São Carlos – UFSCar**

Rondonópolis/MT, 27/09/2022.



Documento assinado eletronicamente por **ROGÉRIO DE ALMEIDA**, Usuário Externo, em 29/09/2022, às 15:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Raquel Gonçalves Salgado**, Docente da Universidade Federal de Rondonópolis - UFR, em 30/09/2022, às 14:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elni Elisa Willms**, Docente da Universidade Federal de Rondonópolis - UFR, em 04/10/2022, às 16:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufrr.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufrr.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0065118** e o código CRC **9DA39E9D**.



## RESUMO

A pesquisa vincula-se ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, campus Rondonópolis (PPGEdu/CUR), na linha de pesquisa Infância, Juventude e Cultura Contemporânea; Direitos, Políticas e Diversidade. O objetivo foi compreender os sentidos produzidos por algumas mulheres sobre as experiências com projetos de leitura desenvolvidos na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis e a existência da relação da leitura com a formação humana. A educação na prisão é um dos deveres materiais de assistência do Estado ao preso, com o objetivo de prevenir o crime e orientar o retorno à convivência social, sendo compreendida como processo transformador, capaz de aprimorar o ser humano. Neste sentido, a partir da visão de servidora pública da Promotoria de Justiça de Rondonópolis, dialogando com o Direito e com a Educação, este trabalho teve como problema a seguinte pergunta: pode a leitura de literatura contribuir para a formação humana de mulheres aprisionadas? Como suporte teórico, fundamenta-se em Antônio Cândido ao defender que literatura é um direito humano e possibilita visões múltiplas do mundo e em Paulo Freire, ao valorizar os saberes da cultura e a importância do ato de ler. Metodologicamente, está ancorada na abordagem qualitativa do tipo etnográfico e fenomenológico, com coleta de dados, análise documental, além de entrevistas semiestruturadas com diferentes participantes desses projetos, sendo três mulheres em privação de liberdade e leitoras, a psicóloga da unidade prisional e uma das professoras da UFMT, participante do Projeto LSG. Conclui-se, com essa pesquisa, que o incentivo à prática da leitura dentro das unidades prisionais pode contribuir para a formação humana das pessoas privadas de liberdade. Além disso, essas informações, possivelmente, contribuirão para outros estudos, que poderão nos ajudar a promover uma discussão e compreensão voltada à área da educação e da promoção da prática de leitura dentro de unidades prisionais.

**Palavras-chave:** Educação; Leitura; Mulheres; Prisão; Direitos humanos.

## ABSTRACT

The research is linked to the Graduate Program in Education of the Institute of Human and Social Sciences of the Federal University of Mato Grosso, Rondonópolis campus (PPGEdu/CUR), in the Childhood, Youth and Contemporary Culture research line; Rights, Policies and Diversity. The objective was to understand the meanings produced by some women about the experiences with reading projects developed in the Female Public Prison in Rondonópolis and the existence of the relationship between reading and human formation. Education in prison is one of the material duties of assistance of the State to the prisoner, with the objective of preventing crime and guiding the return to social coexistence, being understood as a transforming process, capable of improving the human being. In this sense, from the point of view of a public servant of the Prosecutor's Office of Rondonópolis, dialoguing with Law and Education, this work had as a problem the following question: can the reading of literature contribute to the human formation of imprisoned women? As theoretical support, it is based on Antônio Cândido when defending that literature is a human right and allows multiple visions of the world and on Paulo Freire, when valuing the knowledge of culture and the importance of the act of reading. Methodologically, it is anchored in the qualitative approach of the ethnographic and phenomenological type, with data collection, document analysis, in addition to semi-structured interviews with different participants of these projects, three of them women in deprivation of liberty and readers, the psychologist of the prison unit and one of the teachers. from UFMT, participant in the LSG Project. It is concluded, with this research, that encouraging the practice of reading within prison units can contribute to the human formation of people deprived of liberty. In addition, this information will possibly contribute to other studies, which may help us to promote a discussion and understanding focused on the area of education and the promotion of reading practice within prison units.

**Keywords:** Education; Reading; Women; Prison; Human Rights.

## **FIGURAS**

<b>Figura 1 - Cidade de Rondonópolis .....</b>	<b>20</b>
<b>Figura 2 - Entrada da CPFR .....</b>	<b>21</b>
<b>Figura 3 - Corredor de acesso às celas .....</b>	<b>22</b>
<b>Figura 4 - Espaço para crianças visitantes .....</b>	<b>23</b>
<b>Figura 5 - Sala de aula da unidade CPFR .....</b>	<b>26</b>
<b>Figura 6 - Ficha de qualificação do interno da CPFR .....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 7 - Atividades de oficina na CPFR .....</b>	<b>38</b>
<b>Figura 8 - Ilustração de Patrícia Galvão (Pagu) na CPFR .....</b>	<b>42</b>
<b>Figura 9 - Estante de livros da Biblioteca Pagu .....</b>	<b>43</b>
<b>Figura 10 - Mulheres leitoras da Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis .....</b>	<b>44</b>
<b>Figura 11 - Fotografia da placa de entrada da Biblioteca Pagu .....</b>	<b>48</b>
<b>Figura 12 - A Biblioteca continuou a funcionar durante a pandemia .....</b>	<b>53</b>

## **QUADROS**

<b>Quadro 1 - Relação remição de pena e tempo de cumprimento de trabalho .....</b>	<b>25</b>
<b>Quadro 2 - Relação de pseudônimos das mulheres em reclusão ouvidas pela pesquisa .....</b>	<b>27</b>
<b>Quadro 3 - O perfil das mulheres em reclusão da CPFR .....</b>	<b>28</b>
<b>Quadro 4 - Nível de escolaridade das mulheres em reclusão da CPFR .....</b>	<b>28</b>

## **LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1 - Quantitativo de leitoras da unidade prisional CPFR em dezembro de 2021 .....</b>	<b>27</b>
--	-----------

## **LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS**

CPFR – Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CNJ - Conselho Nacional de Justiça

EJA - Educação de Jovens e Adultos

INFOPEN - Sistema Integrado de Informações Penitenciárias

LEP - Lei de Execução Penal

LSG – Leitura Sem Grades

MT - Mato Grosso

PPGEdu - Programa de Pós-Graduação em Educação

CUR – Campus Universitário de Rondonópolis

SEJUDH - Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos

SESP - Secretaria de Estado de Segurança Pública

TCLE - Termo de Consentimento Livre Esclarecido

UP – Unidade Prisional

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1</b>	<b>Breves estudos sobre mulheres em privação de liberdade no Mato Grosso .....</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>TRAJETO METODOLÓGICO.....</b>	<b>17</b>
<b>3.1</b>	<b>Local da Pesquisa: Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis .....</b>	<b>20</b>
<b>3.2</b>	<b>As participantes e o perfil das mulheres da CPFR.....</b>	<b>26</b>
<b>4</b>	<b>O AMBIENTE DA PESQUISA: CONSTRUÇÃO DO CASO.....</b>	<b>31</b>
<b>4.1</b>	<b>O Projeto de Extensão Leituras Sem Grades – LSG.....</b>	<b>33</b>
<b>4.1.1</b>	<b>Estudos potenciais sobre o LSG .....</b>	<b>35</b>
<b>4.2</b>	<b>O Projeto Leitura Para A Liberdade.....</b>	<b>37</b>
<b>4.3</b>	<b>A Biblioteca Pagu .....</b>	<b>40</b>
<b>5</b>	<b>VOZES FEMININAS E A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA.....</b>	<b>46</b>
<b>5.1</b>	<b>Novo sentimento diante da muralha .....</b>	<b>46</b>
<b>5.2</b>	<b>O pensar da professora da universidade sobre a leitura na unidade prisional .....</b>	<b>49</b>
<b>5.3</b>	<b>Os projetos de leitura na perspectiva da psicóloga .....</b>	<b>52</b>
<b>5.4</b>	<b>Mulheres leitoras: histórias de vida, histórias de leitura .....</b>	<b>55</b>
<b>5.5</b>	<b>Resumos para a remição: moral da história .....</b>	<b>66</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>68</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>70</b>
	<b>APÊNDICE A: Roteiro Semiestruturado de Entrevista – Psicóloga.....</b>	<b>73</b>
	<b>APÊNDICE B: Roteiro Semiestruturado de Entrevista - Professora da Escola .....</b>	<b>74</b>
	<b>APÊNDICE C: Roteiro Semiestruturado de Entrevista - Professora pela UFMT .....</b>	<b>75</b>
	<b>APÊNDICE D: Roteiro Semiestruturado de Entrevista – Participantes .....</b>	<b>76</b>
	<b>ANEXO A: Portaria Conjunta 001/2017 de agosto de 2017 .....</b>	<b>77</b>
	<b>ANEXO B: Termo de Consentimento e Compromisso da Instituição envolvida.....</b>	<b>81</b>

<b>ANEXO C: Declaração de Concordância – Autorização da Direção da CPFRR .....</b>	<b>83</b>
<b>ANEXO D: Declaração de responsabilidade do pesquisador.....</b>	<b>85</b>
<b>ANEXO E: Solicitação de autorização para coleta de depoimentos e dados.....</b>	<b>86</b>
<b>ANEXO F: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - prof.<sup>a</sup> Cancionila .....</b>	<b>88</b>
<b>ANEXO G: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - psicóloga Priscila .....</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO H: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Participantes .....</b>	<b>95</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação se vincula à linha de pesquisa “*Infância, Juventude e Cultura Contemporânea; Direitos, Políticas e Diversidade*”, do Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), tendo como título “Prática da leitura durante o encarceramento feminino: a experiência de um projeto de extensão”.

É um trabalho desenvolvido na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis (CPFR) e apresenta como foco central compreender o que acontece a partir dos sentidos que as mulheres em privação de liberdade produzem sobre o que vivem ao participarem dos projetos de leitura que se desenvolvem dentro dessa unidade prisional e compreender, diante das entrevistas coletadas das participantes da pesquisa, a existência da relação da leitura com a formação humana e o seu desempenho como papel importante na tomada de posicionamento diante das questões do seu cotidiano.

Distendido em vários locais de acolhimento institucional da cidade de Rondonópolis, por professores e alunos da Universidade Federal de Mato Grosso - CUR (UFMT-CUR), o Projeto de Extensão Leitura Sem Grades (UFMT, 2018), denominado doravante por LSG, possui como objetivo, no âmbito da fundamentação teórica, levar a leitura e a escuta como grande contribuinte para a formação humana, através da experiência com a literatura, pela possibilidade de colocar o leitor em contato com sentimentos e interpretações de vida.

Salienta-se que, dentre esses locais de desenvolvimento do projeto, escolheu-se a CPFR para este trabalho, onde esta pesquisadora tem acesso como servidora do Ministério Público do Estado de Mato Grosso, na Promotoria de Justiça com atribuição na execução das penas e, vem, há mais de dez anos, acompanhando, *in loco*, as mazelas e, também, os júbilos durante o tempo de permanência das mulheres em privação de liberdade. Ademais, traz-se a história do Projeto Leitura para a Liberdade, desenvolvido a partir do Projeto Leitura Sem Grades e apresentado pela 5ª Promotoria de Justiça Criminal de Rondonópolis e pela 4ª Vara Criminal de Rondonópolis em parceria com a UFMT-CUR.

Como referencial teórico, busca-se demonstrar o potencial formador da literatura na perspectiva de Paulo Freire (1989), que enfatiza que a leitura de mundo antecede a leitura da palavra, já que é próprio do ser humano a busca por significados, ou seja, essa capacidade que todas as pessoas têm de dizer o mundo com suas palavras, a partir de suas experiências e que dá o suporte para a realidade vivida, é a base para qualquer construção de conhecimento, e Antonio Cândido (2011) que defende que, pelo acesso à literatura, se pode promover a

humanização das pessoas. Com Todorov (2008), buscamos apontar que “A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (p.76).

Este trabalho que trata de mulheres encarceradas, em sua simplicidade, porém, escrito com muito esforço nesse momento pandêmico de Covid-19 que nos assolou, fazendo adaptar e alterar algumas ações, poderá ajudar a promover uma discussão e compreensão voltada à área da educação e da prática de leituras e de literatura como contributo à formação humana e pela oportunidade, ao buscar novos caminhos de conhecimento pessoal e social, de contar e registrar informações que possivelmente contribuirão para outros estudos.

Nessa perspectiva, este trabalho utilizou-se da pesquisa com abordagem qualitativa do tipo etnográfica, delineando-se, especificamente, nos seguintes objetivos:

a) Identificar por meio de pesquisa bibliográfica, de conceitos, abordagens e sentidos sobre leitura, sistema prisional e ressocialização;

b) Realizar pesquisa documental sobre a história dos Projetos de Extensão Leituras Sem Grandes e Leitura para a Liberdade;

c) Coletar entrevistas de diferentes segmentos de mulheres participantes do projeto de extensão LSG;

d) Compreender os sentidos produzidos pelas mulheres privadas de liberdade, pela psicóloga da CPFR e de uma professora da universidade, todas entrevistadas, sobre suas experiências nos projetos de leitura;

Assim, está organizado o texto desta dissertação:

Na **introdução e capítulo um**, apresenta-se uma breve descrição do trabalho acadêmico, o caminho metodológico percorrido e sua divisão em capítulos.

No **segundo capítulo** utiliza-se, como construção teórica, autores que trazem concepções sobre leitura e a literatura como processo de formação.

O **terceiro capítulo** descreve o trajeto metodológico, com a exposição do objetivo, da entrada em campo com todos os percalços por conta do período marcado pela “suspensão da normalidade” das atividades acadêmicas e do cotidiano no sistema prisional.

No **quarto capítulo** se aborda o surgimento do interesse pela pesquisa, trazendo fatos, histórico pessoal e profissional que contribuíram para escolha da temática, dialogando sobre o interesse de uma bacharela em Direito por este tema no âmbito da Educação. Adiante, retrata-se o percurso do desenvolvimento do Projeto LSG e do Projeto Leitura para a Liberdade e a estruturação da Biblioteca Pagu.



No **quinto e último capítulo**, conta-se um pouco da pesquisa de campo e expõe-se as palavras das participantes da pesquisa - duas profissionais envolvidas diretamente com a leitura no cárcere e três mulheres privadas de liberdade – e analisa-se o que acontece a partir dos sentidos que as mulheres em privação de liberdade produzem sobre o que vivem ao participarem dos projetos de leitura que se desenvolvem dentro da CPFR, a fim de compreender se há relação da leitura com a formação humana e o seu desempenho como um papel importante na tomada de posicionamento diante das questões do cotidiano prisional.

Nas **considerações**, é reforçada a questão pela contínua busca na promoção de discussão e compreensão voltada à área da educação, partindo do princípio de que a leitura e a literatura na prisão são umas das ferramentas para a efetividade dos Direitos Humanos, como contributo à formação humana, na construção de identidade pessoal, na reafirmação enquanto sujeitos e cidadãos, registrando-se, com isso, informações que poderão contribuir para outros estudos.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Traz-se, para este trabalho, a fundamentação teórica assentada, principalmente, nas ideias de Antonio Candido (1995; 2004; 2011) acerca do valor da literatura para a formação humana do indivíduo, de Paulo Freire (2001), ao discutir a importância do ato de ler, bem como de Tzvetan Todorov, sobre o papel da literatura.

Em nossa atual sociedade e neste momento histórico da nossa civilização a prática e a experiência da leitura constituem-se em uma das condições para a plena participação no mundo da cultura e a construção de significados e sentimentos, se distanciar ou compreender melhor os fatos, poder criticar, acrescentar, questionar e concordar com o vivido. Como um direito universal, a literatura deveria fazer parte do nosso cotidiano, pois através da prática da leitura o ser humano pode buscar melhor se realizar e compreender um pouco mais a si e ao seu entorno.

Antônio Candido (2011) ensina que a literatura é um direito humano porque é um bem indispensável à nossa humanização, pois traz funções fundamentais para o nosso desenvolvimento através do estímulo e alimento à imaginação e a facilidade da comunicação, provoca e possibilita o exercício da alteridade ao nos colocar no lugar de outro, e, ainda, nos faz enxergar o mundo de novas maneiras.

É certo que nenhum ser humano vive sem sonhos, sem imaginação: sem isso, não teríamos identidade cultural, a qual é formada durante o longo processo de inserção em uma determinada sociedade e sua cultura. A literatura estimula a imaginação e pode propiciar a tomada de consciência com relação a aspectos que às vezes parecem obscuros: sentimento de perda, de abandono, rejeição, a culpa, as tantas dificuldades pelas quais passam os personagens que se apresentam ao leitor como uma oportunidade de autoconhecimento.

Para o desenvolvimento da pesquisa, por exemplo, pôde-se observar com um olhar diferenciado o tanto que ela é transformadora e humanizadora, sendo uma forma de conhecimento ao passo em que traz questões existenciais que nos tocam desde a infância e possibilitam a reflexão durante a fase adulta. Como apontado por Candido (2004, p. 174): “porque pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo”.

Durante o processo de pesquisa e de atenção aos detalhes oferecidos quando da saída em campo pôde-se perceber que a formação do cidadão crítico passa pela leitura e pela literatura, através da oportunidade de ouvir as mulheres entrevistadas e pelo aprendizado que obtive ao ouvir as tantas histórias que me entregaram, sob a forma de entrevista.

O ato de ler e da compreensão crítica implica conferir poderes à pessoa na medida em que ela desenvolve maior segurança e capacidade de percepção das mazelas sociais e de tomada de posicionamentos e atitudes, nos tornando solidários e amáveis, sendo que, pautando em Candido (2011, p. 193) pode-se afirmar que: “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”.

A mensagem pode ser associada a um ensinamento deixado pela disciplina “Literatura e educação: itinerários de formação” por meio da professora Elni Elisa Willms: quando vamos para a literatura, nunca voltamos de mãos vazias, por aliar ao pensamento racional a educação e a sensibilidade. Assim, a leitura e a literatura vêm ao encontro deste trabalho, pois a oferta de educação por meio do acesso à leitura, ao diálogo e à arte, no ambiente prisional, pode proporcionar às mulheres aprisionadas uma visão diferente.

Acredita-se que por meio do acesso à literatura as pessoas poderão encontrar alguns elementos para melhor operar no mundo, tornando-se, quem sabe, mais capazes de transformar suas percepções de mundo. Ao longo da pesquisa pode-se perceber, ainda, que a mulher encarcerada, em sua maioria negra, tem sua luta e dificuldade, trajetória e percepção de mundo, porém, enquanto sujeitas à estigmatização podem se encontrar em situação de descarte do convívio social diante da ausência de conscientização de que todos somos iguais, humanos e devemos nos preocupar com o próximo.

Isso se deve ao fato de que os direitos humanos se apresentam como normas de caráter principiológico, onde a igualdade trazida deveria prevalecer, sendo que a dignidade da pessoa humana norteia toda relação existente entre Poder Público e sociedade. No entanto, observa-se que, em uma sociedade de estrutura patriarcal, racista e de profundas desigualdades sociais, os direitos humanos não se aplicam para todos/as, visto que há pessoas que, dentro dessa lógica, são consideradas menos humanas e ou não humanas do que outras, conforme estatutos de inteligibilidade, visibilidade e reconhecimento social.

Especificamente com relação à população carcerária, de muitas formas esquecida pelo Estado, praticamente não se observa uma política de ressocialização, como também não existe tratamento dentro das unidades prisionais para vícios de drogas e de álcool. Como se quer que essas pessoas voltem com dignidade à sociedade? Grosso modo, parece que o Estado e a sociedade querem que essas pessoas que cometeram infrações apenas tenham medo e andem de cabeça baixa, carregando consigo o estigma de criminoso? Onde está a política pública?

Aquille Mbembe (2018) escreve, estuda e reflete sobre o conceito de necropolítica, ou seja, uma forma de os Estados exercerem a soberania pela decisão de escolher quem deve

morrer e quem deve viver na sociedade: “ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação do poder” (MBEMBE, 2008, p. 5).

E é a partir do racismo que se desenvolve o poder de ditar quem deve viver e quem deve morrer, numa política de Estado que se pauta em um exercício contínuo de letalidade:

[...] racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “este velho direito soberano de matar”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornas possíveis as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é “a condição para aceitabilidade do fazer morrer” (2018, p. 18).

Aqui, se traz a correlação da necropolítica com a interpretação da teoria das escolhas trágicas, termo utilizado em direito, advindo da própria história da humanidade e da literatura grega, como base teórica para a caracterização dessa teoria, que se insere na discussão da efetivação das políticas públicas constitucionalmente determinadas diante da escassez de recursos públicos que, muitas vezes, faz com que o administrador público priorize a concretização de determinado direito fundamental em detrimento de outro.

Cumprе salientar que a teoria das escolhas trágicas é corrente de pensamento criada na década de 1970, sob o título *tragic choices* e que na década de 2000, o Supremo Tribunal Federal acolheu a tese diante da tensão dialética entre direitos fundamentais, que possuem igual importância. E, assim, para os casos em que não é possível privilegiar todos os objetivos estabelecidos pela Constituição diante da limitação de recursos públicos, traz-se a justificativa que, entre um ou outro direito, ambos amparados constitucionalmente, vem a “escolha trágica”, ou seja, o prejuízo para um lado, ressaltando que, em muitas soluções de conflitos, sobressai o constante argumento do princípio da proporcionalidade e da técnica da ponderação de valores ou interesses. Com isso, questiona-se: será que os direitos da população carcerária brasileira são escolhidos frente aos demais direitos da sociedade em geral?

Retorno a visão de Candido (1995) acerca da literatura como um direito de todo ser humano, relacionada à luta pelos direitos humanos ao passo em que esta relaciona-se com a capacidade de confirmar a humanidade do próprio homem. Reputa-se importante que Candido (2011) chama de literatura tudo aquilo que tem toque poético, ficcional ou dramático nos mais distintos níveis de uma sociedade, em todas as culturas, desde o folclore, a lenda, anedotas e até formas complexas de produção escritas das grandes civilizações.

Defende-se, ainda, a ideia de que não há um ser humano sequer que viva sem alguma espécie de fabulação/ficção, pois ninguém é capaz de ficar as vinte quatro horas de um dia sem momentos de entrega ao “universo fabulado”. Com base em Tzvetan Todorov (2008) classifica-se a literatura como experiência necessária ao aprimoramento estético do ser humano. A

experiência de levar a literatura para as pessoas pode nos colocar além daquele local ou daquela limitação de espaço. Pode abrir caminhos, perspectivas.

[...] o escritor é aquele que observa e compreende o mundo em que vive antes de encarnar esse conhecimento em estórias, personagens, encenações, imagens, sons. Em outros termos, as obras produzem o sentido, e o escritor pensa, [...] e o resultado é este: ao possibilitar a inclusão do pensamento do autor, no debate infinito de que é objeto a condição humana, o estudo literário torna-se uma lição de vida (TODOROV, 2008, p. 91).

Com base em Todorov (2008, p. 32) afirma-se que o leitor, em geral, busca as obras de literatura para “encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo”. A etapa da conversa com as participantes possibilitou, inclusive, uma remessa aos estudos do autor, conforme descreveu:

Hoje, se me pergunto porque amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver [...] ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com as experiências e me permite melhor compreendê-las, [nesse sentido], a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo (TODOROV, 2008, p. 23).

Paulo Freire (2001) ao discutir a importância do ato de ler, de que a leitura de mundo precede a da palavra e com esta tem estreita relação, deixa clara sua concepção de leitura como um ato de garantia da cidadania e de conhecimento que tem a palavra como extensão da vivência no mundo e da possibilidade de reescrevê-lo através do ganho de percepção crítica, interpretação e reescrita, pois estes são a partida e a chegada para uma verdadeira educação política transformadora. Depreende-se, portanto, que para o autor o ato de ler abrange mais do que decodificar os sentidos linguísticos, pois, é preciso buscar a compreensão do conteúdo lido para compreender também o momento vivido e, assim, libertar-se das ideologias que impedem a busca por condições éticas para a construção de uma sociedade solidária, tal como afirma Freire: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 2001, p. 11).

De acordo com Paul Ricoeur (1990) pode-se compreender que todo discurso surge como um evento realizado temporalmente e no presente, consistente no fato de alguém falar, de alguém se exprimir tomando a palavra para criar um mundo, estabelecendo pontes para a comunicação com o outro. Para o autor, compreender é captar-se diante do texto, pois a proposição de um mundo se encontra diante do texto.

Assim, pode-se observar que a literatura pretende alcançar os leitores e, assim, deve ser ofertada em qualquer ambiente, continuando a ser ofertada no decorrer de toda a vida do ser humano. E, para tanto, uma biblioteca vira um espaço de trabalho, individual e coletivo, de alcance imensurável de diálogo, onde a leitura deve ser vivida na sua essência, contemplando todas as manifestações populares (literatura clássica, religiosa, autoajuda, ficção, romance, etc).

Percebe-se em nossas incursões na CPFR que a leitura se torna um instrumento que proporciona diversos aprendizados e pode colaborar com a formação da personalidade e com compreensão sobre diversos fatos da vida.

## **2.1 Breves estudos sobre mulheres em privação de liberdade no Mato Grosso**

Para ampliar o conhecimento em torno do tema de interesse buscou-se por produções acadêmicas brasileiras de modo a possibilitar maior familiaridade com métodos e referenciais teóricos. Nesse sentido, Silva e Tiellet (2020) contribuíram substancialmente com o aprofundamento no aprisionamento feminino ao abarcar eixos como o que pensam as mulheres privadas de liberdade sobre família, delito, sistema prisional, ressocialização e como se relacionam com a Educação.

As autoras evidenciam o cotidiano das reclusas, explorando como ocupam o tempo ocioso e constroem suas relações interpessoais, conjunto de crenças e o que pode ser feito na unidade prisional para desenvolver projetos diversos com o intuito de fomentar benefícios e qualificação para as internas. Oliveira (2010) abarcou em sua pesquisa de Pós-Doutorado uma dinâmica de leitura de um grupo de mulheres em privação de liberdade da Penitenciária Feminina Ana Maria do Couto May, situada em Cuiabá-MT. A autora conduziu entrevistas com aproximadamente 20 mulheres selecionadas pelo grau escolar e limite de pena aplicada. Conforme Oliveira (2010, p. 200):

No que se refere à leitura, a maneira como as apenadas se expressam sobre sua trajetória escolar e pessoal não as aproximou do que se denominam práticas socioculturais de leitura, isto é, não se constituíram inteiramente como sujeitos de sua história de leitura. Isto vem significar que o letramento, seja escolar, seja pessoal, está em descompasso com o letramento social, embora tenham um nível de escolaridade que poderia permitir maior contato com o universo de gêneros do discurso.

Assim, é possível compreender um pouco sobre o tema educacional de mulheres em privação de liberdade no estado de Mato Grosso, o que vem somar e assistir na compreensão dessa temática para o presente trabalho no contexto estadual.

### 3 TRAJETO METODOLÓGICO

Este trabalho foi pensado e desenhado por pesquisa do tipo etnográfica, de natureza descritiva e exploratória, com revisão bibliográfica dando o suporte teórico. Ocorreu na CPFR, nos meses de fevereiro a dezembro de 2021, onde se produziu, no contexto dos encontros, narrativas de mulheres que participaram do projeto de extensão LSG, como a psicóloga e uma das professoras da universidade, além dos relatos de três mulheres em privação de liberdade leitoras, que puderam expor o que liam, o que as interessava, quais foram as suas percepções e interpretações retiradas e aprendidas das histórias.

Para Bogdan e Biklen (1982, p. 13):

A pesquisa qualitativa também chamada de naturalística envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

E para responder à pergunta-problema que moveu esta pesquisa - Se pode a leitura de literatura contribuir para a formação humana de mulheres aprisionadas? – elegeram-se os seguintes instrumentos de produção de dados: entrevistas estruturadas e fonte documental. A presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), da UFMT/CUR, e foi aprovada em 01/07/2021 (CAAE: 46769521.4.0000.0126) por meio do Parecer Consubstanciado nº 4.821.996, cujo relatório, na formatação de um trabalho de dissertação, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, é apresentado de forma lógica e coerente tanto na organização quanto na exposição ao leitor, sendo estruturada em três capítulos.

Sendo assim, conforme Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, a pesquisa teve risco mínimo de dano material e imaterial às participantes como: lesão em direito, a saúde, a integridade moral, intelectual, social e cultural pela característica ou pelos resultados do processo de pesquisa. Garantiu-se que não houvesse tratamento que violasse a dignidade humana, os direitos humanos e nem sociais, sendo assegurado a garantia ao sigilo.

A este respeito, registra-se que, durante o primeiro estágio, todas as participantes optaram por manter seus nomes de registro no presente trabalho. Posteriormente, ao explanar sobre o sigilo e a utilização do nome fictício, as três mulheres chegaram aos nomes de pássaros em uma alusão à liberdade, seus maiores sonhos naquele momento.

Os objetivos, riscos e benefícios foram apresentados por meio do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Anexos G, H e I) devidamente assinado pelas partes

envolvidas participantes, bem como o Termo de Autorização, pelos responsáveis legais (Anexo C), considerando se tratar de mulheres sob a custódia do Estado de Mato Grosso. Estimou-se a probabilidade de haver negativa por parte das mulheres leitoras em privação de liberdade em participarem da pesquisa, em qualquer fase, por motivos pessoais, culturais, sociais, morais, religiosos e éticos.

Salienta-se que, dadas as condições do momento pandêmico, a conversa com a professora da UFMT foi realizada em ambiente virtual, com gravação de áudio. Com relação às demais entrevistadas, o abrandamento parcial das regras de entrada na unidade prisional pela Secretaria Estadual de Segurança Pública possibilitou que em determinados meses, realizar as entrevistas às participantes custodiadas no espaço da Biblioteca Pagu, com acompanhamento da psicóloga e de agentes prisionais, com respeito ao distanciamento social e utilização de máscaras faciais apropriadas bem como o equipamento de proteção individual, com o intermédio do gravador de voz, sem imagens ou contato físico.

As entrevistas semiestruturadas em profundidade e informais com três mulheres privadas de liberdade proporcionaram a reunião de relatos de vida, com ênfase na diversidade mostrada pela classe social, idade, educação, etnia, ocupação e frequência de visitas à Biblioteca Pagu. A etapa considerou a aplicação de um roteiro prévio, composto de tópicos organizados em uma estrutura inicial, a qual foi ampliada com a inserção de novas perguntas. Marconi e Lakatos (1991) atribuem à entrevista o papel de obter informações pertinentes à pesquisa, através da conversa oral entre o entrevistador e o entrevistado, sendo a entrevista uma técnica que possibilita ao pesquisador obter dados importantes. Assim,

[...] essa técnica é muito utilizada pelo fato de favorecer a captação de ideias, opiniões e depoimentos que propiciam conhecer o acervo de significados e símbolos que o indivíduo utiliza para se comunicar no seu cotidiano (SILVA; CAMARGO; PADILHA, 2011, p. 950).

O início do processo de pesquisa se deu pelo levantamento documental da história da Cadeia Feminina de Rondonópolis, além de breve histórico do sistema prisional mato-grossense, a educação escolar ofertada e dos projetos de leitura desenvolvidos na unidade prisional, com apresentação de dez resumos de obras lidas pelas mulheres em privação de liberdade como parte da ação dos Projetos Leituras sem Grades e Leitura para a Liberdade. Tal busca se deu pelo entendimento de que a literatura constitui um direito humano e possibilita visões múltiplas do mundo, segundo Antonio Candido (1995; 2004; 2011) e Tzvetan Todorov (2008).

Foi utilizada como base a defesa de Bogdan e Biklen (1994) sobre a imprescindibilidade dos pesquisadores frequentarem os locais de estudo. A opção pela pesquisa do tipo etnográfica



corroborar com os escritos de Angrosino (2009, p. 16), quando afirma que “a etnografia é uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidades ou sociedades”.

A coleta de dados foi feita junto à diretoria da unidade prisional, em ambiente misto (virtual e presencial), a qual consentiu a autorização necessária no âmbito daquela unidade prisional para o desenvolvimento do projeto (Anexo E), fornecendo os subsídios necessários para a busca da documentação e fotografias.

O setor administrativo da unidade é quem guarda toda a documentação relacionada ao local: as normativas internas, as fichas com informações pessoais de todas as mulheres que por lá passaram, os ofícios encaminhados e recebidos, dentre outros

Salienta-se, ainda, a leitura de Amorim (2001) que, discutindo a questão do texto nas Ciências Humanas e como o outro é representado, vem apresentar figuras de alteridade, baseada em Vernant (1985), utilizando-as para o entendimento de diferentes situações ocorridas na pesquisa. Daí, vemos a importância de trazer e disseminar a alteridade como caminho do reconhecimento de que existem pessoas e culturas distintas que pensam, agem e entendem o mundo de suas próprias maneiras.

O entendimento da alteridade, ou seja, das nossas relações com os outros com os quais temos contato em nossa experiência de vida, é o início para a formação de uma relação que abraça o reconhecimento e o respeito às diferenças, sem se ter relação de compadecimento ou de piedade, no caso a que nos referimos nesse trabalho das mulheres aprisionadas.

Para se adentrar em espaços diferentes do nosso cotidiano, como no caso de uma cadeia pública, entende-se que essas pessoas deveriam ser lembradas com políticas públicas mais humanizadas para seus dignos retornos ao convívio social. Somente a escola em ambiente prisional não é adequada à realidade vivida pela maioria, uma vez que não se busca o entendimento do problema e o conforto em demonstrar que as pessoas se importam com as outras.

Bondia (2002) traz que vivemos em constante aprendizado com diferentes pessoas e diferentes modos de vida, “Mas a alteridade daquele que nasce só pode se fazer presente como tal quando, no encontro com ela, encontramos verdadeiramente algum outro e não simplesmente aquilo que nós colocamos ali” (p. 63). Nesse sentido, todos nascemos inacabados e é no caminhar da vida que, pelas diversas experiências, vamos nos constituindo, inclusive no caso deste trabalho, com aquelas experiências de leitura dentro de uma cadeia pública. A importância de entender que o outro existe e nós não somos autossuficientes nos coloca, como

educadores, em um patamar de responsabilidade que é também política, pois nos comprometemos com a transformação das pessoas, na medida das nossas possibilidades.

### **3.1 Local da Pesquisa: Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis**

Importante ressaltar, inicialmente, que este trabalho foi desenvolvido no município de Rondonópolis, Estado de Mato Grosso, localizado na região Sudeste do Estado, a 210 km da capital Cuiabá, no entroncamento das rodovias BR-163 e BR-364, e passagem da Ferronorte.

**Figura 1 - Cidade de Rondonópolis**



Fonte: Acervo da prefeitura municipal de Rondonópolis <sup>1</sup>.

Com uma população estimada de 239 613 habitantes, segundo dados do IBGE (2021), é uma cidade em constante crescimento, com o segundo maior PIB do Estado e diversidade industrial, o que atrai muitas pessoas em busca de trabalho e oportunidades (Figura 1).

O local escolhido para a pesquisa foi a CPFR, uma instituição prisional que abriga, em regime de reclusão, mulheres que foram presas pela polícia militar, civil e federal, provisória ou definitivamente, ou seja, que estão sendo ou já foram julgadas por sentença judicial.

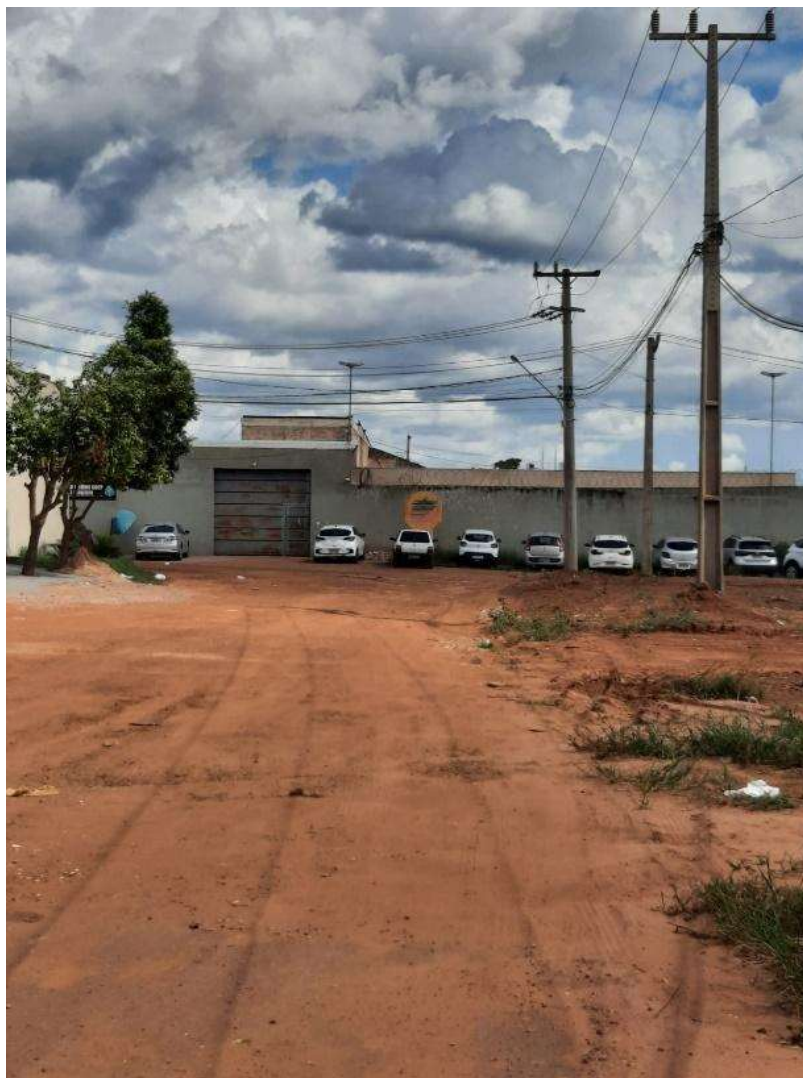
Embora a Lei de Execução Penal (BRASIL, 1984) disponha que somente a penitenciária “destina-se ao condenado à pena de reclusão, em regime fechado”, e a cadeia pública “destina-se ao recolhimento de presos provisórios” observa-se que a unidade prisional feminina de

---

<sup>1</sup> Disponível em <http://www.rondonopolis.mt.gov.br/>

Rondonópolis trata-se de cadeia pública, porém, recebe tanto mulheres condenadas como provisórias.

**Figura 2 - Entrada da CPFR**



Fonte: Acervo pessoal da autora.

As mulheres advêm desta comarca, região e entorno de estados da federação e países vizinhos, uma vez que a BR 364 é o principal caminho para cortar o Centro-Oeste do Brasil. A unidade prisional se localiza no bairro Sagrada Família, Rua A-107, nº 72 e tem capacidade para 124 (cento e vinte e quatro) mulheres enclausuradas (Figura 2). Antes de se tornar exclusivamente feminino no mês de abril de 2010, o local foi a Cadeia Pública de Rondonópolis, que abrigava um público composto por homens e mulheres desde o mês de fevereiro de 2000, contando com apenas quatro celas grandes. Hoje, os presos do sexo masculino se encontram no Anexo da Penitenciária Major Eldo Sá Correa, situado no mesmo município.

**Figura 3 - Corredor de acesso às celas**



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Desde a exclusividade para mulheres, a unidade prisional vem sendo dirigida também por mulheres. A atual diretora Silvana dos Santos Leite Lopes se encontra no cargo há mais de sete anos (novembro de 2014 – outubro de 2016 e julho de 2017 - atualmente), desempenhando um papel muito importante, principalmente, por sempre buscar melhorias de ordem estruturais e referentes à saúde mental de todos que ali se encontram. Às mulheres em privação de liberdade há o direito de receber visitas de familiares, amigos, advogados, além de determinados tipos de alimentos e de vestuário, todos delimitados pela Secretaria de Estado de Segurança Pública (SESP).



**Figura 4 - Espaço para crianças visitantes**



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Em suas celas, são observados colchões, roupas de cama e de banho, televisões e exaustores colocados após regulamentação da SESP para a eliminação das tomadas elétricas aparentes. É concedido o direito ao trabalho interno e externo às mulheres em privação de liberdade, nos moldes descritos na Lei de Execuções Penais (BRASIL, 1984):

Art. 31. O condenado à pena privativa de liberdade está obrigado ao trabalho na medida de suas aptidões e capacidade.

Parágrafo único. Para o preso provisório, o trabalho não é obrigatório e só poderá ser executado no interior do estabelecimento.

Art. 32. Na atribuição do trabalho deverão ser levadas em conta a habilitação, a condição pessoal e as necessidades futuras do preso, bem como as oportunidades oferecidas pelo mercado.

§ 1º Deverá ser limitado, tanto quanto possível, o artesanato sem expressão econômica, salvo nas regiões de turismo.

§ 2º Os maiores de 60 (sessenta) anos poderão solicitar ocupação adequada à sua idade.

§ 3º Os doentes ou deficientes físicos somente exercerão atividades apropriadas ao seu estado.

Art. 33. A jornada normal de trabalho não será inferior a 6 (seis) nem superior a 8 (oito) horas, com descanso nos domingos e feriados.

Parágrafo único. Poderá ser atribuído horário especial de trabalho aos presos designados para os serviços de conservação e manutenção do estabelecimento penal.

Pelo labor interno verifica-se a realização de artesanatos com crochê e costura, além da limpeza dos espaços comuns e distribuição de alimentação nas celas. Com relação à alimentação, esta é de fornecimento do estado de Mato Grosso por meio de empresa terceirizada que encaminha diariamente as três refeições: café da manhã, almoço e jantar.

Com relação ao trabalho externo (extramuros), até o momento da realização da pesquisa, coletou-se a informação de que em detrimento da pandemia estava suspensa a saída das mulheres privadas de liberdade da unidade, inclusive aquelas selecionadas e ouvidas pelo trabalho. A seleção levou em consideração critérios como a obrigatoriedade de autorização judicial após a verificação dos requisitos mínimos exigidos para tanto: o de ser condenada definitiva e não provisória e ter bom comportamento carcerário, disposto pelos art. 36 e 37 da LEP (BRASIL, 1984):

Art.36 da LEP - O trabalho externo será admissível para os presos em regime fechado somente em serviço ou obras públicas realizadas por órgãos da Administração Direta ou Indireta, ou entidades privadas, desde que tomadas as cautelas contra a fuga e em favor da disciplina.

§ 1º O limite máximo do número de presos será de 10% (dez por cento) do total de empregados na obra.

§ 2º Caberá ao órgão da administração, à entidade ou à empresa empreiteira a remuneração desse trabalho.

§ 3º A prestação de trabalho à entidade privada depende do consentimento expresso do preso.

Art. 37. A prestação de trabalho externo, a ser autorizada pela direção do estabelecimento, dependerá de aptidão, disciplina e responsabilidade, além do cumprimento mínimo de 1/6 (um sexto) da pena.

Parágrafo único. Revogar-se-á a autorização de trabalho externo ao preso que vier a praticar fato definido como crime, for punido por falta grave, ou tiver comportamento contrário aos requisitos estabelecidos neste artigo.

Cumpre aclarar que, como forma de incentivo à realização de atividades foi instituído como direto ao preso o instituto jurídico chamado remição da pena, que visa a redução do tempo de cumprimento de pena pelo trabalho, pelo estudo e pela leitura, enquanto dentro do sistema prisional, prevista no artigo 126 da LEP e é feita conforme indicado no Quadro 1.

**Quadro 1 - Relação remição de pena e tempo de cumprimento de trabalho**

<b>ATIVIDADE</b>	<b>LEGISLAÇÃO</b>	<b>REMIÇÃO</b>	<b>CONTAGEM DE TEMPO</b>
<b>TRABALHO</b>	Lei 7.210/84 (Lei de Execução Penal)	1 (um) dia da pena	A cada 3 (três) dias de trabalho
<b>ESTUDO</b>	Lei 7.210/84 (Lei de Execução Penal)	1 (um) dia da pena	A cada 12 (doze) horas de frequência escolar - atividade de ensino fundamental, médio, inclusive profissionalizante, ou superior, ou ainda de requalificação profissional - divididas, no mínimo, em 3 (três) dias
<b>LEITURA</b>	Resolução nº 391 de 10/05/2021 e Portaria Conjunta n. 001/2017 de 29/08/2017	4 (quatro) dias da pena por livro	Limite de 12 livros lidos por ano

Fonte: Elaborado pela autora com base no artigo 126 da LEP.

Em Rondonópolis, no contexto da Cadeia Pública Feminina, pode-se constatar que, estruturalmente existem muitas semelhanças com as demais unidades prisionais do estado em que também há o desenvolvimento de projetos de ressocialização oriundos de uma parceria estabelecida entre a Secretaria de Estado de Segurança Pública, o Poder Judiciário, a Defensoria Pública e o Conselho da Comunidade. Em suma, o trabalho conjunto das instituições propicia ambientes educacionais como salas de aula que atendem os ensinos fundamental I, II e médio, na modalidade EJA (Figura 5).

**Figura 5 - Sala de aula da unidade CPFR**



Fonte: Acervo da Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis.

Considera-se ressocialização o bom aproveitamento dos programas aplicados ao preso por meio da custódia, da prestação de assistência jurídica, psicossocial, à saúde, educacional, trabalhista, religiosa, bem como a garantia da visitação e do lazer.

### **3.2 As participantes e o perfil das mulheres da CPFR**

As participantes desta pesquisa são algumas mulheres que integraram o projeto *Leitura Sem Grades*, na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis: a psicóloga Priscila de Salles Toti Domiciano, a professora da UFMT Cancionila Janzkovski Cardoso e três participantes que se encontravam em privação de liberdade. A seguir demonstra-se a forma como foram identificadas no momento da pesquisa, além da explicação do porquê não terem sido identificadas nominalmente durante a etapa.

Os encontros com a psicóloga e as leitoras, foram agendados junto à direção da Unidade Prisional, previamente definidos em dois encontros: um para expor sobre os objetivos e convidá-las a participarem da pesquisa; o segundo para a realização das entrevistas. Nesse sentido, o encontro com a professora Cancionila foi intermediado por uma plataforma de reunião remota.

A etapa de entrevistas com as leitoras ocorreu de forma ágil e com respeito às medidas de segurança informadas e o protocolo preventivo da Covid-19, considerando também a dinâmica existente nas atividades cotidianas da prisão: a chegada de alvarás de soltura é constante, bem como mais mulheres são encarceradas provisoriamente. Outros cuidados foram



seguidos de modo a preservar a privacidade, a imagem, a honra, a integridade física e psíquica das mulheres privadas de liberdade. Em dezembro de 2021, durante levantamento registrou-se que um terço da unidade compunha o projeto na modalidade de leitora (Tabela 1).

**Tabela 1 - Quantitativo de leitoras da unidade prisional CPFR em dezembro de 2021**

<b>Mulheres privadas de liberdade</b>	<b>Vagas de ensino na escola</b>	<b>Estudando até 31/12/2021</b>	<b>Leitoras até 31/12/2021</b>
78	60	42	27

Fonte: Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis.

Após a conclusão da primeira etapa em que foi realizada a seleção, explanação sobre o projeto e informado quais os cuidados necessários, verificou-se como método de preservação da identidade das pessoas ouvidas uma associação com aves e os respectivos significados que tinham para cada uma das três leitoras, de modo a considerar as significações divina, de alma, cantos, cores e liberdade desses animais. Para identificá-las, foram escolhidos os pseudônimos Andorinha, Fênix e Águia (Quadro 2).

**Quadro 2 - Relação de pseudônimos das mulheres em reclusão ouvidas pela pesquisa**

<b>Identificação</b>	<b>Raça</b>	<b>Idade</b>	<b>Profissão</b>	<b>Origem</b>	<b>Escolaridade</b>
ANDORINHA	Parda	45	Balconista	Vila Velha/ES	Médio completo
ÁGUIA	Parda	35	Serviços gerais	Rondonópolis/MT	Médio incompleto
FÊNIX	Branca	35	Professora	Campo Grande/MS	Superior completo

Fonte: Elaboração própria.

As mulheres em privação de liberdade ouvidas têm 35 a 45 anos de idade, possuem nível de escolaridade distinto e são predominantemente pardas. O estado civil de Andorinha, Águia e Fênix é solteiro e todas possuem filhos. Sobre isso, é válido pontuar ainda que: a) apenas Fênix não apresentou reincidência criminal; b) o mesmo perfil racial foi observado em outras unidades prisionais visitadas.

O Quadro 3 cuja referência é de 31 de dezembro de 2021, possibilita-nos observar que a maioria das mulheres em situação de privação de liberdade no contexto da instituição selecionada são jovens, mães solteiras ou conviventes, afrodescendentes, usuárias de drogas,

reincidentes, com ensino fundamental incompleto, sem profissão ou qualificação, cuja condenação engloba ilícitos relacionados com o tráfico de drogas e crimes contra o patrimônio.

**Quadro 3 - O perfil das mulheres em reclusão da CPFR**

<b>Mulheres aprimadas - CPFR</b>	<b>Negra</b>	<b>Branca</b>	<b>Parda</b>	<b>Solteiras com filhos</b>	<b>Idade média (anos)</b>	<b>Usuárias de drogas</b>	<b>Reincidentes</b>
78	23	12	42	61	28	71	44

Fonte: CPFR.

Salienta-se que as prisões brasileiras apresentam a quarta maior população carcerária feminina do mundo, com população estimada em 42 mil, segundo o Sistema Integrado de Informações Penitenciárias INFOPEN (2018). Este estudo contempla fatores como a exclusão social, a pobreza e a opressão operantes na sociedade brasileira, sendo assim, de interesse para a análise e os objetivos delineados no contexto do presente trabalho.

No primeiro dia da pesquisa de campo, em 18 de agosto de 2021, coletou-se a informação de que havia 85 (oitenta e cinco) mulheres privadas da liberdade na unidade. Destas, 40 (quarenta) matriculadas na escola prisional e estudando, 20 (vinte) no ensino fundamental e 20 (vinte) no ensino médio. A frequência escolar nesse contexto não é de frequência obrigatória pois matricula-se e frequenta aquelas que quiserem.

Os dados indicam, ainda, uma variação no número de mulheres aprisionadas entre os meses de agosto e dezembro de 2021, o que se refletiu na queda do número de matrículas registradas pela escola prisional e nas demais atividades escolares dentro da CPFR. Salienta-se que em decorrência da pandemia do Covid-19, além da suspensão das visitas, as aulas também deixaram de ocorrer. Em 2022, obteve-se a informação de que as aulas presenciais não foram retomadas, porém, há aulas remotas (Quadro 4).

**Quadro 4 - Nível de escolaridade das mulheres em reclusão da CPFR**

<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>TOTAL</b>
<b>NÃO ALFABETIZADO</b>	3
<b>ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO</b>	36

ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO	6
ENSINO MÉDIO INCOMPLETO	25
ENSINO MÉDIO COMPLETO	12
SUPERIOR INCOMPLETO	2
SUPERIOR COMPLETO	1

Fonte: CPFR.

Registra-se, nesse momento, que as mulheres em privação de liberdade são chamadas, nos meios jurídico e prisional de detentas, recuperandas ou reeducandas.

Na Figura 6 pode-se verificar um modelo de ficha com a qualificação da pessoa que foi custodiada, que é preenchida no dia em que adentra na unidade prisional, com informações necessárias para registro na SESP - antes chamada de SEJUDH, e onde as demais unidades prisionais do Estado tem acesso para consulta, através do sistema interno denominado INFOPEN, inclusive, de movimentação de transferências.

Figura 6 - Ficha de qualificação do interno da CPFR



**ESTADO DO MATO GROSSO**  
**SECRETARIA DE JUSTIÇA E DIREITOS HUMANOS**  
**SUPERINTENDÊNCIA DO SISTEMA PRISIONAL**  
**CADEIA PÚBLICA FEMININA DE RONDONÓPOLIS**

RUA A-107 Q 160 107 PQ SAGRADA FAMÍLIA  
 CEP: 78.735-356 - RONDONÓPOLIS - MT  
 Fone: (66)3422-5193 - Fax: - CPRONDONOPOLIS@SESP.MT.GOV.BR



---

**FICHA DE QUALIFICAÇÃO DO INTERNO**










**Nome:** [REDACTED]

**Prontuário:** 3444

**Regime Atual:** Fechado

**Inativo: Alvará de Soltura**

**Vulgo:** [REDACTED]

**Filiação:** [REDACTED]

**Data Prisão:** 11/07/2020      **Data Entrada:** 11/07/2020

**Data Nascimento:** [REDACTED]      **Nacionalidade:** BRASILEIRA

**Naturalidade:** [REDACTED]

**Estado Civil:** Divorciado

**Profissão:** [REDACTED]

**Escolaridade:** [REDACTED]

**RG:** [REDACTED]

**CPF:** [REDACTED]

**Rua:** [REDACTED]

**Bairro:** [REDACTED]

**Complemento:** [REDACTED]

**Cidade:** CAMPO GRANDE - MS

**Raça/Cor:** [REDACTED]

**Cor dos Cabelos:** [REDACTED]

**Cor dos Olhos:** [REDACTED]

**Marcas ou Sinais:** 708 4062 4530 1862

**Procedência:** DELEGACIA DA POLICIA FEDERAL RONDONÓPOLIS

**Doc. Entrada:** OF.0840/2020 - IPL 0033/2020-4

**Artigo:** 33, 35 E 40, V DA LEI 11343/2006

**Condenação:** [REDACTED]

**Fone Contato:** [REDACTED]

**Cartão do SUS:** [REDACTED]

Projeto SIAPEN, Impresso em 15/10/2021 - 13:07:41, Pag. 1/2

Fonte: Arquivo CPFR.

Registra-se, ainda, a quantidade de mulheres envolvidas no trabalho dentro da CPFR, sendo cinquenta e dois policiais penais (trinta e sete mulheres e quinze homens), uma psicóloga, um farmacêutico, duas técnicas de enfermagem, dois assistentes administrativos (uma mulher e um homem), duas assistentes sociais, uma médica (contratada), uma diretora e uma chefe de disciplina.

#### **4 O AMBIENTE DA PESQUISA: CONSTRUÇÃO DO CASO**

Por trabalhar junto à Promotoria de Justiça Criminal de Rondonópolis há mais de 15 anos, na área de assessoramento jurídico das execuções penais desta comarca, pude acompanhar a rotina dos trabalhos desenvolvidos pelo Estado de Mato Grosso e por servidores penitenciários nas unidades prisionais desta cidade, que são a Penitenciária Regional Major Eldo Sá Correa (PRMESC) e a Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis (CPFR).

Nesses anos, foi possível perceber a importância da educação nos ambientes prisionais, precipuamente, nesta última unidade prisional citada, por ser um local estruturalmente menor, facilitadora da atenção individual e por ser composta, tão somente, por mulheres que, percentualmente, se interessam mais pelos estudos e tem menos contato com familiares e o mundo externo.

Um projeto nominado Leitura Sem Grades, em realização desde 2015 na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis com as mulheres privadas de liberdade, despertou o interesse por ser algo merecedor de destaque por meio de pesquisas, por tratar-se de um projeto de extensão relevante conduzido por professores e estudantes da UFMT, de potencial alcance social, uma vez que fora observado o engajamento dessas mulheres e, a partir daí, impulsionando a criação da Biblioteca Pagu e do Projeto Leitura para a Liberdade.

Para tanto, a inscrição para o processo seletivo de provas da UFMT para o curso de mestrado em Educação cujo campus é Rondonópolis me possibilitou o ingresso e o contato com a professora orientadora Elni Elisa Willms, logo, em março de 2020 com a matrícula concluída, iniciei os estudos.

Em conversa com a diretora da referida unidade prisional sobre intenção de tornar aquele momento educacional um objeto de estudo para a compreensão do sentido produzido pelas participantes a partir daquilo que elas vivem no contexto desses projetos de leitura dentro do cárcere, foi concedida a autorização imediata para iniciar o trabalho, dispondo de todo apoio necessário.

Diante da intensa disseminação do vírus da Covid-19 decorrida ao longo de 2020 e 2021, emergiu a necessidade do fechamento das portas das unidades prisionais com a finalidade de resguardar a integridade física das mulheres encarceradas e dos servidores prisionais. A este respeito, é válido frisar que o estabelecimento do contato para a obtenção de informações e dos subsídios para o desenvolvimento da pesquisa foi muito penoso e demorado, com isso, exponho que o presente trabalho, bem como outros de base qualitativa em Ciências Sociais e Educação, preocupou-se em demonstrar a angústia e os sentimentos que nos assaltam, visto que eles também compõem o quadro de análises, pois lidamos com questões humanas.

No entanto, a grande atenção e solicitude da diretora da Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis, Silvana dos Santos Leite Lopes possibilitou que a presente pesquisa tivesse significativo andamento ao passar a disponibilizar virtualmente parte dos materiais necessários para a análise proposta. Posteriormente, com o abrandamento de normas de saúde pela Secretaria de Estado de Segurança Pública, a partir do mês de agosto de 2021 e autorização da entrada restrita de algumas pessoas naquela instituição prisional - desde que com o uso dos equipamentos necessários e indicados para a não disseminação do vírus da Covid-19, pude prosseguir com a pesquisa de campo de modo presencial.

A condução presencial do estudo intensificou a sensibilidade para analisar o que acontece a partir dos sentidos que as mulheres em privação de liberdade produzem sobre o que vivem ao participarem dos projetos de leitura que se desenvolvem dentro da Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis-MT, bem como de compreender a partir do discurso das participantes a relação existente entre a leitura com a formação humana e o seu desempenho como um papel importante na tomada de posicionamento diante de questões do seu cotidiano.

Assim, tem-se que os temas educação, direitos humanos e prisão abarcam tanto nas inquietações de pesquisadores, como nos desafios do Poder Judiciário e dos governos Municipais, Estaduais e Federais e, também, na sociedade, dado que buscam soluções para uma problemática emergencial muitas vezes esquecida em decorrência de outros interesses de maior visibilidade política. Além disso, o encarceramento pode possibilitar o acesso à educação e a cultura que não foram alcançadas por essas mulheres.

A respeito dos Direitos Humanos, será discorrido, brevemente, neste momento, sobre esse tema envolvente pela sua amplitude, uma vez que a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) reconhece os limites e condições ao conceito de soberania nacional, estabelecendo que, sobre qualquer lei nacional, prevalecem os Direitos Humanos, expressa no seu artigo 4º, inciso II: Art. 4º A República Federativa do Brasil rege-se nas suas relações internacionais pelos seguintes princípios: [...] II – prevalência dos direitos humanos.

Tem-se que as finalidades da pena se classificam em: Retribuição, Prevenção e Readaptação Social e, uma de suas características é a “Humanidade”, para que a pessoa presa conserve todos os direitos não atingidos pela condenação, conforme expresso no art. 38 do CP, artigos 3º e 40 da LEP e no art. 5º, XLIX, da CF.

De modo geral, o quadro do Sistema Prisional na maioria dos estados brasileiros não é dos mais favoráveis para se atingir os objetivos delineados, pois a pena privativa de liberdade, da forma como vem sendo aplicada, pode não estar cumprindo a sua finalidade, especialmente

com relação à reinserção social da pessoa condenada. Esta complicação se deve, dentre outros fatores, à falta de vontade pública e a superlotação das unidades.

No entanto, no caso da unidade prisional observada no presente trabalho identificou-se que, há alguns meses, encontra-se com sua capacidade de ocupação abaixo das vagas existentes e, ainda, oferece cursos profissionalizantes, escola e livros para a leitura.

Na sequência, apresenta-se um pouco da história dos projetos de leitura executados na unidade prisional, as participantes e o local da pesquisa.

#### **4.1 O Projeto de Extensão Leituras Sem Grades – LSG**

Iniciado em 2015, o Projeto de Extensão Leituras Sem Grades nasceu do desejo de se entrar em espaços interditos, lugares de reclusão de corpos e oportunizar experiências de leitura literária às pessoas que neles se encontram. Com ocorrência em diferentes instituições de acolhimento, abrigo ou detenção de pessoas, destacam-se a Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis, a Casa Esperança Centro, Casa Esperança Chácara, Centro Socioeducativo - com adolescentes, Casa Abrigo Rotativo - destinado às crianças e o Lar dos Idosos.

A primeira edição do projeto, em 2015, teve registro no Sistema de Informação e Gestão de Projetos - SIGProj nº: 197177.955.8217.09032015, como uma proposta de intervenção literária com o objetivo de levar leitura e oferecer escuta advinda do que viesse a partir dos textos lidos. Foi coordenado, ao longo dos anos, por diferentes professores da UFMT-CUR, dos cursos de Pedagogia, História, Psicologia e Letras da UFMT/Rondonópolis, com a participação de membros da comunidade externa e de muitos estudantes desses cursos que tiveram, assim, a oportunidade de entrar em contato com a realidade social fora da universidade.

O objetivo era proporcionar momentos de leitura numa roda de pessoas, onde todos participavam lendo, contando, cantando, improvisando ou apenas escutando, para se proporcionar reflexões a partir dali.

Após alguns meses de negociação com a direção da unidade prisional, a qual consultava seus superiores na Superintendência do Sistema Prisional, o grupo de extensionistas obteve autorização para ingressar no estabelecimento e iniciar os encontros, com grupos de mulheres jovens e adultas, com diferentes níveis de escolaridade. Essa autorização sempre foi solicitada previamente pelos coordenadores do projeto de extensão LSG, pois era um documento exigido para que fosse aprovado nas instâncias da universidade.

Inicialmente, a metodologia do projeto consistia em não combinar previamente o que cada participante extensionista da universidade levaria para ler nas instituições visitadas, com a intenção de que essas pessoas, por si, encontrassem, em seu universo e repertório de leituras

literárias já realizadas, algo para levar para os locais onde o projeto se realizava. Outra parte importante do projeto é que se recomendava que os participantes escrevessem um diário de campo sobre a experiência vivida, conforme apresentado pela professora Cancionila J. Cardoso em matéria publicada em jornal local:

Após agendar um cronograma com as instituições, a tarefa dos participantes do projeto é escolher textos, de autores renomados, preferencialmente curtos (crônicas, pequenas histórias, poesias), a serem lidos a cada encontro. Música e algum artesanato também fazem parte dos encontros. A partir do recorte literário, que os participantes retiram de seus acervos, as leituras vão ocorrendo, sem grandes combinados prévios, vão provocando comentários, conversas, interpretações, sentidos e puxando outras leituras ditadas por uma incrível intertextualidade. O resultado são encontros muito potentes, carregados de emoção e sensibilidade (CARDOSO, 2018a, s.p.).

O intuito era deixar ver o que aconteceria, com a tomada de experiência ao se expor diante de situações que apareceriam e em um campo alheio ao do costume da sala de aula. Os participantes expunham-se àquilo que Bondia (2002) aponta como aprender com a experiência, amparados na fruição literária e no prazer do texto, conforme citado em Barthes (1977). Nas palavras da professora participante:

Entendemos que, por ser uma experiência de Extensão, portanto que se realiza fora do âmbito da sala de aula, propicia aos executores – bolsistas de extensão, discentes voluntários, professores e comunidade externa – uma rica experiência como um itinerário de formação para além da sala de aula. Tem-se contato com pessoas que experimentam sofrimento (crianças, adolescentes, mulheres e homens em reclusão ou sob abrigo) e, diante desse panorama, levar a literatura é uma forma de contribuir para que esse tempo institucionalizado se torne um pouco menos penoso” (Projeto de Extensão, 2016, p.1-2). Do ponto de vista da Universidade, este projeto ajuda a materializar um compromisso com o seu entorno, evidenciando um esforço de inserção e contribuição social, na forma do tripé ensino-pesquisa-extensão (Op. cit., 2018a).

Especificamente, para a Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis, foi levada a escuta através da experimentação da literatura para as mulheres em privação de liberdade, que têm pouco contato com essa modalidade de produção cultural. Foram realizados encontros com duração de duas horas semanais. Com a criação de momentos de leitura coletiva, as participantes produziram reflexões sobre textos literários selecionados e estabeleceram relações com as próprias histórias de vida e leituras de mundo, conforme expresso:

Eu ainda estava na ativa, me aposentei em 2016. Ainda quando eu estava na ativa e o projeto começou em 2015, eu vi aquele movimento nos corredores, dos alunos se encontrando com o Flávio, na ocasião, com outros professores, com a Elni e congresso, encontros, ou mesmo reunião do departamento, eu fui escutando alguma coisa do “Leitura Sem Grades”. Era uma coisa longe, distanciada. Mas eu senti um desejo, assim, uma vontade de conhecer melhor, de me integrar àquilo. Mas exageradamente no final, eu estava com vários



trabalhos. Mas sentia aquele desejo de também participar, fazer algum relato, pequeno relato, conversa pontual mesmo me lembro de uma com a Elni no corredor, daí eu perguntei alguma coisa. Em uma reunião, num congresso, me foi apresentado o projeto, e eu fiz algum comentário e o Flávio “então, Catia, tu *pode* assumir, nó tamo entregando”. Enfim, me aposentei em 2016 e procurei a Elni que na ocasião estava na coordenação, e falei que gostaria de integrar. Conhecia muito pouco do projeto, era só uma visão bem de conjunto, alguma coisa das ações. E aí me integrei ao projeto e tenho essa experiência. Eu sabia que abrangeu outros lugares, mas participei somente do projeto na cadeia feminina (informação verbal).<sup>2</sup>

Desde o início do projeto, observava-se que, por um lado, as mulheres em privação de liberdade se interessavam pela leitura de diversas obras e, por outro lado, não havia oferta de alguns livros. Então, a partir de 2018, adveio a ideia da professora Cancionila que, embora já aposentada do curso de Pedagogia, teve um papel primordial para a criação de uma biblioteca na unidade prisional.

E, após contato com os servidores da Promotoria de Justiça responsável pela execução das penas em Rondonópolis, no ano de 2018, soube-se que a leitura poderia servir para remição da pena, sendo, então, ampliado o Projeto LSG, que passou a atender essa demanda, ao ficar responsável pela revisão e validação dos resumos feitos pelas mulheres enclausuradas, garantindo os direitos à leitura e à literatura, defendidos por Paulo Freire e Antonio Candido e, ainda, com o incentivo inicial pela diminuição do tempo de reclusão, por meio da remição.

#### 4.1.1 Estudos potenciais sobre o LSG

Destacam-se, aqui, algumas produções para ampliar o conhecimento acerca do Projeto Leitura sem Grades, através das narrativas de desenvolvimento em diferentes instituições, o que despertou, ainda mais, o interesse por novo estudo, diante da sua grandiosidade em qualquer ambiente que se instalasse. Willms, Cardoso e Oliveira (2019) abordam a análise das percepções de intervenções, oriundas de diário de campo, a partir da leitura literária, ocorridas na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis, no interior do Projeto de extensão “Leituras sem grades”.

Ele nos possibilita observar a dimensão tomada pelo projeto dentro da unidade prisional e pelas histórias ouvidas, diante da literatura partilhada e das situações que as autoras contam lhes terem afetado, inclusive como educadoras:

Aquelas mulheres reais que tínhamos diante de nós, com suas cargas existenciais, com todas as suas situações limite, como poderíamos abordá-las? Negando-as como vida (excluindo-as) ou afirmando-as (aceitação

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida por CARDOSO, Cancionila Janzkovski. [13 de Agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. Arquivo. mp3 (66 min.).

incondicional)? Nós fizemos a escolha de afirmá-las. Aceitando-as. Do jeito que se mostravam. E nós, como professoras, pudemos compreender que existe um itinerário de formação para além da sala de aula da Universidade e que, por meio de um projeto de extensão, é possível ampliar horizontes daqueles que não têm acesso ao ensino superior. Assim foram os encontros: ora discutíamos temas incitados pela leitura, ora a literatura era utilizada para salientar aspectos do que estava sendo discutido. Dessa forma, podemos perceber a riqueza do conteúdo dos encontros e das oportunidades de conversarmos com aquelas mulheres sobre assuntos tão delicados, de forma espontânea (WILLMS; CARDOSO; OLIVEIRA, 2019, p. 945).

Willms e Nascimento (2017) narram outras experiências do Projeto de Extensão LSG no ano de 2016 período em que houve a participação de 13 professores e 35 estudantes de diversos cursos da UFMT-CUR, dentre outras pessoas da comunidade externa. “Podemos confirmar que a leitura pode abrir espaços de escuta para essas mulheres. Para todas as pessoas, independente de localização espacial ou temporal, de gênero ou etnia. Essa é uma das potências do projeto Leituras Sem Grades (WILLMS; NASCIMENTO, 2017, p. 9).

Willms e Barroso (2019) abordam experiências do mesmo projeto em execução na Casa Esperança - Chácara, com homens em tratamento da dependência química de álcool e drogas. Os textos lidos apresentavam conteúdos a respeito de mudanças e olhares críticos em relação aos costumes de comodismo e hábitos irrefletidos do dia a dia.

Em poucos minutos, já havia se estabelecido a discussão e estavam sendo apresentados exemplos de vida, do cotidiano da unidade Chácara, o que poderiam mudar em seus próprios comportamentos etc. Dessas reflexões, surgiram relatos espontâneos dos participantes.

Os textos demonstram grande potência diante dos relatos de todos os participantes, o que corrobora com a ideia de grande processo humanizador trazido pela leitura e pela literatura, tal como se pode ler nesta narrativa, com as mulheres da CPFR, em que os autores mostram como aconteceu o contato dessas mulheres com um soneto clássico da literatura brasileira:

Em seguida, uma das leitoras do grupo disse que não conseguiria ler o “Soneto de Fidelidade”, de Vinicius de Moraes. Outra pessoa o leu. Ao fim, repetiu o último terceto: “Eu possa lhe dizer do amor (que tive); / Que não seja imortal, posto que é chama / Mas que seja infinito enquanto dure”. Enquanto ouviam o final do soneto, ficou um silêncio de espanto, de admiração. Encanto? Essa experiência que chamam de estética sendo vivida com mulheres presas. Elas olhavam, talvez estivessem inebriadas. Tudo isso sugeria um primeiro contato com a poesia àquelas mulheres. Será mesmo? Como saber. Naqueles breves instantes, contudo, alguma parte de nosso ser era umedecida, como a chuva que caía mansa lá fora. Parecia que algumas áreas de nossas existências eram irrigadas com um tantinho de sensibilidade, beleza e amor. Essa, talvez, seja uma impressão de leitura... [...] estávamos, enfim, diante de pessoas que gostaram de poesias, que se sentiram tocadas pela literatura, pois compreendiam estas linguagens. Sentíamos que os olhos delas tinham a

mesma sede que os nossos e se continuássemos presas aos nossos medos as leituras não abririam as grades (RAUBER et. al, 2015, pp. 7-8).

Alguns textos apresentados às mulheres revelaram-se polêmicos, como foi o caso de “A hora da estrela”, de Clarice Lispector, conforme disposto:

Cleuza, uma reeducanda, aceitou o desafio. Algumas semanas depois, fomos surpreendidos pelo reverberar da sua leitura. Odiou a história, disse ela, logo quando adentramos a cela de aula aquele dia. Perguntada porque, respondeu-nos com uma leitura emotiva da obra em questão. [...] é óbvio que essa leitura serviu de mote para vários comentários que aproximaram a ficção das histórias de mulheres e homens da vida real. Entre grades, essa mulher, que nunca havia lido um texto de Clarice Lispector, teve a chance de ler um de seus romances mais conhecidos, cuja temática poderia se relacionar ao seu próprio sentimento enquanto uma mulher literalmente enjaulada. O que essa leitora nos revelou foi muito mais do que uma experiência emotiva de leitura. Ela sintetizou aquilo que a leitura literária é capaz de nos fornecer ou nos causar, ou seja, o choque com o enredo tão cotidiano mas, contraditoriamente, tão estranho, a ponto de nos afastar da possibilidade de entender a personagem Macabéa como uma mulher que poderia representar muitas outras que estão por aí em suas grades e “grades”. Ainda que negada ou mesmo rejeitada, a experiência estética ocasionada pela leitura realizou-se nessa mulher encarcerada (RAUBER, et. al, 2015, pp. 8-9).

Pode-se perceber que a cada encontro, as intervenções das participantes evidenciaram uma grande capacidade de estabelecimento de relação entre o texto literário e as suas vidas em privação de liberdade, inclusive, não se restringindo a relatos pessoais, mas também, de reflexões sobre outras pessoas, em vários âmbitos: sofrimentos pela violência doméstica, pela condição econômica precária vivida pela família, ausência de direitos, etc.

Com esses excertos pretende-se demonstrar, a partir das diferentes narrativas dos participantes do Projeto de Extensão LSG, em suas produções escritas e publicadas algumas experiências de contato com a leitura na CPFR.

As reflexões proporcionadas mostraram-se bastante pertinentes especialmente no que tange o alcance da literatura e do quanto ela merece estar presente nas vidas de todas as pessoas, inclusive na vida de mulheres privadas de liberdade. O contato com a literatura pode ser um elemento de reflexão sobre questões que elas vivem e pode contribuir para a sua educação e formação.

#### **4.2 O Projeto Leitura Para A Liberdade**

O projeto Leitura para a liberdade foi implantado em 2018 através da Portaria Conjunta da 5ª Promotoria de Justiça Criminal e do Juízo da 4ª Vara Criminal, ambos com atribuições na Execução das penas de Rondonópolis objetivando não só ampliar o hábito da leitura e do estudo

como também promover o benefício da remição de dias de pena das mulheres em privação de liberdade.

Surgiu a partir do LSG de desenvolvimento pelo Departamento de Educação da UFMT - Campus de Rondonópolis e de execução na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis. O projeto de extensão LSG tem como objetivo fomentar uma nova forma de contato com a literatura, bem como promover um espaço de intercâmbio de saberes e experiências.

A idealização do projeto Leitura Para a Liberdade se embasa na crença de uma sociedade mais justa e incentivada pela educação. Por meio da Biblioteca Pagu propôs-se a estimular a leitura por meio da oferta de um ambiente em que as mulheres em reclusão tivessem prazer em frequentar, participar de oficinas, rodas de leitura (Figura 7).

**Figura 7 - Atividades de oficina na CPFR**



Fonte: Acervo da CPFR

O projeto foi instituído pela Corregedoria Geral de Justiça de Mato Grosso (Provimento nº24/2013 da CGJ/MT) e consiste na leitura, interpretação e construção de resenhas críticas, visando o fomento do conhecimento, o despertar na pessoa privada de liberdade da vontade de aprender e possibilitar a redução de pena através do hábito da leitura e está regulamentado por meio da Lei Federal nº 12.433/11 (BRASIL, 2011) porém, não aplicado na Comarca de Rondonópolis até o ano de 2018.

Mulheres condenadas e provisórias que estão custodiadas na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis foram o público-alvo desse projeto, que teve como objetivos sensibilizá-las quanto à importância da leitura, orientá-las sobre as possibilidades de remição de pena pelo estudo e pela leitura, ampliar ações de escolarização e qualificação profissional, possibilitar o resgate da humanização, ressignificação pessoal, trocando momentos ociosos por leitura/estudo, incentivá-las à leitura como elemento facilitador de uma tomada de consciência

de pessoas privadas de liberdade, visando melhorar as suas condições de regresso à sociedade e garantir o direito social de acesso à literatura como forma de contribuir para a formação humana dessas mulheres em privação de liberdade.

Em pouco tempo, a Portaria Conjunta N. 001/2017, de 29 de agosto de 2017, foi assinada pelo Promotor de Justiça da 5ª Promotoria de Justiça Criminal, Reinaldo Antonio Vessani Filho, e pela Juíza de Direito da 4ª Vara Criminal, Tatyana Lopes de Araújo Borges, instituindo a remição de pena, por meio da leitura. Fundamentalmente, a leitura de um livro literário e a posterior elaboração, sob supervisão, de uma resenha, resumo ou comentário fundamentado, dará direito a redução de 4 dias na pena. Para efeitos da remição, a recuperanda poderá ler um livro ao mês, podendo remir, ao final de um ano, até 48 dias de sua pena. As resenhas serão corrigidas/melhoradas/avaliadas pela equipe pedagógica da cadeia e/ou equipe do Projeto “Leitura sem Grades”, antes de serem encaminhadas ao juiz, para formalização dos dias remidos (CARDOSO, 2018b).

Esse projeto foi apresentado para as mulheres custodiadas nessa unidade prisional e, após a manifestação de interesse por parte delas, foi montada a primeira turma do projeto, composta por dez mulheres, que foram orientadas pelos professores parceiros dos Projetos para a elaboração de resenhas ou resumos e apresentados, em até trinta dias, para avaliação da equipe de professores e alunos da UFMT.

A direção da cadeia ficou responsável pelo encaminhamento dos textos para a Vara de Execuções Penais, onde após ouvidos o Ministério Público e a defesa (Defensoria Pública ou advogado constituído) se faz o cômputo da remição da pena, com o desconto de quatro dias para cada relatório aprovado e apreciado pela autoridade responsável, conforme preconizado pela Portaria Conjunta 001/2017, de 29 de Agosto de 2017 da 5ª Promotoria de Justiça Criminal da comarca de Rondonópolis com a 4ª vara Criminal da comarca de Rondonópolis (Anexo A).

Pode ser verificado, com os resumos de livros feitos por dez mulheres privadas de liberdade, que o projeto, também, vem cumprindo sua missão, com o aumento do hábito da leitura e do estudo (Figura 8). Tudo, tendo como pressuposto que a literatura é capaz de humanizar e oportunizar momentos de lazer, reflexão e construção do saber. Registra-se que a professora Cancionila confessou ter ficado surpreendida com a escrita das mulheres enclausuradas participantes do Projeto Leitura para a Liberdade:

[...] A escrita delas me surpreendeu. Quando nós pensamos que foi colocado o projeto de Remição, que aliás tenho que falar mais um pouquinho sobre ele, que pra mim foi uma surpresa, uma surpresa agradável, algo que deu mais estudo a essa experiência. É porque não tinha essa pretensão, eu não esperava. Eu senti aquela coisa da humanidade. Foi mais um elemento que trouxe humanidade para esse projeto. O fato delas lerem, fazer uma síntese, uma resenha, contar alguma coisa para provar que leram aquele livro ... e isso poderia dar ... se não me engano eram 48 dias num ano. Então é muita coisa.

Nossa foi uma coisa, é um plus. Algumas detentas pegaram gosto pela leitura a partir do estímulo da remição (informação verbal).<sup>3</sup>

Outra participante, a psicóloga da CPFR Priscila defendeu o fundamento dos respectivos projetos e se mantém ativa na angariação de exemplares e de novas obras para compor a biblioteca (informação verbal)<sup>4</sup>:

[...] em 2016 e 2017, eu com esse desejo de fazer uma biblioteca, não lembro exatamente como foi, sei que vocês da promotoria chegaram e estavam com esse desejo também. E as professoras da UFMT também estavam com essa ideia. E aí a gente se reuniu, se encontrou e decidimos fazer. Tudo veio do projeto de extensão Leituras Sem Grades, em que as professoras manifestaram esse desejo de fazer essa biblioteca na cadeia. Lembro que o projeto Leitura para a liberdade foi assinado, também, pela juíza Tatyana Lopes, que fez uma campanha para recolhimento de livros, ficou um tempão recolhendo, deixava caixinhas em alguns pontos.

### 4.3 A Biblioteca Pagu

A biblioteca surgiu a partir da implantação dos projetos de leitura na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis, onde se viu a necessidade de se ter um espaço exclusivo para se guardar e controlar os livros. Antes, os poucos livros que tinha, eram guardados dentro de um armário na sala de aula. A professora e participante Cancionila foi responsável por fazer significativos esforços e mobilizar a cidade de Rondonópolis na coleta de livros de literatura e recuperar a história da constituição da biblioteca, conforme relatou:

Em 2017, o trabalho do projeto “Leitura sem Grades” na Cadeia Pública Feminina extravasou, desdobrou-se e encontrou terreno fértil, rumo a algo maior e mais significativo. A constatação de que na sala de aula, onde as recuperandas estudam e onde eram realizados os encontros com o grupo da UFMT, não havia livros disponíveis para a leitura, além de antigos livros didáticos e (depois ficamos sabendo) alguns exemplares da professora de Língua Portuguesa, nos levou a pedir permissão para a Diretora da Cadeia, no sentido de constituir um pequeno acervo literário para colocar à disposição daquela turma. A conversa encontrou eco e, como ninguém inventa a roda, ficamos sabendo que já existia o desejo, manifestado em 2015 pela inspiradora do projeto, Professora Dra. Graciela Haydée Barbero, de criar uma biblioteca naquela instituição. Formamos um grupo composto pelas professoras da UFMT, que atuavam no projeto “Leitura sem Grades”, a Diretora e a Psicóloga da Cadeia e representantes da Promotoria de Justiça Criminal e da Vara de Execuções Penais (CARDOSO, 2018b).

A professora Cancionila, respeitosamente conhecida por Cátia, segue a narrativa de como a Biblioteca Pagu foi, aos poucos, tomando forma em consonância com as possibilidades legais que já estavam postas:

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida por CARDOSO, Cancionila Janzkovski. [13 de agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. arquivo. mp3 (66 min.).

<sup>4</sup> Entrevista concedida por DOMICIANO, Priscila de Sales Toti. [27 de agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. arquivo. mp3 (20 min.).

Já na primeira reunião do grupo, ficamos sabendo que a Lei de Execução Penal, além de assegurar ao preso o direito à assistência educacional e exercício de atividades intelectuais compatíveis com a execução da pena, possibilita a remição de pena pelo estudo de condenados presos nos regimes fechado e semiaberto (Lei 7.210/1984 e Lei 12.433/ 2011). Saímos dessa primeira reunião muito animadas e com tarefas distribuídas, sendo as principais a elaboração da minuta de portaria de remição de pena para a Cadeia Feminina de Rondonópolis, a ser assinada pelos órgãos oficiais, e uma campanha junto a comunidade para arrecadar livros literários. (Op. cit., 2018b).

Quando voltamos o olhar para o passado, no sentido de narrar como algo se passou, temos a intenção de deixar um registro que inclusive possa inspirar experiências futuras, em outros locais. Como pode-se observar na citação acima, tivemos que obedecer a certos protocolos legais, mas também é preciso destacar que tivemos a confluência de muitas pessoas – professores, promotor, juiz, servidores da promotoria, estudantes, psicóloga, diretora da cadeia –, que tomaram a frente de disparar a campanha de doação de livros. Em seguida foi preciso buscá-los nos mais diferentes locais da cidade, recolhê-los no departamento de Biblioteconomia da UFMT para todo o trabalho de preparação desses livros para que, posteriormente, fossem levados à CPFR. Foram muitas pessoas envolvidas que envidaram muitos esforços para, no coletivo, materializar a ideia de uma biblioteca e seu nome:

A biblioteca também já tem nome, escolhido pelas recuperandas. Para chegar até ele, sugerimos quatro nomes de mulheres brasileiras que se destacaram na história e demos acesso a suas biografias. O nome escolhido foi Biblioteca Pagu. Patrícia Galvão - Pagu, nascida em 9/6/1910 e morta em 12/12/1962, foi uma intelectual, cronista, romancista, correspondente internacional, militante política, feminista e modernista de grande peso na história do Brasil (Op. cit., 2018b).

Portanto, o nome da biblioteca foi dado pelas próprias mulheres custodiadas na CPFR, após escolha por meio de votação dentre outros nomes propostos e explicados. As mulheres privadas de liberdade mais antigas no local lembraram que se identificaram com Pagu porque além de sua história como escritora, jornalista, produtora cultural e militante política brasileira, foi a primeira mulher brasileira a ser presa política no século XX (Figura 8).

**Figura 8 - Ilustração de Patrícia Galvão (Pagu) na CPFRR**



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Sua inauguração ocorreu em 06 de setembro de 2018, porém, ainda não foi institucionalizada e não houve incentivo público, estando a psicóloga da unidade prisional exercendo provisoriamente e de maneira voluntária, também, o papel de bibliotecária.

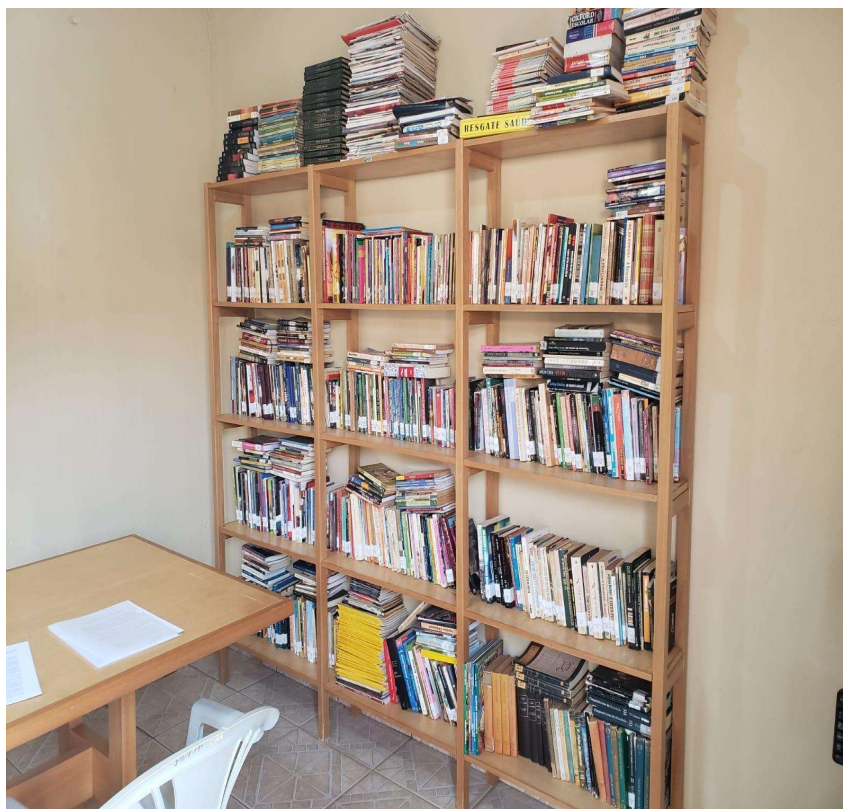
Assim, observou-se que a biblioteca da CPFRR se mantém da forma como relatado por Oliveira (2010, p. 141) “a biblioteca sobrevive porque a direção do presídio envida esforços no sentido de ampliar o acervo coletado na comunidade”.

Um grande feito conquistado foi a preparação dos livros, coordenado pela professora Sheila Cristina Ferreira Gabriel, do curso de biblioteconomia da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Rondonópolis. Foram mais de 800 exemplares, a maioria catalogados e arrumados na única estante existente, por temas (Figura 9).

Cumprе salientar que, no ano de 2021, a SESP por meio da Secretaria Adjunta de Administração Penitenciária SPP e da Superintendência de Políticas Penitenciárias NEP (Núcleo de Educação em Prisões) elaborou o Projeto Estadual de Remição pela Leitura: “Literaliberdade”. O objetivo do projeto consistiu em contribuir com maior desenvolvimento do acervo bibliográfico, do recurso humano, material e didático. Entretanto, para o caso da CPFRR esse recurso ainda não foi mobilizado.



**Figura 9 - Estante de livros da Biblioteca Pagu**



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Em geral, as mulheres reclusas e leitoras não percorrem as prateleiras na biblioteca, pois a quantidade de policiais penais é aquém do ideal e não consegue lhes proporcionar o deslocamento dentro da unidade com segurança. Elas pedem indicações de livros às demais mulheres em privação de liberdade que já leram e tal dinâmica se tornou o meio de referência bibliotecária mais utilizado por elas: o canal boca a boca.

Os livros são levados até as celas, em um carrinho de supermercado pela Psicóloga Priscila de Sales para que possam fazer suas escolhas (Figura 10). Geralmente, a leitura é feita à noite, após os afazeres diurnos como os cuidados com as roupas, limpeza do local, participação em cursos profissionalizantes ou feitura de artesanato – crochê.

**Figura 10 - Mulheres leitoras da Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis**



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Reputa-se a importância de destacar que, das participantes leitoras, apenas uma tinha acesso aos livros fora da prisão. As demais, ou era por falta de oportunidade ou por desleixo, vindo, após a prisão, recuperar ou aprender o hábito da leitura. Nas palavras de Andorinha (informação verbal): “Graças a Deus sempre tive o hábito da leitura, sempre incentivei meus filhos a ler. A leitura melhora nosso vocabulário, nossa forma de expressar”<sup>5</sup>.

De acordo com Fênix (informação verbal): “Fui pegando a vontade de continuar lendo, porque lá em casa eu não lia, não tinha tempo, nem a bíblia eu lia”<sup>6</sup>. A entrevistada de pseudônimo Águia relatou que: “em três anos que estou aqui na cadeia, acho que li mais de 30 livros marcados e outros as colegas que já li. E na rua, em 35 anos, acho que nem li 10 livros.

<sup>5</sup> Entrevista concedida por ANDORINHA. [18 de agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. arquivo. mp3 (11 min.).

<sup>6</sup> Entrevista concedida por FÊNIX. [18 de agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. arquivo. mp3 (16 min.).

Eu me interessei muito pela leitura aqui dentro. Os livros me ajudam muito” (informação verbal).<sup>7</sup>

Assim, percebe-se que a presença de bibliotecas prisionais leva as pessoas privadas de liberdade, por meio da leitura, à informação dos caminhos da educação e verificação como essenciais para a reflexão e reavaliação de conceitos pessoais e familiares. Miotto (2017) salienta que a leitura no ambiente penitenciário é importante para toda a sociedade. E Furlan (2012) enfatiza, “A leitura tem o poder de mudar o destino das pessoas. É a fuga daquele caminho traçado por gerações menos favorecidas da sociedade marginalizada. É dialogar com o tempo e viver experiências já vividas que só a leitura permite conhecer” (p. 41).

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida por ÁGUIA. [18 de agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. arquivo. mp3 (20 min.).

## 5 VOZES FEMININAS E A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA

Este é o momento de trazer, com maior ênfase, as entrevistas das mulheres, como cada uma se percebeu durante a execução do LSG – uma professora da universidade, a psicóloga e três mulheres em privação de liberdade e eu como pesquisadora. É uma espécie de rede de vozes em que se contam, se dão a saber quem são, como se sentem, como enfrentam as adversidades da vida pessoal e profissional diante do Projeto LSG.

### 5.1 Novo sentimento diante da muralha

No dia escolhido para iniciar a coleta e produção de dados para a pesquisa, surgiu-me uma emoção diferente daquelas sentidas nas outras visitas ao CPFR. O coração estava acelerado e ocorreu o questionamento “Como/ Por quê?”, uma vez que já havia cativado determinado hábito com o fato de frequentar local.

O fato de estar ali enquanto pesquisadora e não como servidora pública da Promotoria de Justiça tornou o momento e a data especiais. Embora todo o conhecimento da minha atividade me acompanhe em toda circunstância, tinha que, naquele momento e de alguma forma, estranhar aquele ambiente para poder vê-lo como se fosse a primeira vez. Ao fazer isso exercitava o que os antropólogos denominam de atitude de estranhamento, ou seja:

[...] é uma atitude de estranhamento e/ou exterioridade por parte do pesquisador em relação ao objeto, a qual provém da influência de sua cultura de origem e dos esquemas conceituais de que está armado e que não é descartada pelo fato de estar em contato com outra cultura e outras explicações, as chamadas “teorias nativas”. Na verdade, essa copresença, a atenção em ambas é que acaba provocando a ambiguidade, a possibilidade de uma solução não prevista, um olhar descentrado, uma saída inesperada (MAGNANI, 2002, p. 16).

Manejando com essa informação de entrar num lugar conhecido, como se fosse a primeira vez e por conhecer os procedimentos de entrada, toquei a campainha, em seguida foram percebidos sons de passos e vozes, cada vez com mais clareza, as mulheres em privação de liberdade ecoavam em brados enérgicos e chamativos, como se buscassem forças para ali continuarem.

Acompanhada por policiais penais para o cadastro que é necessário no ato da entrada, entreguei meu documento de identidade para a responsável preencher um formulário conforme protocolo. Consciente de que não devia utilizar roupas amarelas e pretas - cores presentes respectivamente nos uniformes das mulheres em privação de liberdade e no uniforme dos agentes, prossegui com as atividades. Alinhavo com os sentimentos que teve a professora Cancionila ao chegar aqui na sua primeira vez:

A expectativa que eu tive para a ida, porque, como diz você, um ambiente novo, tudo o que eu sabia de prisão, de pena, de condições carcerárias era muito mais de filmes, de séries que a gente assiste, ou outro texto que tenha lido. Não sei se a Elni te indicou, mas tem uma tese de doutorado da Ana Arlinda, que é a leitura de mulheres na cadeia, então, eu conhecia esse texto e alguma coisa assim, mas era muito pouco, o máximo que eu tive perto desse ambiente foi quando uma ou duas vezes fui furtada e tive que ir pra uma delegacia prestar depoimento. Isso foi o máximo que eu tinha estado. Então, tudo muito novo pra mim. Essa entrada na cadeia, o impacto de ver pessoas armadas, de ver fuzil, corredor escuro. Mas é ambíguo o sentimento, porque ao mesmo tempo que assim, tudo, o coração, como diz você, dá aquela bateadeira, tá pulsando forte, naquela adrenalina. (Informação verbal)<sup>8</sup>

Como a professora Cancionila, também sentia o coração batendo mais acelerado, mas naquele dia a cadeia diante do que se presumiu do lado de fora me pareceu ser um ambiente calmo, controlado e seguro. As alas das celas foram percorridas em companhia da diretora e verificou-se que havia muitas mulheres reclusas trabalhando na limpeza, com crochê ou lendo.

Há a recordação de que, quando passava pelos corredores que davam acesso às celas, foi possível visualizar olhares curiosos em minha direção. Algumas das hipóteses que levantaram foi de que a visita significaria uma distribuição de cálculo de pena ou, ainda, alguma denúncia.

Quando foi explanado sobre o trabalho, várias mulheres levantaram as mãos para participarem da entrevista. Porém foi que, diante dos problemas de restrição de aglomeração trazidos pela pandemia, somente três participariam, dessa vez.

Juntaram-se a nós outras duas mulheres leitoras desde o ano de 2018 e, sorrindo, perguntou baixinho se poderiam ler um livro para outra companheira de cela, para que ela pudesse apresentar oralmente seu resumo, pois não sabia ler. Encantou-me a forma mais simples dada para a solução de uma questão que afeta várias mulheres em privação de liberdade: o analfabetismo.

Isso, referendava o presente trabalho de pesquisa em que foi percebido que a literatura e a leitura poderiam ser caminhos para fomentar a prática dos direitos humanos de diferentes maneiras, ao apresentar novos caminhos e perspectivas às mulheres leitoras de reconhecimento de si e do outro.

Em conversa nas últimas celas do corredor, foi possível verificar que poucas mulheres disseram ter hábito de leitura. A maioria relatou não ler na cadeia e isso, percebe-se ser consequência da baixa escolaridade e da ausência de atividades de leitura em casa.

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida por CARDOSO, Cancionila Janzkovski. [13 de agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. arquivo. mp3 (66 min.).



Devem ser ressaltados os estudos de Soares (2009), Kleiman (2008), Tfouni (2010) e outras pesquisadoras, que relacionam o letramento às práticas cotidianas de uso da leitura e da escrita. Variadas e frequentes experiências de leitura aprimoram e consolidam aprendizagens e propiciam a elevação do nível de letramento ou, ao menos, garantem a manutenção do nível de letramento alcançado com a escolaridade.

Após a visita no prédio principal, ocorreu o encaminhamento até a Biblioteca Pagu, onde a psicóloga e a diretora permaneceram explanando a rotina diária do local (Figura 11).

**Figura 11 - Fotografia da placa de entrada da Biblioteca Pagu**



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Cumprir apontar outra visão do local, onde foi percebida uma semelhança a um vultoso prédio de órgão público, com os seus corredores e instalações bem limpos, cuidados por mulheres em privação de liberdade, escolhidas pelo comportamento calmo e ausência de desavenças internas. As policiais penais femininas vigiam os corredores externos e as alas das celas e o único policial penal do sexo masculino é responsável pela segurança geral, permanecendo no pátio externo, vigilante com o auxílio das câmeras espalhadas ao redor do muro.

Por estar ali em nova função que não a de trabalho, me apanhei com certa tensão aflorada ao observar que a unidade prisional estava estranhamente calma, sem nenhuma percepção de perigo. Considerando que desde a entrada à permanência na CPFR, para a inspeção do trabalho, permanecemos em constante companhia de policiais penais armados, para a segurança. A

experiência diferenciava-se, pois, por proporcionar uma nova visão, mais emotiva e condescendente.

## 5.2 O pensar da professora da universidade sobre a leitura na unidade prisional

Em sua entrevista, a professora Cancionila contou um pouco como ela teve o desejo de começar a participar do Projeto LSG:

Eu ainda estava na ativa, me aposentei em 2016. Ainda quando eu estava na ativa e o projeto começou em 2015, eu vi aquele movimento nos corredores, dos alunos se encontrando com o Flávio, na ocasião, com outros professores, com a Elni e congresso, encontros, ou mesmo reunião do departamento, eu fui escutando alguma coisa do Leitura Sem Grades. Era uma coisa longe, distanciada. Mas eu senti um desejo, assim, uma vontade de conhecer melhor, de me integrar àquilo. Mas exageradamente no final, eu estava com vários trabalhos. Mas sentia aquele desejo de também participar, fazer algum relato, pequeno relato, conversa pontual mesmo me lembro de uma com a Elni no corredor, daí eu perguntei alguma coisa. Em uma reunião, num congresso, me foi apresentado o projeto, e eu fiz algum comentário e o Flávio disse “Então, Kátia, tu podes assumir, nós estamos te esperando!”. Enfim, me aposentei em 2016 e procurei a Elni que na ocasião estava na coordenação, e falei que gostaria de integrar. Conhecia muito pouco do projeto, era só uma visão bem de conjunto, alguma coisa das ações. Aí, me integrei ao projeto e tenho essa experiência (informação verbal).<sup>9</sup>

Após esse contato inicial e integração ao projeto, a professora Kátia enfrentou outros dilemas: como seria essa transposição de ser uma professora que planeja toda a sua aula para o contexto da universidade e agora, no projeto de extensão quando a orientação era outra. Como será que ela resolveu esse dilema?

Aquela professora aposentada, tinha experiência em sala de aula, pedagógica, de alfabetizadora, formadora de professores, com cacoete de professora... toc de professora. São muitos anos de carreira. A profissão nos constitui, não é de outro jeito. Onde estou, surge um assunto, eu já começo a ensinar, a educar (risos). Aí, o grande desafio dessa experiência era justamente lidar com isso... veja, na premissa grande da profissão de professora, salvo algumas concepções que digamos, são mais libertárias, é o professor ter um planejamento, você vai pra sala de aula e supõe que a pessoa tem uma proposta, um planejamento e o planejamento dá uma segurança, “o que vai ser hoje?” “Hoje tenho esses textos pra ler, essa pergunta pra incomodar, um trabalho em grupo, uma discussão, uma apresentação”, enfim, planejamento dá essa segurança. E mesmo o planejado, tem o inusitado. Mas a gente tem que ter planejamento, na minha percepção. E o primeiro desafio neste projeto foi que era muito solto. Vamos pra lá. O máximo que se tinha era vamos para lá ler e escutar. É muito pouco para quem é agarrada ao planejamento e ele significa controle. O planejamento é uma tentativa de controle do tempo e do espaço. Eu ainda coloquei assim: tal discussão, 40 minutos. Depois disso, apresentação das respostas com tantos minutos. Tenta controlar o tempo-

<sup>9</sup> Entrevista concedida por CARDOSO, Cancionila Janzkovski. [13 de agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. arquivo. mp3 (66 min.).

espaço. A busca era sempre de acompanhar ao máximo o que foi planejado. E na cadeia, no *Leitura sem grades*, era: vamos lá ler. Como a Elni coloca “ler o quê?”, não, você escolhe. E o que é para ler? Ela respondia: “Olha, o que você achar do seu repertório, o que for mais adequado para aquelas mulheres, naquele momento”. Tudo muito solto. E lidar com isso, tentar deixar a professora, essa que ensina, o tempo inteiro, restará de forma mais fluida, mais solta. Nossa, isso pra mim foi o maior desafio e a maior aprendizagem (informação verbal).<sup>10</sup>

Vemos com esse longo depoimento que não foi nada fácil para uma professora já madura, com longos anos de convívio com as salas de aula na universidade, uma prática bem consolidada de planejar toda uma aula. Realmente foi um grande desafio ter que enfrentar a metodologia do projeto:

O que percebemos é que as pessoas, inicialmente, ficavam inseguras e queriam que nós, os coordenadores, disséssemos Como e o que ler/fazer. Sempre devolvíamos essas inquietações, com coragem, provocando-os: *¡experimente! ¡experimente-se! Ouse! Faça a sua tentativa. ¡Se der certo, ótimo! Se não der certo, reavalie, procure-nos, vamos conversar, vamos rever o que pode ser melhorado ou modificado* (WILLMS, 2017, p. 141).

Em outro texto, as autoras refletem sobre essa mesma questão metodológica e o quanto ela foi desafiante e até certo ponto inovadora, uma vez que fugia daquele planejamento habitual apontado pela professora Cátia. Observa-se que, talvez realmente teria que ter outra atitude, uma vez que se estaria em ambientes externos à universidade. Como lidar com toda essa liberdade, entre grades?

Apostamos que as pessoas pudessem se expor à experiência da autonomia – de escolher o que ler, por quanto tempo, que tipo ou tamanho de texto – e também à experiência do acaso, do não ter controle, do ter que se expor, entre grades, à liberdade possível. (WILLMS; CARDOSO; OLIVEIRA, 2019, p. 943).

Pode-se perceber que esse espaço-tempo das rodas de leitura veio possibilitar a todas as mulheres envolvidas no projeto uma certa fuga do momento de aprisionamento, ao escapar da rotina e estar em contato com outras pessoas que não aquelas que fazem parte do sistema de vigilância. Já para a professora Cátia, foi o momento em que entendeu pelo afrouxamento das rédeas do planejamento pedagógico, da didática, do controle sobre o que é ensinado e aprendido que ela teve que, mesmo aposentada, reinventar estratégias e ousar ser criativa diante da realidade enigmática de uma aula ou atividade pedagógica que se desenvolve mais ao acaso, ao sabor das participações – ou não – daquelas mulheres diante dos textos que a elas era oferecido. Nesse sentido, nem todos os textos tiveram boa aceitação. Mesmo nessas situações era preciso seguir a diante, sacar de outro texto, uma música, provocar o diálogo com uma pergunta, enfim,

---

<sup>10</sup> Op. cit., 2021.



abrir-se às possibilidades do momento do encontro. Ou apenas acolher o silêncio com um olhar de quem não tem todas as respostas e tudo bem.

Na sequência da entrevista a professora Cancionila contou como com sua experiência ela conseguiu lidar com esse desafio de levar leitura para mulheres em uma sala, atrás das grades:

Aí, entro na sala de aula e é uma sala de aula, bem típica com quadro de giz, uma mesa de professora, carteiras enfileiradas, e as pessoas lá.... é uma sala de aula. É e não é. Eu chamei de sala-cela. Há elementos do conhecido, do nosso hábito e há elementos inusitados. Ali começou a minha luta, para não tentar dominar a cena, ser a professora ali, sabe? Parecia que a obrigação ali era eu ser a professora. Eu sou mais uma. Mas foi assim, um baque o tempo inteiro, e nos meus diários eu escrevo que bom que eu não tentei dominar a cena! Fui aprendendo (informação verbal).<sup>11</sup>

É bonito de se ler isso: uma professora aposentada aprendendo sempre e mais, expondo-se à uma experiência nova, como outras que ela teve, em outros momentos de sua carreira:

Então, foi a experiência, no sentido daquilo que toca, aquilo que faz pensar, que faz refletir, faz crescer. Eu penso que é uma das experiências mais importantes da minha carreira. Tem outra, por exemplo: eu trabalhei com formação de professores leigos, que já estavam no exercício da profissão há anos, mas não tinham o magistério, não estou falando da universidade, curso superior. Era um projeto chamado Projeto Inajar, lá no Araguaia, e eu trabalhei com 160 professores nesse curso, foi uma experiência também marcante. A experiência traz muito aprendizado, a gente tem que estar aprendendo o tempo inteiro. Quando eu lembro de algo inusitado, eu lembro de Alto Araguaia e do Leitura Sem Grades, são muito fortes (informação verbal).<sup>12</sup>

Destaca-se na narrativa, o olhar de uma pessoa com percepções mais sensíveis à outra que estava a sua frente naquele momento:

Na cadeia eu tive a oportunidade de exercer, ou tentar exercer, de forma mais radical, a alteridade. Ai, olha como sou boba chorando! Acho que o que me toca muito, sabe, uma coisa que o projeto concebia, era que nós não queríamos saber o que elas fizeram. Eu nunca perguntei que crime cometeram, o que elas fizeram para estarem ali, embora saiba que a maioria por tráfico. Pelo menos duas falaram explicitamente sem a gente pedir. Nós não estávamos ali para julgar. E é tão bom ter essa sensação que eu não preciso julgar. Estou olhando para esse ser, é uma mulher como eu e é isso que quero ver. Um ser que quer interagir aqui nesse momento e quero escutar, quero aprender, quero ensinar, quero trazer a literatura e por aí fora. Acho que isso é uma aprendizagem muito importante (informação verbal).<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> Op. cit., 2021

<sup>12</sup> Entrevista concedida por CARDOSO, Cancionila Janzkovski. [13 de agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. arquivo. mp3 (66 min.).

<sup>13</sup> Op. cit., 2021.

Nesse comentário tão contundente de uma professora já aposentada e com uma longa carreira dentro da universidade pode-se perceber o poder e a força da educação, dessa prática que nos coloca em contato com outras pessoas para alimentar o ensinar e o aprender. A professora continua a aprender, agora com mulheres na cadeia. Esse é um aspecto bonito do depoimento, também o despojar-se de julgamento para, em primeiro lugar, ensinar e aprender.

### **5.3 Os projetos de leitura na perspectiva da psicóloga**

Com o prosseguimento do estudo e com o acúmulo de conhecimento por meio do trabalho no Ministério Público, buscou-se pela servidora da CPFR a psicóloga Priscila Domiciano, que realiza desde o ano de 2013 o acompanhamento das mulheres em privação de liberdade, sendo também integrante do processo de evolução do Projeto LSG:

Num certo momento, em 2016/2017, eu com esse desejo de fazer uma biblioteca, não lembro exatamente como foi, sei que vocês da promotoria chegaram e estavam com esse desejo também. E as professoras da UFMT também estavam com essa ideia. Aí a gente se reuniu, se encontrou e decidimos fazer. Tudo veio do projeto de extensão leituras sem grades, em que as professoras manifestaram esse desejo de fazer essa biblioteca na cadeia (informação verbal).<sup>14</sup>

Observa-se que, além de psicóloga, Priscila assumiu a responsabilidade de ser, também, a gestora da Biblioteca Pagu, com os livros catalogados pela equipe de biblioteconomia da UFMT e com os móveis (estante, mesa, armário) feitos pelos homens em privação de liberdade da Penitenciária Major Eldo Sa Correa, conhecida como Mata Grande e doados. Quanto à remição de pena pelo Projeto Leitura para a Liberdade teve início em dezembro de 2018 e se estendeu até início de 2020, período que entrara em licença maternidade e que precedeu a pandemia e a interrupção da maioria das atividades desenvolvidas no local:

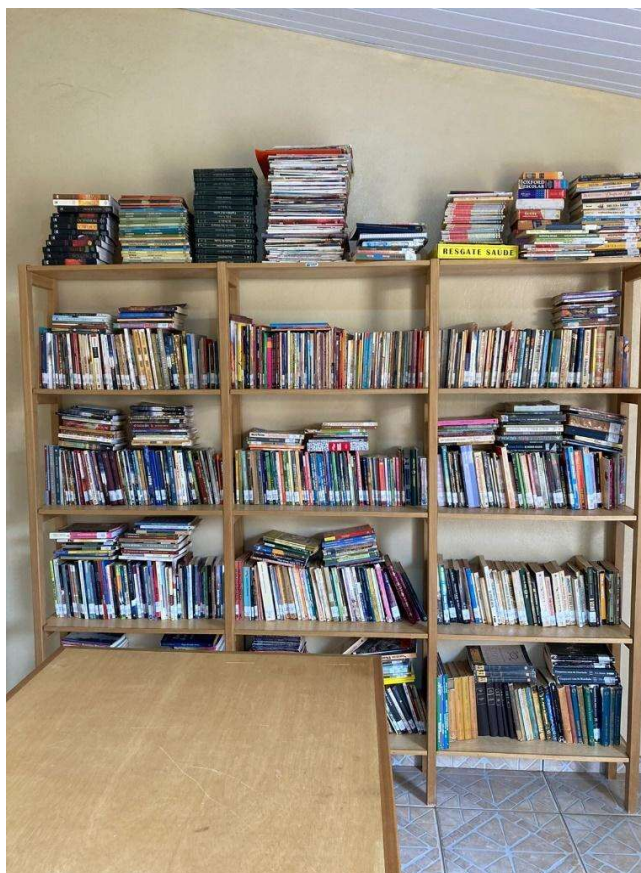
A escola parou de funcionar, mas a biblioteca não parou. O que parou foi o projeto de remição porque dependia dos professores. A licença maternidade coincidiu com a pandemia, momento que parou de se distribuir os livros nas celas por medo do vírus novo. Aí, quando eu voltei os livros voltaram também (informação verbal).<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida por DOMICIANO, Priscila de Salles Toti. [27 de agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. arquivo. mp3 (20:13 min.)

<sup>15</sup> Op. cit., 2021

**Figura 12 - A Biblioteca continuou a funcionar durante a pandemia**



Fonte: Acervo da CPFRR.

Em meio a entrevista, destacaram-se seus olhos brilhando quando pegou suas anotações e mostrou que nos anos de 2018 e 2019, as mulheres leitoras, em privação de liberdade naquele local, leram em torno de 200 livros e, comparando com o ano de 2021, vibrou ao falar que elas leram mais de 500 livros. Foi possível depreender seu gosto e apego aos livros no trecho:

Eu tive que aprender a desapegar dos livros. Porque como vocês conversaram na semana passada, com as detentas, do cuidado com os livros, do carinho, e você pegar um livro estragado... quando isso aconteceu as primeiras vezes, eu falei não, não é possível, como que faz isso com o livro, como que rasga desse jeito e, ainda pra pegar e fazer um cigarro. Foi uma crise minha no começo. Perdi alguns livros, livros que eu tinha carinho. Teve umas detentas que foram embora e levaram os livros. Só que hoje, elas cuidam mais uma das outras. Assim, eu percebo que uma tá vigiando a outra, se vai cuidar, se vai entregar. (informação verbal)<sup>16</sup>

E desse cuidado, com o tempo, notou-se que fora transferido para as leitoras:

A recuperanda muda de cela e elas já sabem “ah, e o livro? O livro da biblioteca? Vai ficar com quem? Sempre alguém pega e cuida. Ai quando eu passo lá pra recolher, elas avisam “esse é da fulana que foi embora, mas ela deixou”. Então eu já ouvi várias vezes que a detenta foi embora, mas elas

<sup>16</sup> Op. cit., 2021

pegaram os livros pra devolver. Mas agora elas entenderam que elas têm que cuidar dos livros pra elas terem. E não foi através da punição não. Foi através da compreensão delas entenderem que aquilo era delas. Se uma não cuidar, as outras não vão ter também. (Informação verbal)<sup>17</sup>

Cabe, ainda, destacar a vivência e a observação pela psicóloga acerca do galgar da leitura na CPFR e dos momentos em que foi se construindo um novo trajeto com as mulheres, ao falar sobre os projetos de leitura e sobre os livros. Houve resistência com o novo, assim como em qualquer lugar, mas tornou-se possível:

Esse projeto é lindo, maravilhoso. Eu não me esqueço da primeira vez que me chamou a atenção. É a Luciana, que já está solta, porque eu passei lá na cela onde ela estava e ela não queria participar, não queria ler. A gente começou a entregar os livros pra leitura no meio do ano. E ela não queria nenhum livro. Aí, ela descobriu que ia ter remição, então pediu um livro pequeno, com o maior descaso. Aí ela pegou um, gostou e pediu um parecido com aquele. Aí ela pegou outro... depois pegou um livro juvenil, o “câmera na mão, o guarani no coração”, que é tipo uma releitura mais juvenil do “guarani”. “Ah, mas agora eu quero ler o “guarani”! Aí ela queria ler mais literatura. Ela pegou e leu “Dom Casmurro” e várias outras literaturas brasileiras. Aí ela quis ler Shakespeare, leu uns dois ou três. E ela mesma chegou nessa conclusão: “nossa, Priscila, você lembra que eu nem queria?!” Aí eu vi isso e foi muito legal e fiz com várias dessa forma, aquelas que eu ia na cela, não queriam ler... daí elas viam as outras leitoras empolgadas com os livros e perguntavam por que elas estavam gostando tanto? E ela não acreditava que conseguiria ler um livro porque nunca leu um livro na vida, pois mal terminou os estudos, aliás nem terminou. Aí falava “como vou ler um livro?”. Aí elas começam sempre com um livro simples, menorzinho, pegam gosto e vão pros livros maiores. Aí elas começam a trocar os livros dentro das celas, indicando os “muito bom”. (Informação verbal)<sup>18</sup>

Nesse momento, remete-me a diversidade dos gêneros literários e a importância da literatura como obra aberta, a qual deve estar disponível às pessoas de todas as idades, sem censura, em sua diversidade de gêneros, como, assim, entende Candido (2004, p. 16):

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Diante de tudo que cerca o ambiente temeroso e apreensivo da cadeia, é notável o entusiasmo e o prazer da psicóloga em poder proporcionar uma vivência diferente e levar às pessoas novas possibilidades de ver o mundo:

Então, assim, é muito lindo o projeto, é humanidade, é dignidade, é reconhecimento, e a autoestima também, pensa no que isso não eleva no amor-próprio delas, na potência de conseguir ler um livro e hoje estar lendo vários

---

<sup>17</sup> Op. cit., 2021

<sup>18</sup> Op. cit., 2021

livros que elas achavam que nunca que ia ler na minha vida. Então, eu acho que elas pensam: que mais eu não posso fazer ou conseguir? Será que eu não consigo terminar os estudos? Será que eu vou fazer uma faculdade? O livro é um empurrãozinho porque a história escolar delas é sempre muito complicada, muito turbulenta, porque mistura com história de vida e é um desastre total. A maioria delas começou a usar drogas cedo. E aí aquelas que já liam na rua, ficam superfelizes quando veem livros aqui (informação verbal).<sup>19</sup>

Michele Petit (2019, p. 54) bem relata esse fato: “ler serve para encontrar fora de si palavras à altura de sua experiência, figurações que permitem encenar, de maneira distanciada ou indireta, aquilo que vivemos, sobretudo os capítulos difíceis de nossa história”. Assim, a participante e psicóloga Priscila Domiciano continua a entrevista, entusiasmada com a leitura e com a perspectiva esperada: “Acredito que elas nunca mais irão perder isso, deixar de ler um livro com esse olhar” (informação verbal).<sup>20</sup>

Vê-se, então, a partir da percepção dessa profissional que acompanha diariamente a rotina dessas mulheres em situação prisional, que a leitura tem sim um caráter transformador, como foi apresentado anteriormente. E quando se fala de humanidade, se fala daquilo que nos distingue intimamente do restante das espécies: a produção de cultura, que só se realiza através do exercício da criação que é essencialmente potencializado pela imaginação.

#### **5.4 Mulheres leitoras: histórias de vida, histórias de leitura**

O capítulo que se abre abarca as perspectivas de cada uma das três mulheres em situação prisional e participantes da pesquisa. Salienta-se que o apoio teórico e as contribuições dos autores aqui trazidos foram fundamentais para se fazer as análises dos dados produzidos.

Quanto à prisão, parei por aqui. Creio que Deus me salvou desse vício, me libertou e essa longa jornada eu aprendi coisas boas e coisas ruins, mas eu quero levar pra mim só as boas. Eu fiz muita coisa ruim, aprendi com meus erros, aí pedi uma oportunidade, me deram aqui e vou levar isso pra rua, pra ter a confiança das pessoas. Todos tinham medo de me levar pra trabalhar e eu aprontar e então quero pegar a confiança das pessoas, levar pro resto da minha vida, tenho 35 anos. Quando eu tava na rua, minha mãe sempre falava pra mim. Eu sou péssima em português, minha matéria preferida era matemática. Tinha negócio de redação e minha mãe falava: vai ler. Não gosto de ler, não entendo nada! Eu começo a ler e tenho que voltar lá do começo pra poder entender de novo! Não entendo, não adianta, não entendo. Minha mãe falou: você já parou pra ler? Eu disse já, mas não tenho paciência. Se na minha vida na rua eu li uns 10 livros, foi de quando eu era criança, que lia aqueles livros de historinha *apaixonilda* que você folheava e pelas figuras já entendia tudo (informação verbal).<sup>21</sup>

<sup>19</sup> Entrevista concedida por DOMICIANO, Priscila de Salles Toti. [27 de agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. arquivo. mp3 (20 min.).

<sup>20</sup> Op. cit., 2021.

<sup>21</sup> Entrevista concedida por ÁGUIA. [18 de agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. arquivo. mp3 (20 min.).

Águia se apresenta: relata a respeito sua vida, as dificuldades na escola, os conselhos que recebeu da mãe e também o quanto ela sente que não desperta confiança nas pessoas, mas que é algo que precisa conquistar. E espera fazer isso na cadeia. Será que a leitura poderia oferecer algum suporte, nesse sentido? Embora não se possa responder com toda certeza, a nossa participante conseguiu começar a ler:

A Priscila comentou: “começa a ler”, eu falei, “tá bom”. Então começou a remição pela leitura. Eu não podia mais estudar porque eu já terminei os estudos, então veio a remição pelo livro. Eu comecei. Eu gosto de ler em voz alta porque eu lendo no silêncio, não entra na minha mente. Se eu leio em voz alta, eu vou entendendo. Aí eu fico viajando na história, imaginando, aí fui começando a entender, entender, entender, aí aquilo foi criando um interesse grande, eu não via hora de chegar o final, mas eu não queria pular, não queria perder nenhuma página. Daí eu comecei a me interessar pela história, pela vida daquele personagem, e ficava com raiva... Daí vem tudo, sentimento de raiva, de ansiedade pelo que vai acontecer, com isso fui pegando amor (informação verbal).<sup>22</sup>

Temos aqui o percurso da Águia em que ela conta como lê, ao usar o recurso da leitura em voz alta. Ela precisa escutar a voz dela para compreender, também diz que com a leitura passou a “entender, entender, entender”, ela reforça, ao dizer três vezes, que com a leitura começou a entender. Isso é tão rico! Esse depoimento evidencia o que a leitura faz: amplia horizontes de compreensão, pois faz conhecer outras maneiras de conceber o mundo, como vimos a partir das contribuições de Antonio Candido (1995; 2004; 2011) e Tzvetan Todorov (2008). Essa mulher leitora cresceu tanto em entendimento a ponto de encorajar-se para ler livros clássicos:

No livro “Odisseia” a Priscila me perguntou como é. O Odisseu vai lá pro combate lá, pra guerra lá, onde ele fica 20 anos, sumido, aí ele passa por muitos “perrecos”, e o filho dele começa a procurar ele, ele vai pra uma ilha, uma feiticeira enfeitiça ele, ele fica na ilha, depois ele volta, aí a deusa - esqueci o nome dela porque são muitos deuses – e faz ele se tornar um mendigo, voltar como mendigo, pra ver quem respeitava ele por ter ficado 20 anos fora. E tinha muitos pretendentes, a esposa dele, mas ela sempre foi muito fiel, ela ficava enrolando os pretendentes, enrolando, enrolando, e o filho dele já tava em outra ilha procurando por ele, pra saber se ele tava vivo ou morto. Porque a mãe dele tinha que casar ou eles tinham que sair da ilha porque o povo ia tomar a ilha deles e deixar eles pobres. Aí ele voltou como mendigo, se infiltrou no meio dos pretendentes, aí ele foi saber quem gostava dele de verdade, tanto os empregados como os pretendentes, daí ele forjou uma guerra entre os pretendentes, e a deusa da beleza, acho que é a Ades, pegou e fez ele ficar no meio dos mendigos, jogou carne nele, só judiava dele e ele só o ódio, pensando: “O povo da minha terra me maltratando, mas uma hora a vez deles vai chegar!”. Aí ele se identificou pro filho dele, que chorou, ficou muito

---

<sup>22</sup> Op. cit., 2021.

alegre, porque tinha 20 anos que o pai saiu pra guerra em Tróia, daquele cavalo, e na volta se perderam. Ele perdeu todos os companheiros dele, ele foi o único sobrevivente. O Odisseu, o filho, o cuidador dos carneiros e acho que o vaqueiro foram os únicos que ajudaram. Com flecha, com arco, foi um banho de sangue, eles mataram todos os pretendentes, que não queriam que ele voltasse, mas sim que estivesse morto. Ele matou todos, não teve pena de nenhum. Aí ele e a mulher voltaram a ficar junto depois de 20 anos. No começo eu odiei o livro, eu peguei pra ler ele e mais dois, comecei a ler ele, vi aquele monte de nome complicado, terminei de ler os outros dois e só tinha ele pra ler, daí eu fui ler. Daí depois que comecei, não quis mais parar (informação verbal).<sup>23</sup>

O depoimento apresentado comporta uma dimensão de grande riqueza. Quantas pessoas conseguiriam contar as aventuras da Odisseia? Águia narrou os pontos centrais dessa leitura que é um clássico da língua portuguesa. Além de narrar, ela aprendeu sobre as vicissitudes dos personagens e, dessa forma, se educou. Vê-se, ainda, ao final, o reforço da visão cristalina da meritocracia, ou seja, a recompensa ao esforço individual que impulsiona a mudança de vida, mas que ignora o dever do estado em garantir políticas públicas efetivas de educação e de ressocialização. Ela prosseguiu com outros livros:

Eu peço à Priscila um livro de Deuses pra ler. Daí ela conseguiu o livro do Ramsés, um Faraó que reinou por mais 60 anos. Era o segundo filho. O irmão dele era muito mesquinho, gostava só de luxo e ele não, ele era lutador, participava de provas com touro. O irmão dele aprontou muito pra ele, fez muita emboscada. E lá no Egito eles veneram muitos deuses: o ar, a terra, o fogo. Ramsés quer dizer filho do sol ou da luz. E quando foi pra primeira guerra contra os hititas o exército dele ficou com medo e fugiu, e ele simplesmente fez uma oração, pediu pros deuses dele lá. Ele achou um leão picado por uma cobra, cuidou do leão, e o leão se tornou amigo fiel dele. Em todas as guerras que ele ia, o leão ia junto e matava. O exército ficava pra trás e ele e o leão na frente matando. Depois, Ramsés foi numa ilha e achou um elefante chorando, e ele salvou o elefante tirando a laça de sua tromba. Eu tava no volume dois e são cinco. Como vou fazer pra ler? Eu gosto desses tipos de livros, que tem continuação. Tem livros aqui que só tem o segundo volume, não tem o primeiro. Quando eu peguei gosto pela leitura, eu peguei até aquele tons de cinza. Em três anos que estou aqui na cadeia, acho que li mais de 30 livros marcados e outros das colegas que já li. E na rua, em 35 anos, acho que nem li 10 livros. Eu me interessei muito pela leitura aqui dentro. Os livros me ajudam muito. Tem livros que você vê que as pessoas não conseguem se superar, elas tentam fazer de um jeito certo e conseguem subir na vida do jeito certo. Tem livro que tem histórias reais, que contam das pessoas fazendo tudo errado, de crimes, e depois mudam de vida. Se a gente colocar na cabeça que a gente pode, que a gente consegue, a gente consegue, é só pôr na cabeça, não deixar se dominar, aqui dentro, se você tiver força de vontade, colaboração, ter lugares que ajudam a gente, como o pessoal do Nova Chance que está pegando presidiários e arrumando serviço. (Informação verbal)<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> Op. cit., 2021.

<sup>24</sup> Op. cit., 2021.

Águia continuou a narrar o núcleo central do livro e ambos os livros são complexos, cheios de meandros. Entretanto, ela conseguiu ler e compreender, pois conseguiu falar sobre eles. Isso não é a prova de que a leitura pode contribuir para a formação de uma pessoa? Amplia o vocabulário, a capacidade de perceber e compreender os problemas, as histórias nem sempre exitosas dos personagens, mas, prevalecem a persistência e a capacidade de superar obstáculos. Não é isso que ensinam as narrativas épicas?

Isso contribuiu, por certo, para a formação do leitor. A participante Águia também avaliou o quanto leu na cadeia, apontando para a demanda por novas leituras. Além disso, o seu gosto e hábito pela leitura aparentemente contagiou as demais recuperandas, conforme relatou:

Quando nós fomos pra outra cela, na 7, ninguém lá pegava livro. Aí, de repente eu comecei a pegar livro e fui contando as histórias dos livros pra todo mundo, daí de repente quando a Priscila chegou lá, todo mundo começou a pegar livro, aí virou a pandemia... todo mundo agora fica doido brigando por causa de livro. Aí eu começava a contar as histórias dos livros e o povo falava: “Ah, eu quero ler esse livro”. Aí eu comecei tanto a gostar de livro que quando não tinha livro pra ler eu começava a caçar qualquer tipo de revistinha que tinha uma história, pra mim poder ler, porque eu gosto de viajar, entender, aquilo vai na memória e fico imaginando quando to lendo, quando o povo tá brigando (informação verbal).<sup>25</sup>

Como pode-se perceber a partir dos depoimentos de Águia, a leitura pode nos levar ao outro: ela [Águia] contava para as outras o que tinha lido, quase como a se exibir, mas ao fazer isso acabou por contagiá-las com o incentivo à prática. A leitura pode, portanto, provocar o diálogo, não só com o autor, mas com aqueles que estão próximos e, assim, amplia-se uma cadeia de significados. Neste excerto percebe-se também que Águia está completamente envolvida pela leitura dos livros, com um engajamento que não é só o cumprimento de uma tarefa.

Michele Petit (2019, p.51) ressalta que “para cada pessoa, ler e se lembrar de suas leituras ou de suas escapadas culturais serve para projetar no cotidiano um pouco de beleza, dar um plano de fundo poético à vida, esboçar histórias que talvez jamais se realizem, mas que são uma parte de si”.

Verifica-se que a avaliação feita por elas, de atos passados contributos à prisão e as ideias sobre um futuro são demonstradas em discursos voltados ao tema religioso, de melhoramento pessoal com a oportunidade de aprimoramento e lições de vida.

---

<sup>25</sup> Op. cit., 2021.



Nesse sentido, apresentam-se os discursos de Fênix e Águia acerca da situação de privação de liberdade e que supostamente Deus escolheu que esse caminho fosse trilhado para ‘arrumar’ sua trajetória:

Vou falar uma coisa pra senhora, não vou reclamar não, porque do jeito que eu tava lá fora, na minha rebeldia, nas festas, quem sabe eu... Deus faz o melhor pra gente. Por mais que o melhor foi eu ter sido presa, o pior Ele evitou, de eu ter pego um covid, ter passado pros meus pais que são idosos, pra minha filha, que fez 9 anos agora esses mês. Já pensou se algum deles morre, eu ia me sentir culpada porque eu ia nas festas, nas baladas, usava drogas, mas não assim como tráfico, eu usava droga de festa. Não era maconha, era ecstasy, uma droguinha mais pra festa eletrônica mesmo. Pra mim tudo era festa, nada era crime. Mas eu nunca imaginei que eu seria presa (informação verbal)<sup>26</sup>.

Aqui podemos perceber novamente uma recorrência do discurso de mudança de vida, em que essa mulher aprisionada reforça o encarceramento sob a perspectiva de que, por meio dele é possível reconhecer os erros do passado, trazendo a sensação de que a punição e o aprisionamento humanizam, ou seja, essa mulher assume individualmente os seus erros e não consegue perceber-se como parte de uma sociedade que na sua estrutura promove a desigualdade e quase que força as pessoas a uma vida à margem. Além disso, pode-se perceber os resquícios da nossa cultura judaico-cristã que apregoa a ideia de que a culpa está associada à ideia de reparação, portanto ~~que~~ o aprisionamento promove uma oportunidade de reabilitação com o objetivo de fazer aprender com os erros do passado. A punição e o aprisionamento acabam sendo positivados, aparecendo como discurso a partir das leituras.

Águia também evidenciou a religiosidade em seu discurso, atribuindo a Deus a sua salvação de antigos vícios e a possibilidade de aprendizado com os erros e oportunidade de reparação.

Quanto à prisão, parei por aqui. Creio que Deus me salvou desse vício, me libertou e essa longa jornada eu aprendi coisas boas e coisas ruins, mas eu quero levar pra mim só as boas. Eu fiz muita coisa ruim, aprendi com meus erros, aí pedi uma oportunidade, me deram aqui e vou levar isso pra rua, pra ter a confiança das pessoas (informação verbal).<sup>27</sup>

Pode-se constatar que a religiosidade surge intensamente nos depoimentos das participantes leitoras como um mecanismo de conforto, de salvação e de demonstração de um caminho para a solução dos problemas causados pela prisão. Isso, também, foi observado em

<sup>26</sup> Entrevista concedida por FÊNIX. [18 de agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. arquivo. mp3 (22 min.)

<sup>27</sup> Entrevista concedida por ÁGUIA. [18 de agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. arquivo. mp3 (20 min.)

um texto a respeito da experiência do Projeto de Extensão LSG publicado anteriormente à entrevista:

No contexto desta cadeia feminina, a música era parte vital do cotidiano das mulheres, representava seu prazer, sua alegria, seu lamento, sua esperança, seu desabafo. As músicas que elas gostavam passavam pelo gênero sertanejo [as “sofrências” que as faziam lembrar dos relacionamentos amorosos], pelos funks [que as lembravam das festas], pelos raps [os quais trazem com frequência em sua letra a descrição do cotidiano que elas conhecem] e também pelas músicas religiosas, que representavam um alento para algumas delas (WILLMS, CARDOSO; OLIVEIRA, 2019, p. 954).

Pode-se perceber, ainda, como citado anteriormente, que a maioria dos cantos entoados pelas mulheres encarceradas nas celas são religiosos. Quando percorrida a unidade prisional com a diretora Silvana e a psicóloga Priscila, as mulheres em situação prisional da cela nove nos chamou e pediu permissão para cantarem a música “Eu Ainda Vou Sonhar” (Santos, 2020):

Eu ainda vou sonhar  
 Não importa a estação da minha vida  
 A estrada que por mim foi percorrida  
 Eu ainda vou acreditar  
 Cada dia uma gota de consolo pra me inundar  
 E eu ainda vou sonhar  
 Vem com o teu rio, Deus  
 Vem me inundar, quero mergulhar  
 Sopra o teu vento em mim  
 Enche a minha vida, toma o teu lugar  
 Essa geração vai crer e profetizar  
 Quando eu envelhecer ainda vou sonhar  
 Eu ainda vou sonhar  
 Eu ainda vou sonhar  
 Eu ainda vou sonhar  
 Sorrir, cantar, dançar, pular  
 Correr, voar, sem me cansar  
 Orar de madrugada, até o sol raiar  
 Me refazer, olhando o mar  
 Viver pra ver o meu milagre  
 Eu ainda vou, eu ainda vou  
 Eu ainda vou, eu ainda vou sonhar  
 sonhar  
 (Eu ainda vou) eu ainda vou  
 Vem com o teu rio, Deus  
 Vem me inundar, quero mergulhar  
 Sopra o teu vento em mim  
 Enche a minha vida, toma o teu lugar  
 Essa geração vai crer e profetizar  
 Quando eu envelhecer ainda vou sonhar  
 Eu ainda vou sonhar  
 Eu ainda vou sonhar  
 Eu ainda vou sonhar

Assim, a música e a leitura religiosas vem como um meio de fortalecer as estruturas mental e física que lhes foram retiradas, devolvendo a esperança de um futuro livre. Essa é uma realidade: as instituições religiosas entram nos estabelecimentos prisionais e fazem o seu papel. Por isso, é tão importante que as universidades e as escolas também entrem e cumpram esse outro papel que é o de intermediar o acesso à literatura e outras experiências culturais laicas.

Memorar os laços familiares, em especial com a filha e a mãe, traz base sustentadora nas narrativas de Fênix, das quais pode-se conferir o cuidado que têm as mulheres, mesmo diante das fases mais difíceis vivenciadas. Fênix, ainda, pontuou que sente que recuperou o controle sobre sua vida, para uma realização familiar:

Fui punida por ter saído dos ensinamentos de que fui ensinada. Me envolvi com pessoas erradas [...] eu aqui me sinto numa clínica de reabilitação, pra me tirar dos vícios e voltar pros livros. [...] eu nunca tive motivo para estar onde eu estou. É a maior tristeza da minha mãe, pois meus pais me deram toda base familiar. Eu falo pra ela não ficar triste porque Jesus fez isso pra evitar o pior nas nossas vidas. Quando eu retornar, eu vou recomeçar a vida em família, com eles, não vou mais abandoná-los (informação verbal).<sup>28</sup>

Aqui, ainda, se percebem os ensinamentos e a sobrecarga trazidas por uma mulher solteira, que cuida de sua mãe e filha sozinha, demonstrados pelo discurso de tristeza carregado de culpa, que ainda permeiam a realidade de mulheres, aqui, diante do crime praticado naquele momento da vida. Mas também, logo em seguida, vê-se que a fraqueza se transforma em fortaleza, quando expressa que vai “recomeçar”.

Parte-se para as palavras de Andorinha e Águia, que veem estabelecer a certa associação entre o ambiente prisional e a ausência de afazeres durante o cumprimento da pena. Nas palavras de Águia: “Eu não quero ficar parada, quero trabalhar, porque a cabeça vazia é oficina do diabo” (informação verbal).<sup>29</sup>

No caso da participante Andorinha, a leitura assume um papel indispensável para seu bem-estar no CPFR, conforme explicitado: “a leitura aqui é o que mais me sustenta, porque não tem o que fazer. Se a gente não se dedica, não suporta ficar aqui. Às vezes eu ajudo na costura de tapete, mas corro logo *pro* livro, me ajuda a sair do estresse” (informação verbal).<sup>30</sup>

Uma das coisas mais difíceis da vida na prisão é a não percepção da passagem do tempo, ampliada diante da falta de atividades. Verifica-se que Águia usa a expressão “cabeça vazia é

---

<sup>28</sup> Entrevista concedida por FÊNIX. [18 de agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. arquivo. mp3 (22 min.).

<sup>29</sup> Entrevista concedida por ÁGUIA. [18 de agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. arquivo. mp3 (20:21 min.)

<sup>30</sup> Entrevista concedida por ANDORINHA. [18 de agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. arquivo. mp3 (16:05 min.)

oficina do diabo” para expressar o sentimento de angústia despertado pelos longos anos de prisão e falta de ocupação diária.

Novamente, deve-se recorrer às palavras de Petit (2019, p. 61), após a explicitação de desabafo: “Ler serve para encontrar uma força e uma intensidade que acalmam, um inesperado que faz reviver a atividade psíquica, o pensamento, a narração interior”. Logo, surge a preocupação com a liberdade e o não contato com os livros neste depoimento de uma mulher da cadeia: “Não sei como fazer lá fora, onde vou poder pegar livros pra ler. Aqui dentro tenho tempo pra ler. Lá fora ainda não sei. (Informação verbal)<sup>31</sup>

Corroborando com isso, é possível observar a partir do depoimento da participante e leitora Andorinha que, com o conhecimento dos temas dos livros, buscou neles o que mais lhe agradava: a leitura:

Gosto muito de romance, de comédia romântica. Mas leio ficção, leio muita literatura. Gosto de história que me prenda. Adoro livros com continuação, que tem coleção. Fico pensando o que vai acontecer no outro, imaginando as histórias que virão. Mas adoro romance, leio até “Júlia”, “Sabrina”. Gosto de Fernando Veríssimo, Machado de Assis. Na rua eu li “a namorada do meu marido”, “se fosse eu”. O último de Fernando Veríssimo que li foi “A gula”. Eu li “a última música, que não lembro o autor. Gosto muito de ler John Green, li “a culpa é das estrelas”. Mas adoro livros de besteirinhas também, parece que deixa a gente viva, ele faz o nosso corpo reagir. O livro “felicidade roubada” é muito bom, tem conteúdo pra se tirar. Vou continuar meu hábito de leitura quando eu voltar pra casa... não vejo a hora. Um outro livro que lembrei que li e gostei, é espírita, da Zibia Gasparetto “ninguém é de ninguém”. Esses livros fazem a gente ter outra percepção das coisas, faz a gente pensar que pode ter coisas além, que é pra gente não ficar pensando só uma linha. Gosto de ler livro que toma a gente e gosto quando toma minha mente, minha alma, meu corpo, aí eu vou embora lendo. Passo *pras* outras, indico a leitura ou não. Os livros do Augusto Cury são legais porque cada companheira que leu deu uma interpretação diferente.<sup>32</sup>

Ao ler esse excerto nos deparamos com uma mulher que, mesmo aprisionada, recorda-se de diferentes livros que leu ainda em liberdade, ou seja, ela já havia construído uma relação com a leitura. Na cadeia ela encontrou uma oportunidade de dar continuidade a essa prática, inclusive repassando e recomendando livros para as colegas. Note-se que ela lembra nomes de autores e de livros, aprecia diferentes gêneros literários e demonstra preferir alguns em detrimento de outros o que significa que a leitura aperfeiçoou sua capacidade de fazer escolhas.

---

<sup>31</sup> Op. cit., 2021.

<sup>32</sup> Entrevista concedida por ANDORINHA. [18 de agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. arquivo. mp3 (16 min.)

Em entrevista, a participante Fênix relatou que iniciou a leitura com a Bíblia e que posteriormente, durante a pandemia passou a ter contato com outras obras:

Quando cheguei aqui eu comecei a ler a bíblia, que meu pai trouxe pra mim. Ai, eu vi as outras detentas lendo e por causa da pandemia, não tava tendo assistência assim pra gente, então, eu comecei a pegar os livros que tava dentro das celas. Peguei aquele livro da Andressa Urach, que foi o que mais me chamou atenção. Aí fui pegando a vontade de continuar lendo, porque lá em casa eu não lia, não tinha tempo, nem a bíblia eu lia. Ficava lá pegando poeira. Uma vez depois que a Priscila voltou, eu peguei uns livros de ação, de ficção. Só que como eu já estava lendo a bíblia e eu já tava mudando, eu comecei a ler livro espírita, mas não terminei porque achava errado. Eu adoro ler livros de histórias antigas, de reis e rainhas.<sup>33</sup>

E, assim, os livros, diante dos projetos Leitura Sem Grades e Leitura para a Liberdade entraram na vida dessas mulheres, como lazer e como busca de conhecimento, através de preferências de leitura variadas, mostrando combinações individuais de gosto, como aponta Andorinha, “Gosto muito de romance, de comédia romântica. Mas leio ficção, leio muita literatura. Gosto de história que me prenda.” (Informação verbal)<sup>34</sup>

No começo eu odiei o livro, eu peguei pra ler ele e mais dois, comecei a ler ele, vi aquele monte de nome complicado, terminei de ler os outros dois e só tinha ele pra ler, daí eu fui ler. Daí depois que comecei, não quis mais parar. Enquanto não acabou e eu não vi que ele conseguiu voltar à terra dele, eu não parei. Eu peço à Priscila [um] livro de Deuses pra ler (informação verbal).<sup>35</sup>

Fênix complementou seu relato explicando que:

[...] eu peguei *uns* livros de ação, de ficção. Só que como eu já estava lendo a Bíblia e eu já tava mudando, comecei a ler livro espírita, mas não terminei porque achava errado. Eu adoro ler livros de histórias antigas, de reis e rainhas (informação verbal).<sup>36</sup>

Relaciona-se aqui, novamente, Michele Petit (2019) sobre o sentimento da clausura: “Para aqueles que perderam seu lar e os espaços que lhes eram familiares, os livros podem ser outras tantas moradias emprestadas, um meio de recompor seus alicerces espaciais”.

Percebeu-se que cada mulher experimentou e buscou nos livros leituras que mais lhe aprouvessem, onde as narrativas lhes prendessem a atenção e as voltassem a outras realidades:

Nos livros que leio, eu me vejo completamente dentro da história, vivendo aquilo que diz, sou muito sensível, então, dependendo do que leio, ao invés de

<sup>33</sup> Entrevista concedida por FÊNIX. [18 de agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. arquivo. mp3 (10 min.)

<sup>34</sup> Op. cit., 2021.

<sup>35</sup> Op. cit., 2021.

<sup>36</sup> Op. cit., 2021.

me fazer bem, vai me deixar um pouco mais atordoada. Sempre procuro ler o resumo antes de iniciar uma leitura. A leitura aqui é o que mais me sustenta, porque não tem o que fazer. Se a gente não se dedica, não suporta ficar aqui (informação verbal).<sup>37</sup>

Ao narrar sua história, Proust (1991) aponta que a leitura é mesmo um mundo para onde se pode fugir da vida real, pelo menos por um tempo, como atribuído pela entrevistada durante a prática do ato de ler. Andorinha chegou a utilizar expressões como: “eu me vejo completamente dentro da história, vivendo aquilo que diz”. A leitura aqui é o que mais me sustenta, porque não tem o que fazer. Se a gente não se dedica, a gente não suporta ficar aqui.” Nota-se mais uma vez a representação de que a leitura rompe com a barreira do real, com as paredes da prisão.

É possível ressaltar aspectos dos discursos das mulheres em reclusão leitoras que indicam que a situação de privação de liberdade não mais as limitava, pois, para elas naquele momento, que devem isso aos novos horizontes descobertos por meio da leitura, o que irá contribuir para uma nova vida, um novo olhar do lado de fora do cárcere, conforme explicitado por Águia:

Eu peguei gosto pela leitura, mas eu tenho dois filhos pequenos, minha filha tem 9 anos e meu filho tem 4 anos. Quando vim presa, ele tinha 1 aninho. Então eu tenho que correr atrás do tempo perdido. Minha filha tá virando moça... às vezes eu penso comigo em ler pra eles, incentivar eles a ler, nem que seja livros de figurinhas, de desenho. Influenciar eles a ler quando deitar, já fazer eles se interessar pela leitura (informação verbal).<sup>38</sup>

Anteriormente à entrevista, me deparei com Fênix andando apressada pelo pátio da unidade prisional, que disse estar feliz porque tinha uma possível data para progredir do regime fechado para o semiaberto e, finalmente, ver sua família. Logo após, ela entrou na biblioteca e me escutou falar sobre o projeto de pesquisa, e Águia verbalizou que responderia tudo sobre as contribuições da leitura em sua recuperação.

Eu aprendi a ler aqui na cadeia, não tinha o costume de ler. Era só Netflix o dia inteiro. Até pra minha vida lá fora. Hoje eu faço questão de comprar livros pra minha filha e ler com ela. Coisa que eu não fazia, mas certeza que vou fazer. Eu quero toda noite contar uma historinha pra ela. Eu vou passar o hábito da leitura pra minha filha, porque ela já gosta de pintar e sempre comprei material pra ela. Vou comprar livros pra formação dela e mostrar que ler não é perda de tempo, como eu achava. E, dos livros que já li aqui dentro em torno de uns 20, eu percebi que adquiri uma sabedoria para algumas coisas, aprendi palavras. Eu agora converso e lembro de passagens nos livros que dou de exemplo. Tô aprendendo a relacionar as coisas. Leio vários tipos de livro

<sup>37</sup> Op. cit., 2021.

<sup>38</sup> Entrevista concedida por ÁGUIA. [18 de agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. arquivo. mp3 (20 min.).

que me traz sabedoria, nem que seja a mais boba, mais simples (informação verbal).<sup>39</sup>

De tudo, mostra-se incontroverso que a literatura é um bem coletivo muito completo, que consegue se chegar para todos, dialogando na medida exata da busca e do alcance do ser, servindo para diferentes situações do percurso da vida e guarnece o caráter e a identidade, a partir dos sentimentos que a leitura nos causa: emoção, leveza, satisfação, compaixão, solidariedade, dentre outros. Extrair o sentido, refletir sobre as possibilidades de sentir dessa experiência literária que é, portanto, uma experiência de imaginação que só ela pode promover.

E, em vista das contribuições de Paulo Freire, pode-se perceber, aqui, como a leitura da palavra escrita interfere na leitura de mundo, e que o ambiente em que cada ser humano vive traz aprendizados ao interligar suas histórias de vida às histórias lidas. A partir do ato de ler, a pessoa, como sujeito da ação, é libertada e transformada em um ser crítico que, ao ler o mundo, descobre que pode transformar o meio que em vive. Essa é uma experiência educativa em duplo sentido: para o educador e para o educando ou, dito de outro modo, para os executores dos projetos de leitura e para aquelas pessoas a quem se dirigiu, no caso às mulheres da CPFR:

Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros – não importa se alfabetizando ou participantes de cursos universitários; se alunos das escolas de primeiro grau ou se membros da assembleia popular – o direito de dizer sua palavra. Direito deles de falar a que corresponde o nosso dever de escutá-los. De escutá-los corretamente, com convicção de quem cumpre um dever e não com a malícia de quem faz um favor para receber muito mais em troca. (FREIRE, 2001, p. 26)

O sentimento foi muito feliz ao ouvir sobre a importância da pesquisa e do recorte contemplar mulheres em privação de liberdade, de modo a possibilitar abordar questões que nos fazem entender que, para ser e estar inserido no mundo é necessário buscar forças para continuar e abrir-se ao novo, como foi o caso da leitura e a literatura que lhes foram ofertadas.

Graças a Deus sempre tive o hábito da leitura, sempre incentivei meus filhos a ler. A leitura melhora nosso vocabulário, nossa forma de expressar. Aquele livro “correr ou morrer”, muito bom, ensina muita coisa... eles ficam presos num lugar fechado...faz a gente repensar, porque a gente tá preso e é como se a gente tivesse junto (informação verbal).<sup>40</sup>

Diante de todas as entrevistas realizadas no contexto deste trabalho, percebe-se variadas

<sup>39</sup> Entrevista concedida por FÊNIX. [18 de agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. arquivo. mp3 (22 min.)

<sup>40</sup> Entrevista concedida por ANDORINHA. [18 de agosto de 2021]. Entrevistadora: Virgínia Fernandes Franz, Rondonópolis, 2021. arquivo. mp3 (16 min.).

vertentes para as situações vivenciadas das quais explicita-se a tomada de sentimentos antagônicos ao entender que há momentos de sinceridade, de manipulação, de piedade e um discurso estratégico de defesa, “enraizado” dentro das unidades prisionais. Esses fatores aliados à sensação de desconfiança da presença de uma pesquisadora ali, indicam que era sabido que eu trabalhava em seus processos.

Por todo o percurso até aqui exposto, pode-se afirmar que o projeto de extensão Leitura sem Grades tem condições concretas de se multiplicar, de se desdobrar e de inspirar muitos outros projetos em diferentes contextos e situações vividas. Ele iniciou com o objetivo de criar espaços de leitura e escuta advinda dos textos lidos e assim conhecer e enriquecer cada ambiente, cada cultura, com o estímulo e a sensibilidade pela leitura de variados textos.

Nesse sentido, o presente trabalho não tem a pretensão de esgotar a temática ou de se apresentar como conclusivo, pois o esforço até aqui tem sido realizado para demonstrar o percurso que pude acompanhar enquanto servidora do Ministério Público, ou seja, o desenvolvimento de um projeto de leitura na unidade prisional feminina em que eu, também, atuo no escopo das minhas funções. A contribuição da referida pesquisa à educação reside neste percurso narrativo.

Enquanto mulher, mãe, e sujeito que tem experienciado muitos percalços durante a pandemia como adoecimentos familiares e o meu próprio, posso apontar que houve dificuldades ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Talvez fiquem algumas lacunas, mas, ainda assim, frutos poderão ser colhidos com os registros deixados e quem sabe, possa inspirar o desenvolvimento de novas pesquisas na área bem como a adesão de atividades semelhantes em outras unidades prisionais.

### **5.5 Resumos para a remição: moral da história**

A experiência de incentivar a leitura e aguardar o retorno da interpretação e sentimento das participantes deste trabalho trouxe considerações importantes, dado que a capacidade humana de entender o mundo é infinita, subjetiva e paciente.

Ressalta-se que por meio da leitura desses resumos apresentados para o Projeto Leitura para a Liberdade, a professora Cancionila e a psicóloga Priscila enfatizaram que as mulheres em privação de liberdade bem associaram as problemáticas dos livros, tendo como resultado satisfatório para os professores avalistas, a percepção de que assimilaram o texto lido, mesmo sem ter existido a cobrança pela tipologia textual, e que algumas delas, ainda, externalizaram se gostaram ou não da história, propiciando o envolvimento real no processo de leitura e de escrita. Eles mostram o vigor e a capacidade dessas mulheres, de se expressarem, de



interpretarem situações. Isto porque, a leitura é sinônimo de liberdade, já que cada leitora dá a um texto a sua própria interpretação.

A remição da pena foi concedida para as mulheres em privação de liberdade que leram e fizeram os resumos. Essa material rico servirá para posteriores estudos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho desenvolvido, foi possível verificar que, no campo da educação, o ato de produzir olhares de si e de outrem, mediante práticas de alteridade é uma abordagem irrefutável para revelar a epistemologia dos sujeitos para que o caminho de formação seja feito por meio das suas escolhas de futuro. É a famosa "entrega das ferramentas necessárias".

E, entender que a educação como direito da pessoa em privação de liberdade deveria ser algo de preocupação social, pois, há grande resistência em vê-los como sujeitos de direitos por terem violado algum direito e praticado delito.

Dessa forma, para que seja garantido o direito à educação nos contextos de privação de liberdade é necessário, inicialmente, combater o preconceito e fazer como os professores, alunos e voluntários da UFMT que, mesmo diante das dificuldades burocráticas impostas pelo Estado, conseguiram adentrar em uma unidade prisional e realizar um trabalho humanizador, ao desenvolver o projeto de extensão universitária Leitura Sem Grades e, como consequência, a instituição do Projeto Leitura para a Liberdade.

E, da iniciativa e dos pedidos incansáveis das mulheres envolvidas na leitura da CPFR por mais exemplares de livros, junto aos órgãos públicos, buscou-se entender o que estava acontecendo e foi possível perceber o quão simples e, ao mesmo tempo, grandioso e potente era levar a leitura para aquele local.

Ouvir as vozes das diferentes mulheres, em diferentes espaços: a professora participante do Projeto LSG, a psicóloga da CPFR, mulheres em privação de liberdade e, ainda, minhas percepções como servidora pública do Ministério Público e como pesquisadora envolvida, fez compreender que, para a efetivação do direito humano à leitura e à literatura, é fundamental a mediação humana.

Essa experiência permitiu conhecer mulheres jovens e adultas, com níveis de letramento e de escolaridade distintos que encontraram na literatura, na música e em histórias da vida real, vários exemplos de mundo naquele espaço prisional, descobrindo o valor da leitura na educação como direito humano, uma vez que abre portas da imaginação e, a cada texto, a cada livro, vê-se o despertar da vontade de alcançar novos horizontes. Esses projetos de leitura demonstraram a importância do ato de ler para se buscar saberes, obter informações, exercer a criatividade e a imaginação.

Das mulheres leitoras em privação de liberdade, participantes, o ponto comum é o aspecto positivo resultante da prática da leitura, sobretudo, o bem para si mesmo e percepção que tiveram para poderem mudar algo em suas vidas após a libertação da prisão. Nos momentos

de reflexão sobre a importância da leitura em suas vidas, todas traziam, em suas memórias, textos de leituras realizadas e as contextualizava com momentos vividos, como exemplos.

Acredita-se que a leitura contribui para a ressocialização, pelo simples fato de, nas palavras de uma das mulheres em privação de liberdade entrevistadas “A leitura melhora nosso vocabulário, nossa forma de expressar.” Porém, extrai-se dos relatos de suas histórias que o que ocorre não é só a melhora do vocabulário que toma essa dimensão com a leitura, mas também, vê-se a melhora no pensar, no sentido que até então atribuíam ao que viveram, possibilitando, dessa forma, algumas tomadas de consciência e alguma perspectiva de futuro. Corroborando com o pensamento de Paulo Freire, parece que a leitura de mundo delas pode, de alguma forma, aprimorar-se, pela leitura da palavra. Quiçá possam retornar ao mundo com um pouco mais de elementos para novas tomadas de decisões e ações. Dessa forma, reforça-se que a leitura é um meio ressocializador.

Este trabalho aponta várias vertentes que podem ser seguidas para se alcançar o direito humano para todos, e reforça a ideia de que a prisão pode vir a ser um espaço social de aprendizagens, e que leitura e a literatura podem convergir em vigorosos debates para se pensar a condição humana a partir de experiências educativas além das salas de aula.

Esta pesquisa não se esgota aqui, pois, apesar de muitas vezes esquecido, porém, potente e dinâmico pela diversidade cultural, social e ideológica, o espaço prisional precisa de atenção e cuidado social, através de um maior número de investigações e questionamentos para se trazer outras alternativas que possam efetivar os direitos de todos os cidadãos, principalmente, os esquecidos e excluídos socialmente, que precisam de mais atenção e de políticas públicas para reintegração e ressocialização, em sua plenitude.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.

AMORIM, Marília. **O Pesquisador e o seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa, 2001.

BRASIL. Lei de execução Penal. **Lei nº 7210 de 11 de julho de 1984**. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/17210.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17210.htm) Acesso: 03 jun. 2018.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Características da investigação qualitativa. In: BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [S.V], nº.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt](https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt). Acesso em: 28 ago. 2022

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos. O direito à literatura**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

\_\_\_\_\_. **O Direito à Literatura e outros ensaios**. Coimbra: Angelus Novus, 2004.

\_\_\_\_\_. **O direito à Literatura**. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARDOSO, Cancionila Janzkovski. **Diário de Campo**. Acervo do Projeto de Extensão Leituras Sem Grades, 2017.

\_\_\_\_\_. **UFMT e a leitura para a liberdade**. 2018a. Parte Disponível em: <https://www.tribunamt.com.br/opiniao-do-leitor/ufmt-e-a-leitura-para-a-liberdade-parte-i/> Acesso em: 11 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. **UFMT e a leitura para a liberdade**. 2018b. Parte II. Disponível em: <https://www.tribunamt.com.br/opiniao-do-leitor/ufmt-e-a-leitura-para-a-liberdade-parte-ii/> Acesso em: 11 jul. 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 25ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 35ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: História da violência nas prisões.** Petrópolis: Vozes, 2001.

FURLAN, Rodrigo. **Leitura, mediação e formação de leitores**, 2012. Disponível em: <https://www.unochapeco.edu.br/letras/blog/leitura-media-o-e-forma-o-de-leitores>. Acesso em 15 set. 2016.

KLEIMAN, Angela. **Modelos de letramento e práticas de alfabetização na escola.** In A. B. KLEIMAN (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 1991.

Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – INFOPEN Mulheres. Ministério da Justiça e Segurança Pública/Departamento Penitenciário Nacional, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/justica-e-seguranca/2020/02/dados-sobre-populacao-carceraria-do-brasil-sao-atualizados>. Acesso em: 11 jul. 2021.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **RBCS**. V. 17, nº 49, pp.11 – 29, DOI: [10.1590/S0102-69092002000200002](https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002) 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 11 jun. 2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte.** São Paulo: n-1 edições, 2018a.

MIOTTO, Neli. Leitura no cárcere: um caminho para a liberdade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, [S.N], pp. 32 – 52, 2017. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/41636> Acesso em: 27 maio. 2020.

MIRABETE, Julio Fabbrini. **Execução penal: comentários à Lei nº 7210, de 11-7-84.** 12ª Ed. São Paulo: Atlas, 2014.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2007.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. **Educação Escolar entre as grades.** São Paulo: Edufscar, 2007.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje.** São Paulo: Editora 34, 2019

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura.** 2ª Ed. Campinas: Pontes, 1991.

RAUBER, André et al. Leituras sem grades: experiências estéticas e literárias em lugares interditos. **ANAIS SemiEdu 2015**. Educação e seus sentidos no mundo digital Cuiabá/MT – UFMT, 2015. Disponível em: <https://sistemas.ufmt.br/semiedu2015/site/index.html> Acesso em: 14 abr. 2022

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

SANTOS, Eyshila Oliveira. **Eu Ainda Vou Sonhar**. Sony Music Entertainment Brasil Ltda, 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/6VwzItDBIPjnzMDApGAzU1>. Acesso em: 22 ago. 2022.

SILVA, Ana Luiza de Araújo da; TIELLET, Maria do Horto Salles. MULHERES PRIVADAS DE LIBERDADE: DELITO, FAMÍLIA, SISTEMA PRISIONAL. **Revista de Educação do Vale do Arinos - RELVA**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 193–212, 2020. DOI: 10.30681/relva.v7i2.5074. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/5074>. Acesso em: 28 ago. 2022.

SILVA, Sílvio Éder Dias da, CAMARGO, Brígido Vizeu; PADILHA, Maria Itayra. A Teoria das Representações Sociais nas pesquisas da Enfermagem brasileira, **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 64, nº 5, pp. 947-51, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672011000500022>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/tbBQhKNdxBY7jGGLTQC3QtH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 ago. 2022.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009

TFOUNI, Leda Verdiani. **Adultos não alfabetizados em sociedades letradas**. São Paulo: Cortez, 2010.

TODOROV, Tvetan. 13ª Ed. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Projeto de Extensão Leituras sem grades: Remição pela leitura**. Protocolo SIEX: 270620180756341381. Rondonópolis, 2018.

WILLMS, Elni Elisa. Narrativas potentes do projeto de extensão “Leituras sem grades”. In: CARDONA, Ana Cecília Osorio; CAMARGO, Mercedes Rodríguez; ALMEIDA, Rogério de. **Red de educación contempo-ránea en Latinoamérica: tendencias latinoamericanas en investigación**. Bogotá: Universidad La Gran Colombia, 2017. pp. 135-164.

WILLMS, Elni Elisa; CARDOSO, Cancionila Janzkovski; OLIVEIRA, Milady da Silva. Narrativas sobre experiências de leitura em uma cadeia pública feminina: fronteiras borradas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 04, n. 12, pp. 939-958, 2019. DOI: [10.31892/rbpab2525-426X.2019.v4.n12.p939-958](https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2019.v4.n12.p939-958) Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7051/pdf> Acesso em 11 jun. 2022.

WILLMS, Elni Elisa; BARROSO, P. H. O. Sofrimento dividido é sofrimento diminuído?: narrativas de experiências do Projeto de Extensão Leituras sem grades. In: Elni Elisa Willms, Marcos Beccari, Rogério de Almeida. (Org.). **Diálogos entre arte, cultura & educação**, v. 1, [S.N], pp. 75-100, 2019.

## APÊNDICE A: Roteiro Semiestruturado de Entrevista – Psicóloga

### Dados da entrevista:

Data:

Local:

Hora de início:

Hora do término:

Duração da entrevista:

### Caracterização da entrevistada:

Nome completo:

Idade:

Estado civil:

Cor:

Formação:

Tempo de atuação na prisão:

Carga horária semanal:

### Roteiro de perguntas:

1 – Como você chegou a participar do projeto LSG? Quais eram as suas expectativas? Quais foram os desafios?

2 - Poderia destacar o que foi marcante nessa experiência de trabalhar com um projeto de leitura no âmbito de sua prática clínica como psicóloga?

3 - Poderia contar como foi o trabalho de constituição da Biblioteca Pagu (quais foram os parceiros, dificuldades, apoios...)?

4 – Houve alteração no hábito de leitura das mulheres internas após o início dos projetos de leitura?

5 – Você considera que a formação de leitores de literatura é um caminho para a educação humanizada?

6 – Outras considerações.

## **APÊNDICE B: Roteiro Semiestruturado de Entrevista - Professora da Escola**

### **Dados da entrevista:**

Data:

Local:

Hora de início:

Hora do término:

Duração da entrevista:

### **Caracterização da entrevistada:**

Nome completo:

Idade:

Estado civil:

Cor:

Formação:

Tempo de atuação na prisão:

Carga horária semanal:

### **Roteiro de perguntas:**

1 – Como você chegou a participar do projeto LSG? Quais eram as suas expectativas? Quais foram os desafios?

2 - Poderia destacar o que foi marcante nessa experiência de trabalhar com leitura com suas alunas da CPFR?

3- Poderia contar como foi o trabalho de constituição da Biblioteca Pagu (quais foram os parceiros, dificuldades, apoios...)?

4 – Houve alteração no hábito de leitura das mulheres internas após o início dos projetos de leitura?

5 – Você considera que a formação de leitores de literatura é um caminho para a educação humanizada?

6 – Outras considerações.



## APÊNDICE C: Roteiro Semiestruturado de Entrevista - Professora pela UFMT

### **Dados da entrevista:**

Data:

Local:

Hora de início:

Hora do término:

Duração da entrevista:

### **Caracterização da entrevistada:**

Nome completo:

Idade:

Estado civil:

Cor:

Formação:

Tempo de atuação no Projeto de Leitura:

### **Roteiro de perguntas:**

1 – Como você chegou a participar do projeto LSG? Quais eram as suas expectativas? Quais foram os desafios?

2 - Poderia destacar o que foi marcante nessa experiência de trabalhar com leitura num espaço diferente da sala de aula da universidade?

3 - Poderia contar como foi o trabalho de constituição da Biblioteca Pagu (quais foram os parceiros, dificuldades, apoios...)?

4 – Houve alteração no hábito de leitura das mulheres internas após o início dos projetos de leitura?

5 – Você considera que a formação de leitores de literatura é um caminho para a educação humanizada?

6 – Outras considerações.

**APÊNDICE D: Roteiro Semiestruturado de Entrevista – Participantes****Dados da entrevista:**

Data:

Local:

Hora de início:

Hora do término:

Duração da entrevista:

**Caracterização da entrevistada:**

Nome completo:

Idade:

Cidade natal:

Cor:

Estado civil:

Tem filhos:

Profissão:



Série atual:

Tempo de estudo na prisão:

**Roteiro de perguntas:**

- 1- Quando você começou a fazer parte dos projetos de leitura? Por quê?
- 2- Quais os livros que mais gostou de ler? Por quê?
- 3 - Você sentiu dificuldade nas leituras das histórias para reportá-las, em resumo?
- 4 - Você acha que a leitura vai contribuir para algo em sua vida, no futuro?
- 5- Outras considerações.

## ANEXO A: Portaria Conjunta 001/2017 de agosto de 2017

 <b>MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MATO GROSSO</b> <b>5ª PROMOTORIA DE JUSTIÇA CRIMINAL</b> <b>DA COMARCA DE RONDONÓPOLIS</b>	 <b>ESTADO DE MATO GROSSO - PODER JUDICIÁRIO</b> <b>4ª VARA CRIMINAL</b> <b>DA COMARCA DE RONDONÓPOLIS</b>
--	--

PORTARIA CONJUNTA 001/2017 DE 29 DE AGOSTO DE 2017.

*Regulamenta a modalidade de remição de pena pela leitura de obras literárias no âmbito da Cadeia Pública Feminina da comarca de Rondonópolis.*

O Promotor de Justiça da 5ª Promotoria de Justiça Criminal da comarca de Rondonópolis e a Juíza de Direito da Vara de Execuções Penais da comarca de Rondonópolis, no uso de suas atribuições legais e regimentais,

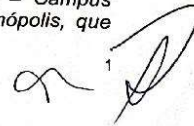
*CONSIDERANDO que a Lei de Execução Penal assegura ao preso o direito à assistência educacional e ao exercício de atividades intelectuais compatíveis com a execução da pena;*

*CONSIDERANDO o disposto nos artigos 126 a 129 da Lei n. 7.210/84, com redação dada pela Lei n. 12.433, de 29 de junho de 2011, que possibilitam a chamada remição de pena pelo estudo de condenados presos nos regimes fechado e semiaberto;*

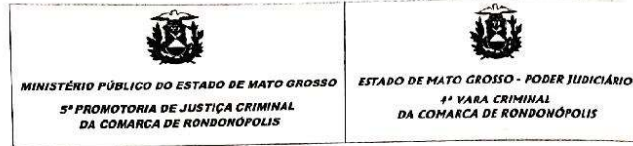
*CONSIDERANDO o disposto na Recomendação n. 44, do Conselho Nacional de Justiça – CNJ, que dispõe sobre atividades educacionais complementares para fins de remição da pena pelo estudo e estabelece critérios para a admissão de remição pela leitura;*

*CONSIDERANDO a necessidade de regular a remição da pena pelo estudo, na modalidade de leitura de obras literárias na unidade prisional feminina da comarca de Rondonópolis;*

*CONSIDERANDO a retomada do Projeto de Extensão “Leitura sem Grades”, pela Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Rondonópolis, na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis, que*



S



*oportuniza às mulheres encarceradas o acesso aos livros, com o fim de ressignificarem suas experiências, transformando o cárcere em uma escola de vida;*

**RESOLVEM:**

Art. 1º. Instituir, no âmbito da Cadeia Pública Feminina da Comarca de Rondonópolis, a possibilidade de remição de pena pela leitura, através do Projeto "Remição pela Leitura", às mulheres encarceradas;

Parágrafo único – O disposto neste artigo aplica-se às hipóteses de prisão cautelar.

Artigo 2º - A participação da recuperanda será sempre voluntária.

§ 1º - Podem participar todas as mulheres encarceradas da unidade que tenham as competências de leitura e escrita, necessárias para a execução das atividades e da elaboração do trabalho final, consistente em resenha da obra literária, objeto do estudo.

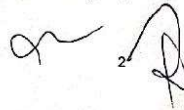
§ 2º - Cada participante receberá um exemplar de obra literária, clássica, científica ou filosófica, dentre outras, de acordo com as obras disponíveis na Unidade.

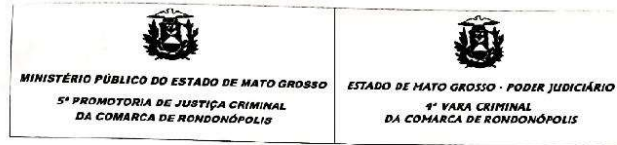
Artigo 3º - A seleção das recuperandas e a orientação das atividades serão feitas por comissão, nomeada e presidida pela Diretora da unidade carcerária, constituída por, pelo menos, 2 (dois) profissionais de Educação e 1 (um) servidor da unidade prisional.

Parágrafo único – O Diretor dará ciência aos membros da comissão dos termos do Art. 130 da Lei nº 7.210/84.

Artigo 4º - Formada a turma de participantes, a comissão promoverá Oficina de Leitura, na qual os orientará da necessidade de alcançar os objetivos propostos para que haja a concessão da remição de pena, a saber:

a) **ESTÉTICA:** Respeitar parágrafo; não rasurar; respeitar margem; letra cursiva e legível;





b) **LIMITAÇÃO AO TEMA:** Limitar-se a resenhar somente o conteúdo do livro, isto é, não citar assuntos alheios ao objetivo proposto;

c) **FIDEDIGNIDADE:** proibição de resenhas que sejam consideradas como plágio.

**Artigo 5º** - A participante terá o prazo de 30 dias para leitura da obra literária, apresentando, ao final deste período, resenha a respeito do assunto.

**Artigo 6º** - A contagem de tempo para fins de remição será feita, segundo os critérios estabelecidos nesta Portaria Conjunta e em consonância com o Provimento n.24/2013-CGJ, à razão de 4 dias de pena para cada 30 dias de leitura.

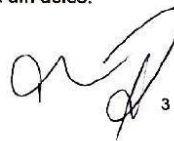
**Parágrafo único** - O participante, no prazo de 12 meses, terá a possibilidade de remir até 48 dias de sua pena (até 12 obras literárias lidas e avaliadas).

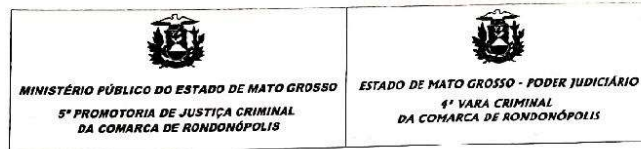
**Artigo 7º** - A comissão analisará os trabalhos produzidos, observando os aspectos relacionados à compreensão e compatibilidade do texto com o livro, objeto da leitura, bem como aqueles relacionados no art. 4º, "caput", arguirá a participante sobre o conteúdo do livro e da resenha por ela feita, e atestará o prazo de 30 dias de leitura.

§ 1º - O resultado da análise da comissão será enviado ao Juízo por ofício, instruído com a resenha, a declaração de sua fidedignidade, assinada por todos os membros da comissão e os atestados da arguição oral e do tempo de leitura.

§ 2º - O Juízo, após a oitiva do Ministério Público e da defesa, decidirá sobre o aproveitamento da participante e a correspondente remição.

**Artigo 8º** - A Direção da unidade carcerária encaminhará, mensalmente, ao Juízo, cópia do registro de todos os participantes, com informação referente ao item de leitura de cada um deles.






Art. 9º - Os casos não previstos na presente Portaria serão apreciados pelo Juízo da VEP, após manifestação do Ministério Público.

Artigo 10 - Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Artigo 11 - Encaminhe-se cópia desta Portaria para a Corregedoria Geral do Ministério Público do Estado de Mato Grosso, Corregedoria Geral da Justiça do Estado de Mato Grosso, Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Estado de Mato Grosso, Subseção local da OAB, Defensoria Pública e Conselho da Comunidade.

Rondonópolis, 29 de agosto de 2017.

  
 Reinaldo Antonio Vessani Filho  
 Promotor de Justiça  
 5ª Promotoria de Justiça Criminal

  
 Tatyana Lopes de Araújo Borges  
 Juíza de Direito  
 4ª Vara Criminal

*Baudó*



## ANEXO B: Termo de Consentimento e Compromisso da Instituição envolvida



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS



### TERMO DE CONSENTIMENTO E COMPROMISSO DA INSTITUIÇÃO ENVOLVIDA NO ESTUDO

A pesquisa "MULHERES ENCLAUSURADAS: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO HUMANA", de responsabilidade de Virgínia Fernandes Franz, domiciliada na Avenida Paulista, n.964, apartamento 401, bairro Parque Sagrada Família, Rondonópolis/MT, com telefone para contato: 66-99965.8160 e-mail: [vivifernandesfranz@gmail.com](mailto:vivifernandesfranz@gmail.com), é requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), localizada a Avenida dos Estudantes, nº 5055, Cidade Universitária. Rondonópolis/MT, CEP: 78736-900. Será realizado na *Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis/MT* a R. A-107, 72 - Res. Sagrada Família, Rondonópolis - MT, 78735-356.

Este estudo tem como objetivo analisar o processo de humanização na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis, ocorrido a partir de projetos de leitura que se desenvolvem na Biblioteca Pagu - Projeto de Extensão "Leituras sem Grades", desenvolvido por estudantes de diversos cursos e coordenado por professores do Curso de Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus de Rondonópolis e Projeto de Extensão "Leitura para a liberdade", advindo da Portaria Conjunta n.001/2017, da 5ª Promotoria de Justiça Criminal de Rondonópolis e do Juízo da 4ª Vara Criminal de Rondonópolis.

A finalidade deste trabalho é contribuir para o entendimento da educação no cárcere e a melhoria de condições humanas e sociais das detentas através da aproximação com a leitura de literatura, que tem sua função humanizadora, identificando, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, conceitos, abordagens e sentidos sobre leitura, sistema prisional e ressocialização, a história do Projeto de Extensão Leituras sem grades e Leitura para a Liberdade, coletando entrevistas online de participantes desses projetos desenvolvidos na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis: psicóloga, professora da escola da cadeia, professora da UFMT e de algumas detentas, verificando, por fim, quais contribuições os projetos de leitura puderam trazer à ressocialização e possível humanização destas detentas.

Para responder essas questões será realizada uma pesquisa na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis, em que serão participantes da pesquisa a professora da cadeia feminina, a psicóloga do local, que é a responsável pelo caminhar dos projetos de leitura, a Professora Doutora Cancionila (UFMT/URF) que, junto a outras pessoas, deu o pontapé e iniciou os trabalhos de leitura naquela cadeia e, de duas a três detentas - número aquém do pretendido devido ao momento crítico de Pandemia do COVID-19 que nos assola há um ano - que participam desses projetos de leitura vigentes na unidade prisional, porém, usaremos os materiais produzidos por outras detentas (resumos e percepções dos livros lidos). Elas serão incluídas como participantes apenas se aceitarem a participar da pesquisa. Pretendemos realizar uma pesquisa em que a pauta será descritiva e terá uma abordagem quantitativa, ou melhor, englobará aspectos de natureza numérica, quantificável, do fenômeno investigado, sem a manipulação de variáveis, nem a busca de relação causal. E também

*Baunders*

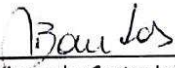
*vfp*

apresentará aspectos qualitativos, de modo que, a partir do conjunto de informações possamos compreender e ou explicar melhor o fenômeno investigado. Dependendo dos objetivos da pesquisa fazemos a escolha dos instrumentos de coleta de dados, assim definimos pela entrevista e fonte documental. Os participantes nesta pesquisa terão o direito de se retirar da mesma em qualquer fase da pesquisa por motivos pessoais, culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, a identidade será preservada, pois não haverá qualquer identificação dos participantes, nem nos instrumentos de coleta de dados, nem no trabalho de dissertação, pois utilizaremos pseudônimos. Ao término da pesquisa os arquivos com as informações que podem identificar de alguma maneira os participantes serão deletados. Após serem esclarecidas sobre as informações e no caso de aceitarem fazer parte do estudo, os participantes assinarão o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, que estará em duas vias, sendo uma delas do pesquisador responsável. A pesquisa de campo terá duração de dois meses, com a defesa pública prevista para o ano de 2022 e contará com o material permanente do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Rondonópolis.

Os resultados da pesquisa terão caráter público e, assim, os participantes, as instituições envolvidas e a sociedade em geral poderão apropriar-se dos resultados da pesquisa, rediscuti-los e propor novas reflexões acerca do tema da pesquisa, visto que para muitos é um tema complexo e de diversas opiniões. O benefício será social à medida que os resultados das observações e das entrevistas apresentadas a todos, inclusive a quem se interessar pelo tema, estarão abertos a sociedade e fomentará a discussão acerca desta problemática a qual vivenciamos atualmente, tendo como consenso na conscientização e solução dos problemas que as aflige, de modo a alimentar tanto as políticas públicas do ponto de vista educacional e de segurança, podendo servir de apoio às reflexões de outras unidades penais do Estado de Mato Grosso. E quanto aos impactos científicos, apontamos o conjunto de informações que podem alimentar outras possíveis pesquisas. Para contatar com a pesquisadora, solicitar informações sobre o andamento e os resultados da pesquisa, e também comunicar desistência, os participantes deverão se dirigir ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), no Campus da UFR, na Avenida dos Estudantes, 5055 - Cidade Universitária Rondonópolis - MT, 78736-900 e pelos Telefones: (66) 3410-4035 e (66) 3410-4038 e E-mail: [secppgedu.ufmt@hotmail.com](mailto:secppgedu.ufmt@hotmail.com) (Secretaria) e [ppgedu.ufmt@hotmail.com](mailto:ppgedu.ufmt@hotmail.com) (Coordenação).

Assim, após todos os esclarecimentos, concordantes com os termos desse compromisso e científicas do presente projeto e do estudo a ser realizado na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis, abaixo subscrevemo-nos:

Local: Rondonópolis/MT, 27 de abril de 2021.

  
 Silvana dos Santos Leite Lopes Matrícula 85376  
 Diretora da Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis - MCPFROD

  
 Virgínia Fernandes Franz  
 Pesquisadora responsável



## ANEXO C: Declaração de Concordância – Autorização da Direção da CPFR

### DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA

#### AUTORIZAÇÃO DA DIREÇÃO DA CADEIA PÚBLICA FEMININA DE RONDONÓPOLIS PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Eu, Silvana dos Santos Leite Lopes abaixo assinado, diretora responsável pela Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis/MT, RG 543853, CPF: 384.866.791-68, AUTORIZO a pesquisadora Virginia Fernandes Franz, RG 1464169-0 SSP/MT, CPF 072.457.557-01, mestranda em Educação pela Universidade Federal de Rondonópolis – UFR, matriculada sob o n. 20020209, a realizar a pesquisa intitulada “MULHERES ENCLAUSURADAS: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO HUMANA” em que fará entrevistas e pesquisas documentais, tendo acesso às informações disponíveis na Unidade para usá-los como fontes de dados para sua pesquisa. Fui informada pela pesquisadora sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como coparticipante do presente projeto de pesquisa e do compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados e dos que aqui estão acolhidos.

Nesse sentido, defiro solicitação da pesquisadora e autorizo a presença no interior da Cadeia Feminina de Rondonópolis da pesquisadora Virginia Fernandes Franz para realização da sua pesquisa, ou, não sendo possível, nesse período de Pandemia pelo COVID-19, autorizo a realização da pesquisa por meio eletrônico, como vídeo-chamadas (*whatsapp, zoom, meet, teams*, etc.) e e-mails, a fim de:

- \* obter acesso e cópia dos Projetos de Extensão Leituras sem Grades e Leitura para a Liberdade, desenvolvidos na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis;
- \* obter acesso e cópia, para análise, dos resumos dos livros produzidos para o Projeto Leitura para a Liberdade, pelas recuperandas
- \* realizar a coleta de dados, através da aplicação de entrevista com a servidora Priscila de Salles Toti Domiciano (psicóloga), com a professor da escolar da unidade prisional e de duas a três recuperandas que participam dos projetos de leitura desenvolvidos na unidade, a serem selecionadas e que aceitem a participação, conforme TCLE.
- \* realizar registros fotográficos que se façam necessários.

  
 Silvana dos Santos Leite Lopes  
 Matriculada 85376  
 Diretora CPFROND

Corre-se o risco de haver comoção por parte das reeducandas pela presença de alguém estranho no local. Assim ficará a pesquisadora ciente de que se ocorrer comoção a mesma será retirada do local, respeitando os procedimentos de segurança adotados assim como as pessoas envolvidas. Para atenuar o risco a direção da cadeia avaliará a situação e poderá escolher outro local, horário, grupo de reeducandas ou ainda constatar de que não será possível a pesquisadora permanecer no interior da instituição para coletar informações por meio de observação.

A pesquisadora acima qualificada se compromete a:

- 1- Realizar a pesquisa em locais, dias e horários autorizados pela diretora;
- 2- Iniciar após a direção dar ciência;
- 3- E somente após a realização de um cronograma com datas, horários e os locais autorizados para a observação;
- 4- Obedecer às disposições éticas de proteger as participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos.
- 5- Assegurar a privacidade das pessoas envolvidas na pesquisa, de modo a proteger suas imagens, bem como garantir a não utilização das informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012.
- 6- Obedecer às disposições legais brasileiras, expressas na Constituição Federal, artigo 5º, incisos X e XIV; no Novo Código Civil, artigos 20 e 21; no Código Penal, artigos 153 e 154; e no Código de Processo Civil, artigos 347, 363 e 406.

Rondonópolis/MT, 27 de abril de 2021.



Silvana dos Santos Leite Lopes  
Diretora da Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis-MT

Silvana dos Santos Leite Lopes  
Matricula 85376  
Diretora CPFOND

**ANEXO D: Declaração de responsabilidade do pesquisador**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS



**DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR, COMPROMETENDO-  
SE A OBSERVAR AS RES. Nº 466/2012 E Nº510/2016 EM TODAS AS FASES DA  
PESQUISA.**

Eu, Virginia Fernandes Franz responsável pelo projeto de pesquisa intitulado "MULHERES ENCLAUSURADAS: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO HUMANA", do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da Universidade Federal de Rondonópolis, sob a orientação da Profa. Dra. ELNI ELISA WILLMS, declaro ser de meu conhecimento as Resoluções 466/2012 e 510/2016, e seus respectivos dispositivos, comprometendo-me a observá-los e segui-los, integralmente, em todas as fases da pesquisa.

Rondonópolis, MT, 27 de abril de 2021.



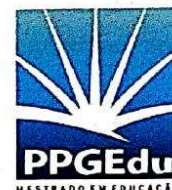
VIRGINIA FERNANDES FRANZ



## ANEXO E: Solicitação de autorização para coleta de depoimentos e dados



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
E SOCIAIS



### SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DEPOIMENTOS E DE DADOS

Ilma. Senhora

**SILVANA DOS SANTOS LEITE LOPES**

MD. Diretora da Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis

Secretaria de Estado de Segurança Pública de Mato Grosso

E-mail: cprondonopolis@sesp.mt.gov.br

Eu, VIRGÍNIA FERNANDES FRANZ, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da Universidade Federal de Rondonópolis, sob a orientação da Profa. Dra. ELNI ELISA WILLMS, estou desenvolvendo a pesquisa intitulada MULHERES ENCLAUSURADAS: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO HUMANA, e o objetivo do estudo é analisar o processo de humanização na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis, ocorrido a partir de projetos de leitura que se desenvolvem na Biblioteca Pagu - Projeto de Extensão "Leituras sem Grades", desenvolvido por estudantes de diversos cursos e coordenado por professores do Curso de Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus de Rondonópolis e Projeto de Extensão "Leitura para a liberdade", advindo da Portaria Conjunta n.001/2017, da 5ª Promotoria de Justiça Criminal de Rondonópolis e do Juízo da 4ª Vara Criminal de Rondonópolis.

A finalidade deste trabalho é contribuir para o entendimento da educação no cárcere e a melhoria de condições humanas e sociais das detentas através da aproximação com a leitura de literatura, que tem sua função humanizadora, identificando, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, conceitos, abordagens e sentidos sobre leitura, sistema prisional e ressocialização, a história do Projeto de Extensão Leituras sem grades e Leitura para a Liberdade, coletando entrevistas online de participantes desses projetos desenvolvidos na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis: psicóloga, professora da escola da cadeia, professora da UFMT e de algumas detentas, verificando, por fim, quais contribuições os projetos de leitura puderam trazer à ressocialização e possível humanização destas detentas.

Assim, venho através desta solicitar Vossa autorização para:

\* a pesquisadora Virgínia Fernandes Franz adentrar no interior da Cadeia Feminina de Rondonópolis para realização da sua pesquisa, ou, não sendo possível, nesse

período de Pandemia pelo COVID-19, a realização da pesquisa por meio eletrônico, como vídeo-chamadas (*whatsapp, zoom, meet, teams, etc.*) e e-mails;

\*obter acesso e cópia dos Projetos de Extensão Leituras sem Grades e Leitura para a Liberdade, desenvolvidos na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis;

\*obter acesso e cópia, para análise, dos resumos dos livros produzidos para o Projeto Leitura para a Liberdade, pelas recuperandas

\*realizar a coleta de dados, através da aplicação de entrevista com as servidoras Priscila de Salles Toti Domiciano (psicóloga responsável pelo Projeto) e a professora da escola, bem como com duas ou três detentas que participam dos projetos de leitura desenvolvidos na unidade, a serem selecionadas (pela pesquisadora, psicóloga e diretora da unidade prisional) e que aceitem a participação, conforme TCLE.

\*realizar registros fotográficos que se façam necessários, resguardadas imagens que identifique as detentas ou que possam comprometer a segurança da unidade prisional.

\*Obter acesso à documentação e fotografias relativas à unidade prisional e ao projeto de leitura.

Saliento que, com a autorização, todas as medidas e protocolos de saúde pública, com relação à Pandemia do COVID-19, serão rigorosamente seguidos, utilizando-se os meios de comunicação virtual, para realizar os contatos, as entrevistas, solicitar documentos, etc, caso não seja possível a presença in loco.

Informo, ainda, que não haverá quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes, não haverá custos para a instituição e, na medida do possível, não irei interferir na operacionalização e/ou nas atividades cotidianas da mesma. Seguirei todas as regras e ordenamentos emanados pela direção daquele ergástulo público.

Esclareço que tal autorização é uma pré-condição bioética para execução de qualquer estudo envolvendo seres humanos, sob qualquer forma ou dimensão, em consonância com a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e dessa forma me comprometo a preservar a privacidade dos sujeitos da pesquisa, cujos dados serão coletados.

Agradeço, antecipadamente, seu apoio e compreensão, certa de sua colaboração para o desenvolvimento da pesquisa científica.

Atenciosamente,



VIRGÍNIA FERNANDES FRANZ  
Pesquisadora responsável



ELNI ELISA WILLMS  
Professora Orientadora da pesquisa

## ANEXO F: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - prof.<sup>a</sup> Cancionila

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE Nº 510/16.

Prezada Senhora,

Você está sendo convidada para participar como voluntária da pesquisa MULHERES ENCLAUSURADAS: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO HUMANA que está sendo desenvolvida por VIRGÍNIA FERNANDES FRANZ, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da Universidade Federal de Rondonópolis, sob a orientação da Profa. Dra. ELNI ELISA WILLMS.

O objetivo do estudo é analisar o processo de humanização na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis, ocorrido a partir de projetos de leitura que se desenvolvem na Biblioteca Pagu - Projeto de Extensão “Leituras sem Grades”, desenvolvido por estudantes de diversos cursos e coordenado por professores do Curso de Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus de Rondonópolis e Projeto de Extensão “Leitura para a liberdade”, advindo da Portaria Conjunta n.001/2017, da 5ª Promotoria de Justiça Criminal de Rondonópolis e do Juízo da 4ª Vara Criminal de Rondonópolis.

A finalidade deste trabalho é contribuir para o entendimento da educação no cárcere e a melhoria de condições humanas e sociais das detentas através da aproximação com a leitura de literatura, que tem sua função humanizadora, identificando, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, conceitos, abordagens e sentidos sobre leitura, sistema prisional e ressocialização, a história do Projeto de Extensão Leituras sem grades e Leitura para a Liberdade, coletando entrevistas em ambiente virtual de participantes desses projetos desenvolvidos na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis: psicóloga, professora da escola da cadeia, professora da UFMT e de algumas detentas, verificando, por fim, quais contribuições os projetos de leitura puderam trazer à ressocialização e possível humanização destas detentas.

Portanto, solicitamos a sua colaboração para concessão de entrevista, por meio virtual, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica nacional e/ou internacional.

Saliento que foi adotado pela pesquisadora, diante do protocolo de segurança contra a COVID-19, a realização das entrevistas e coleta de dados em ambiente virtual, para resguardo da saúde de todas as pessoas dentro da unidade prisional.

Informo que serão feitos dois encontros virtuais, sendo o primeiro para apresentação da pesquisa e convidá-la a participar – com assinatura (digital e posterior escaneamento do documento) do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE, que será elaborado em duas vias e encaminhado via e-mail individual (no caso das detentas, o TCLE será encaminhado para a diretora da unidade prisional), onde será orientado a sua guarda em arquivo para futuras consultas – e o segundo encontro para a entrevista. Será garantida à participante da pesquisa o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento.

As entrevistas com as participantes psicóloga, professora e detentas ocorrerão no ambiente da Cadeia Feminina, em dia e hora agendados com a direção da Unidade, com seu consentimento prévio, em ambiente virtual, através de gravação de áudio. A entrevista com a professora da UFMT, também, será realizada em ambiente virtual, combinada por contato telefônico a sua disponibilidade. A coleta de dados (documentação e fotografias da estrutura física da unidade prisional) será feita junto à diretoria da unidade prisional, em ambiente virtual.

Assim, tanto para as entrevistas com as participantes como para as coletas de dados, será utilizada plataforma virtual (Google Meet, Zoom, Whatsapp, etc), tão-somente, com gravação

de áudio e, as fotografias da unidade prisional e da biblioteca serão coletadas e fornecidas, via e-mail, pela diretoria.

Posteriormente, essas entrevistas serão transcritas e submetidas cópias às participantes para conferir se concordam com o que disseram e se querem corrigir ou acrescentar algo que, por ventura, tenha ficado lacunar ou sem sentido.

As participantes serão identificadas por pseudônimo sugerido por elas, afim de garantir o anonimato, sendo-lhes garantida a confiabilidade do resguardo das informações e dos áudios, os quais não serão divulgados sem o consentimento.

Em caso de danos decorrentes da pesquisa, a participante tem direito à indenização.

Informo que essa pesquisa poderá gerar possíveis riscos e/ou desconfortos para alguns participantes da pesquisa, como invasão de privacidade ao estar em contato dentro do ambiente prisional e responder a questões sensíveis, tais como os motivos da prisão e vida futura (para as participantes detentas); interferência na rotina das participantes, considerando que as entrevistas ocorrerão em ambiente no qual se desenrola a rotina diária de cada uma; desconforto ao, quando realizar as perguntas sobre o livro lido, virem à tona as dificuldades e possíveis respostas relacionando as histórias com a vida real, podendo ocorrer sentimento de discriminação, revitimização, estigmatização e perda do autocontrole e da integridade ao revelar alguns conteúdos; divulgação de áudio, em razão das entrevistas a serem realizadas em ambiente virtual; tomada de tempo do participante ao responder ao questionário/entrevista; perda de documentação armazenada virtualmente.

Porém, a pesquisadora se compromete a tomar medidas para prevenir e/ou minimizar tais riscos como, estar atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto, minimizar desconfortos gerados expressando palavras calmas durante as entrevistas, garantindo local virtual reservado e liberdade para não responder ou não as questões ou expor fatos de suas vidas consideradas constrangedoras; Agir com habilidade, presteza e objetividade ao realizar as entrevistas e a coleta dos dados, além da não violação à integridade dos documentos angariados; garantir a confiabilidade do resguardo das informações, dos áudios e das fotografias da estrutura física interna da unidade prisional, os quais não serão divulgados sem o consentimento da participante, assegurando a confidencialidade e a privacidade das produções de voz feitas para a proteção da participante, com o armazenamento de cópia em local seguro, para acesso exclusivo da pesquisadora que utilizara os meios de proteção e sigilo virtual dos documentos durante o uso da internet (programas de proteção); Concluída a coleta de dados, será feito o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico particular, sendo apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem"; manter o sigilo de identidade e a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico financeiro, certa que, em caso de divulgação, será buscada a correção imediata junto os meios disponíveis e devidos no momento (judicial, administrativo, mídia, etc) a fim de reduzir os impactos e garantir a correta divulgação pública dos resultados; respeitar sempre os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes quando as pesquisas envolverem comunidades, sem expressar opinião que leve a entendimentos dúbios e que cause polêmica ou desrespeito; informar o resultado obtido no decorrer da pesquisa, a fim de garantir que traduzir-se-ão em benefícios cujos efeitos continuem a se fazer sentir após sua conclusão, para as demais detentas; assegurar a inexistência de conflito de interesses entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, uma vez que o desenvolver do trabalho trará benefícios públicos a todos os envolvidos, sem qualquer interesse particular ou secundário da pesquisadora, que agirá com a devida ética e prestar informações acerca do projeto sempre que perguntada.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, a senhora não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisadora.



Saliento que a pesquisadora seguirá as orientações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) em relação a procedimentos que envolvam o contato com participantes e/ou coleta de dados em qualquer etapa da pesquisa, em ambiente virtual, a fim de preservar a proteção, segurança e os direitos dos participantes de pesquisa, em conformidade com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS – nº 510 de 2016.

Além dos riscos e benefícios relacionados com a participação na pesquisa, destaca-se a possibilidade de ocorrências de outros riscos, característicos do ambiente virtual, meios eletrônicos, ou atividades não presenciais, em função das limitações das tecnologias utilizadas, como perda do material ou abertura do sistema por problemas tecnológicos ou invasões não autorizadas, estando a pesquisadora, nesse caso, limitada para assegurar total confidencialidade e potencial risco de sua violação, diante da sua vulnerabilidade para sanar problemas técnicos virtuais insuperáveis e irrecuperáveis.

Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, será assegurada sua retirada da pesquisa em qualquer fase da mesma, sem nenhum tipo de repreensão, constrangimento, prejuízo ou dano.

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

---

VIRGÍNIA FERNANDES FRANZ  
Pesquisadora responsável pela pesquisa

---

ELNI ELISA WILLMS  
Professora Orientadora da pesquisa

Considerando, que fui informada dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como, também, concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Seguem rubricadas, por todos, as páginas onde não constam as assinaturas.

Rondonópolis/MT, 13 de agosto de 2021.




---

**CANCIONILA JANZKOVSKI CARDOSO**  
**Professora participante do Projeto de Extensão Leituras sem Grades**

Contato com a Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo ou desistir da participação, favor ligar para a pesquisadora VIRGÍNIA FERNANDES FRANZ no telefone: 66-99965.8160 ou pelo e-mail [vivimfernandes@hotmail.com](mailto:vivimfernandes@hotmail.com), ou para a coordenadora Raquel Gonçalves Salgado, do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), Endereço: Avenida dos Estudantes, nº 5055, Cidade Universitária. Rondonópolis/ MT, CEP: 78736-900. Telefone: (66) 3410-4153, Email: [cep@ufr.edu.br](mailto:cep@ufr.edu.br), tudo em consonância com a RESOLUÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE – CNS – Nº 510 DE 2016 e ORIENTAÇÕES PARA PROCEDIMENTOS EM PESQUISAS COM QUALQUER ETAPA EM AMBIENTE



VIRTUAL, do Ministério da Saúde - Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde -  
Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

## ANEXO G: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - psicóloga Priscila

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE Nº 510/16.

Prezada Senhora,

Você está sendo convidada para participar como voluntária da pesquisa MULHERES ENCLAUSURADAS: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO HUMANA que está sendo desenvolvida por VIRGÍNIA FERNANDES FRANZ, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da Universidade Federal de Rondonópolis, sob a orientação da Profa. Dra. ELNI ELISA WILLMS.

O objetivo do estudo é analisar o processo de humanização na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis, ocorrido a partir de projetos de leitura que se desenvolvem na Biblioteca Pagu - Projeto de Extensão “Leituras sem Grades”, desenvolvido por estudantes de diversos cursos e coordenado por professores do Curso de Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus de Rondonópolis e Projeto de Extensão “Leitura para a liberdade”, advindo da Portaria Conjunta n.001/2017, da 5ª Promotoria de Justiça Criminal de Rondonópolis e do Juízo da 4ª Vara Criminal de Rondonópolis.

A finalidade deste trabalho é contribuir para o entendimento da educação no cárcere e a melhoria de condições humanas e sociais das detentas através da aproximação com a leitura de literatura, que tem sua função humanizadora, identificando, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, conceitos, abordagens e sentidos sobre leitura, sistema prisional e ressocialização, a história do Projeto de Extensão Leituras sem grades e Leitura para a Liberdade, coletando entrevistas em ambiente virtual de participantes desses projetos desenvolvidos na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis: psicóloga, professora da escola da cadeia, professora da UFMT e de algumas detentas, verificando, por fim, quais contribuições os projetos de leitura puderam trazer à ressocialização e possível humanização destas detentas.

Portanto, solicitamos a sua colaboração para concessão de entrevista, por meio virtual, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica nacional e/ou internacional.

Saliento que foi adotado pela pesquisadora, diante do protocolo de segurança contra a COVID-19, a realização das entrevistas e coleta de dados em ambiente virtual, para resguardo da saúde de todas as pessoas dentro da unidade prisional.

Informo que serão feitos dois encontros virtuais, sendo o primeiro para apresentação da pesquisa e convidá-la a participar – com assinatura (digital e posterior escaneamento do documento) do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE, que será elaborado em duas vias e encaminhado via e-mail individual (no caso das detentas, o TCLE será encaminhado para a diretora da unidade prisional), onde será orientado a sua guarda em arquivo para futuras consultas – e o segundo encontro para a entrevista. Será garantida à participante da pesquisa o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento.

As entrevistas com as participantes psicóloga, professora e detentas ocorrerão no ambiente da Cadeia Feminina, em dia e hora agendados com a direção da Unidade, com seu consentimento prévio, em ambiente virtual, através de gravação de áudio. A entrevista com a professora da UFMT, também, será realizada em ambiente virtual, combinada por contato telefônico a sua disponibilidade. A coleta de dados (documentação e fotografias da estrutura física da unidade prisional) será feita junto à diretoria da unidade prisional, em ambiente virtual.

Assim, tanto para as entrevistas com as participantes como para as coletas de dados, será utilizada plataforma virtual (Google Meet, Zoom, Whatsapp, etc), tão-somente, com gravação

de áudio e, as fotografias da unidade prisional e da biblioteca serão coletadas e fornecidas, via e-mail, pela diretoria.

Posteriormente, essas entrevistas serão transcritas e submetidas cópias às participantes para conferir se concordam com o que disseram e se querem corrigir ou acrescentar algo que, por ventura, tenha ficado lacunar ou sem sentido.

As participantes serão identificadas por pseudônimo sugerido por elas, afim de garantir o anonimato, sendo-lhes garantida a confiabilidade do resguardo das informações e dos áudios, os quais não serão divulgados sem o consentimento.

Em caso de danos decorrentes da pesquisa, a participante tem direito à indenização.

Informo que essa pesquisa poderá gerar possíveis riscos e/ou desconfortos para alguns participantes da pesquisa, como invasão de privacidade ao estar em contato dentro do ambiente prisional e responder a questões sensíveis, tais como os motivos da prisão e vida futura (para as participantes detentas); interferência na rotina das participantes, considerando que as entrevistas ocorrerão em ambiente no qual se desenrola a rotina diária de cada uma; desconforto ao, quando realizar as perguntas sobre o livro lido, virem à tona as dificuldades e possíveis respostas relacionando as histórias com a vida real, podendo ocorrer sentimento de discriminação, revitimização, estigmatização e perda do autocontrole e da integridade ao revelar alguns conteúdos; divulgação de áudio, em razão das entrevistas a serem realizadas em ambiente virtual; tomada de tempo do participante ao responder ao questionário/entrevista; perda de documentação armazenada virtualmente.

Porém, a pesquisadora se compromete a tomar medidas para prevenir e/ou minimizar tais riscos como, estar atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto, minimizar desconfortos gerados expressando palavras calmas durante as entrevistas, garantindo local virtual reservado e liberdade para não responder ou não as questões ou expor fatos de suas vidas consideradas constrangedoras; Agir com habilidade, presteza e objetividade ao realizar as entrevistas e a coleta dos dados, além da não violação à integridade dos documentos angariados; garantir a confiabilidade do resguardo das informações, dos áudios e das fotografias da estrutura física interna da unidade prisional, os quais não serão divulgados sem o consentimento da participante, assegurando a confidencialidade e a privacidade das produções de voz feitas para a proteção da participante, com o armazenamento de cópia em local seguro, para acesso exclusivo da pesquisadora que utilizara os meios de proteção e sigilo virtual dos documentos durante o uso da internet (programas de proteção); Concluída a coleta de dados, será feito o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico particular, sendo apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem"; manter o sigilo de identidade e a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico financeiro, certa que, em caso de divulgação, será buscada a correção imediata junto os meios disponíveis e devidos no momento (judicial, administrativo, mídia, etc) a fim de reduzir os impactos e garantir a correta divulgação pública dos resultados; respeitar sempre os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes quando as pesquisas envolverem comunidades, sem expressar opinião que leve a entendimentos dúbios e que cause polêmica ou desrespeito; informar o resultado obtido no decorrer da pesquisa, a fim de garantir que traduzir-se-ão em benefícios cujos efeitos continuem a se fazer sentir após sua conclusão, para as demais detentas; assegurar a inexistência de conflito de interesses entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, uma vez que o desenvolver do trabalho trará benefícios públicos a todos os envolvidos, sem qualquer interesse particular ou secundário da pesquisadora, que agirá com a devida ética e prestar informações acerca do projeto sempre que perguntada.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, a senhora não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisadora.

Saliento que a pesquisadora seguirá as orientações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) em relação a procedimentos que envolvam o contato com participantes e/ou coleta de dados em qualquer etapa da pesquisa, em ambiente virtual, a fim de preservar a proteção, segurança e os direitos dos participantes de pesquisa, em conformidade com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS – nº 510 de 2016.

Além dos riscos e benefícios relacionados com a participação na pesquisa, destaca-se a possibilidade de ocorrências de outros riscos, característicos do ambiente virtual, meios eletrônicos, ou atividades não presenciais, em função das limitações das tecnologias utilizadas, como perda do material ou abertura do sistema por problemas tecnológicos ou invasões não autorizadas, estando a pesquisadora, nesse caso, limitada para assegurar total confidencialidade e potencial risco de sua violação, diante da sua vulnerabilidade para sanar problemas técnicos virtuais insuperáveis e irreversíveis.

Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, será assegurada sua retirada da pesquisa em qualquer fase da mesma, sem nenhum tipo de repreensão, constrangimento, prejuízo ou dano.

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

---

VIRGÍNIA FERNANDES FRANZ  
Pesquisadora responsável pela pesquisa

---

ELNI ELISA WILLMS  
Professora Orientadora da pesquisa

Considerando, que fui informada dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como, também, concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Seguem rubricadas, por todos, as páginas onde não constam as assinaturas.

Rondonópolis/MT, \_\_\_\_\_ de 2021.

DE ACORDO:

---

PRISCILA DE SALLES TOTI DOMICIANO  
Psicóloga da CPFR

---

SILVANA DOS SANTOS LEITE LOPES  
Diretora CPFR

Contato com a Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo ou desistir da participação, favor ligar para a pesquisadora VIRGÍNIA FERNANDES FRANZ no telefone: 66-99965.8160 ou pelo e-mail [vivimfernandes@hotmail.com](mailto:vivimfernandes@hotmail.com), ou para a coordenadora Raquel Gonçalves Salgado, do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), Endereço: Avenida dos Estudantes, nº 5055, Cidade Universitária. Rondonópolis/ MT, CEP: 78736-900. Telefone: (66) 3410-4153, Email: [cep@ufr.edu.br](mailto:cep@ufr.edu.br), tudo em consonância com a RESOLUÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE – CNS – Nº 510 DE 2016 e ORIENTAÇÕES PARA PROCEDIMENTOS EM PESQUISAS COM QUALQUER ETAPA EM AMBIENTE VIRTUAL, do Ministério da Saúde - Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

## ANEXO H: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Participantes

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE Nº 510/16.

Prezada Senhora,

Você está sendo convidada para participar como voluntária da pesquisa MULHERES ENCLAUSURADAS: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO HUMANA que está sendo desenvolvida por VIRGÍNIA FERNANDES FRANZ, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da Universidade Federal de Rondonópolis, sob a orientação da Profa. Dra. ELNI ELISA WILLMS.

O objetivo do estudo é analisar o processo de humanização na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis, ocorrido a partir de projetos de leitura que se desenvolvem na Biblioteca Pagu - Projeto de Extensão “Leituras sem Grades”, desenvolvido por estudantes de diversos cursos e coordenado por professores do Curso de Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus de Rondonópolis e Projeto de Extensão “Leitura para a liberdade”, advindo da Portaria Conjunta n.001/2017, da 5ª Promotoria de Justiça Criminal de Rondonópolis e do Juízo da 4ª Vara Criminal de Rondonópolis.

A finalidade deste trabalho é contribuir para o entendimento da educação no cárcere e a melhoria de condições humanas e sociais das detentas através da aproximação com a leitura de literatura, que tem sua função humanizadora, identificando, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, conceitos, abordagens e sentidos sobre leitura, sistema prisional e ressocialização, a história do Projeto de Extensão Leituras sem grades e Leitura para a Liberdade, coletando entrevistas em ambiente virtual de participantes desses projetos desenvolvidos na Cadeia Pública Feminina de Rondonópolis: psicóloga, professora da escola da cadeia, professora da UFMT e de algumas detentas, verificando, por fim, quais contribuições os projetos de leitura puderam trazer à ressocialização e possível humanização destas detentas.

Portanto, solicitamos a sua colaboração para concessão de entrevista, por meio virtual, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica nacional e/ou internacional.

Saliento que foi adotado pela pesquisadora, diante do protocolo de segurança contra a COVID-19, a realização das entrevistas e coleta de dados em ambiente virtual, para resguardo da saúde de todas as pessoas dentro da unidade prisional.

Informo que serão feitos dois encontros virtuais, sendo o primeiro para apresentação da pesquisa e convidá-la a participar – com assinatura (digital e posterior escaneamento do documento) do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE, que será elaborado em duas vias e encaminhado via e-mail individual (no caso das detentas, o TCLE será encaminhado para a diretora da unidade prisional), onde será orientado a sua guarda em arquivo para futuras consultas – e o segundo encontro para a entrevista. Será garantida à participante da pesquisa o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento.

As entrevistas com as participantes psicóloga, professora e detentas ocorrerão no ambiente da Cadeia Feminina, em dia e hora agendados com a direção da Unidade, com seu consentimento prévio, em ambiente virtual, através de gravação de áudio. A entrevista com a professora da UFMT, também, será realizada em ambiente virtual, combinada por contato telefônico a sua disponibilidade. A coleta de dados (documentação e fotografias da estrutura física da unidade prisional) será feita junto à diretoria da unidade prisional, em ambiente virtual.

Assim, tanto para as entrevistas com as participantes como para as coletas de dados, será utilizada plataforma virtual (Google Meet, Zoom, Whatsapp, etc), tão-somente, com gravação

de áudio e, as fotografias da unidade prisional e da biblioteca serão coletadas e fornecidas, via e-mail, pela diretoria.

Posteriormente, essas entrevistas serão transcritas e submetidas cópias às participantes para conferir se concordam com o que disseram e se querem corrigir ou acrescentar algo que, por ventura, tenha ficado lacunar ou sem sentido.

As participantes serão identificadas por pseudônimo sugerido por elas, afim de garantir o anonimato, sendo-lhes garantida a confiabilidade do resguardo das informações e dos áudios, os quais não serão divulgados sem o consentimento.

Em caso de danos decorrentes da pesquisa, a participante tem direito à indenização.

Informo que essa pesquisa poderá gerar possíveis riscos e/ou desconfortos para alguns participantes da pesquisa, como invasão de privacidade ao estar em contato dentro do ambiente prisional e responder a questões sensíveis, tais como os motivos da prisão e vida futura (para as participantes detentas); interferência na rotina das participantes, considerando que as entrevistas ocorrerão em ambiente no qual se desenrola a rotina diária de cada uma; desconforto ao, quando realizar as perguntas sobre o livro lido, virem à tona as dificuldades e possíveis respostas relacionando as histórias com a vida real, podendo ocorrer sentimento de discriminação, revitimização, estigmatização e perda do autocontrole e da integridade ao revelar alguns conteúdos; divulgação de áudio, em razão das entrevistas a serem realizadas em ambiente virtual; tomada de tempo do participante ao responder ao questionário/entrevista; perda de documentação armazenada virtualmente.

Porém, a pesquisadora se compromete a tomar medidas para prevenir e/ou minimizar tais riscos como, estar atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto, minimizar desconfortos gerados expressando palavras calmas durante as entrevistas, garantindo local virtual reservado e liberdade para não responder ou não as questões ou expor fatos de suas vidas consideradas constrangedoras; Agir com habilidade, presteza e objetividade ao realizar as entrevistas e a coleta dos dados, além da não violação à integridade dos documentos angariados; garantir a confiabilidade do resguardo das informações, dos áudios e das fotografias da estrutura física interna da unidade prisional, os quais não serão divulgados sem o consentimento da participante, assegurando a confidencialidade e a privacidade das produções de voz feitas para a proteção da participante, com o armazenamento de cópia em local seguro, para acesso exclusivo da pesquisadora que utilizara os meios de proteção e sigilo virtual dos documentos durante o uso da internet (programas de proteção); Concluída a coleta de dados, será feito o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico particular, sendo apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem"; manter o sigilo de identidade e a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico financeiro, certa que, em caso de divulgação, será buscada a correção imediata junto os meios disponíveis e devidos no momento (judicial, administrativo, mídia, etc) a fim de reduzir os impactos e garantir a correta divulgação pública dos resultados; respeitar sempre os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes quando as pesquisas envolverem comunidades, sem expressar opinião que leve a entendimentos dúbios e que cause polêmica ou desrespeito; informar o resultado obtido no decorrer da pesquisa, a fim de garantir que traduzir-se-ão em benefícios cujos efeitos continuem a se fazer sentir após sua conclusão, para as demais detentas; assegurar a inexistência de conflito de interesses entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, uma vez que o desenvolver do trabalho trará benefícios públicos a todos os envolvidos, sem qualquer interesse particular ou secundário da pesquisadora, que agirá com a devida ética e prestar informações acerca do projeto sempre que perguntada.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, a senhora não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisadora.

Saliento que a pesquisadora seguirá as orientações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) em relação a procedimentos que envolvam o contato com participantes e/ou coleta de dados em qualquer etapa da pesquisa, em ambiente virtual, a fim de preservar a proteção, segurança e os direitos dos participantes de pesquisa, em conformidade com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS – nº 510 de 2016.

Além dos riscos e benefícios relacionados com a participação na pesquisa, destaca-se a possibilidade de ocorrências de outros riscos, característicos do ambiente virtual, meios eletrônicos, ou atividades não presenciais, em função das limitações das tecnologias utilizadas, como perda do material ou abertura do sistema por problemas tecnológicos ou invasões não autorizadas, estando a pesquisadora, nesse caso, limitada para assegurar total confidencialidade e potencial risco de sua violação, diante da sua vulnerabilidade para sanar problemas técnicos virtuais insuperáveis e irreversíveis.

Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, será assegurada sua retirada da pesquisa em qualquer fase da mesma, sem nenhum tipo de repreensão, constrangimento, prejuízo ou dano.

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

---

VIRGÍNIA FERNANDES FRANZ  
Pesquisadora responsável pela pesquisa

---

ELNI ELISA WILLMS  
Professora Orientadora da pesquisa

Considerando, que fui informada dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como, também, concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Seguem rubricadas, por todos, as páginas onde não constam as assinaturas.

Rondonópolis/MT, \_\_\_\_\_ de 2021.

---

**Participante da Pesquisa**  
Nome: \_\_\_\_\_

---

**SILVANA DOS SANTOS LEITE LOPES**  
Diretora da CPFR

Contato com a Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo ou desistir da participação, favor ligar para a pesquisadora VIRGÍNIA FERNANDES FRANZ no telefone: 66-99965.8160 ou pelo e-mail [vivimfernandes@hotmail.com](mailto:vivimfernandes@hotmail.com), ou para a coordenadora Raquel Gonçalves Salgado, do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), Endereço: Avenida dos Estudantes, nº 5055, Cidade Universitária. Rondonópolis/ MT, CEP: 78736-900. Telefone: (66) 3410-4153, Email: [cep@ufr.edu.br](mailto:cep@ufr.edu.br), tudo em consonância com a RESOLUÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE – CNS – Nº 510 DE 2016 e ORIENTAÇÕES PARA PROCEDIMENTOS EM PESQUISAS COM QUALQUER ETAPA EM AMBIENTE VIRTUAL, do Ministério da Saúde - Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.